﻿The Project Gutenberg EBook of Estrellas Propícias, by

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.org

Title: Estrellas Propícias

Author: Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco

Release Date: September 21, 2010 [EBook #33788]

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK ESTRELLAS PROPÍCIAS \*\*\*

Produced by Rita Farinha, Alberto Manuel Brandão Simões

and the Online Distributed Proofreading Team at

http://www.pgdp.net (This book was produced from scanned

images of public domain material from the Google Print

project.)

\*Nota de editor:\* Devido à existência de erros tipográficos neste

texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em caso

de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final

deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Setembro 2010)

ESTRELLAS PROPICIAS.

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO QUE SE ENCONTRAM Á VENDA NAS LIVRARIAS

DE VIUVA MORÉ

PORTO E COIMBRA.

Abençoadas lagrimas, drama 240

Amor de perdição 500

Agostinho de Ceuta, drama 240

Cabeça, coração e estomago 500

Carlota Angela 400

Coisas espantosas 500

Doze casamentos felizes 500

Duas epochas da vida 600

Estrellas funestas 500

Justiça, drama 200

Livro negro 500

Marquez de Torres Novas, drama 400

Memorias do Carcere, 2 vol 800

Morgado de Fafe, drama 200

Romance d'um homem rico 500

Scenas innocentes da comedia humana 500

As tres irmans 500

Um livro, poesias 360

ESTRELLAS PROPICIAS.

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

V. M.

PORTO,

EM CASA DE VIUVA MORÉ - EDITORA,

PRAÇA DE D. PEDRO.

A mesma casa em Coimbra, | Casa de Commissões em Paris,

Rua da Calçada. | 2^{bis}, Rua d'Arcole.

1863.

TYP. DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,

Rua do Almada, 641.

ESTRELLAS PROPICIAS.

I.

Navegando contra a corrente do Lima--o rio das saudades e dos pavores da

mythologia--vereis, a meia legua distante de Vianna, na margem direita,

uma casa apalaçada, em parte cantaria que os seculos denegriram, em

parte edificação moderna, caiada, tingida, variegada, coisa sem graça,

sem poesia, que toda lhe tira a magestosa e veneranda avó, alli á beira,

com o seu toucado de ameias e collares de embrincadas laçarias.

Da margem do rio ao edificio conduz uma vereda relvosa ladeada de

alamos, cilindras, hidranjas, e outras arvores e arbustos, que ensombram

a convidativa álea. Lá no tôpo entrevêdes um chafariz, rodeado de bancos

de pedra, e abobadado por um pavilhão de chorões, cujos troncos a mão do

tempo torneou e retorceu em caprichosos feitios.

Se mandaes parar o barquinho diante d'esse obscuro alcáçar das

esquecidas musas do idyllio, d'esse manancial dos gratos devaneios, ao

abrir de uma manhan de agosto, ou ao entardecer de um dia da estação do

outomno--a mais amavel do Minho--ahi ficareis como arrobados, sentindo

sem saber o que, desejando sem dar limites ao desejo, aspirando a

enlevos que vos não parecem da terra, nem os sabereis dizer, se cuidaes

que vos transportam ao ceo. O que vêdes, se sabeis copiar a natureza na

tela, no verso, ou na prosa, podereis conseguir que nós tambem o vejamos

em sombra; o sentir, porém, que semelhante espectaculo, a tal hora, vos

suggere, sêde embora Raphael, Fénélon, ou Delille, que não lograreis

verter em nossas almas a poesia das vossas. Folheai o livrinho, todo

mimo e deleite, do poeta Bernardes, sentido e escripto alli n'aquellas

margens; cuidareis vêr n'elle as harmonias que vos soam ao coração em

descompassadas notas; e, melancolicamente, abrireis mão das maviosas

poesias, que dizem menos que o susurro da veia limpida na fluctuante

frança do salgueiro, ou o regorgeio do rouxinol, que vos fugiu da

margem, para de longe vos estar conversando com o espirito alheado. Nos

versos e nas poeticas prosas do mais canoro bardo do Minho[1], se vos

deparam relanços de delicado sentimento, doçuras campezinas, que todas

recendem os aromas d'aquelles relvados e arvoredos. No mavioso romance

d'outro cantor e prosador sentimental do jardim d'esta formosa terra[2],

lá inspirado, lá haurido no mel de tantas colmeias, nem ahi achaes senão

o bosquejo das visões que adentraram vosso animo, e de vós se apartam,

mal vos embaralhaes com homens vascolejados em negocios da vida real.

Não ha coração que sostenha em si poesia, quando cuidados o empegam no

commum esterquilinio, onde todos, uns mais que outros, nos rebalçamos,

embora á luz do sol das praças, e á luz das serpentinas das salas, as

immundicias brilhem como ouro, ou alvejem como arminhos.

Não ha, pois, dizer o que sente cada um, ao abrir da manhan, ou descahir

da tarde, se alli parou e contemplou do seu barquinho a avenida

arborisada, o repuxo com seu docel de ramagem, e as cornijas

denticuladas da vetusta metade do edificio.

Se por lá derivasseis, ao fim de uma tarde de agosto de 1844, e o

rumorejo da corrente vos não houvesse entorpecido a vida exterior,

verieis, ao cimo da avenida, n'um dos bancos circumpostos á fonte, uma

senhora reclinada com o descuido de quem se crê sósinha, sobre um

respaldo de massiço, que brandamente se amollentava, para, a prazer da

solitaria scismadora, se lhe modular ás fórmas gentis.

A seu lado estava uma carta de muitas paginas, sobre a qual ella

assentava a mão descahida em langoroso quebranto. O que certamente não

verieis eram as lagrimas, que humedeciam a carta, e outras que desciam

nas faces, e paravam aos cantos dos labios, como se ahi esperassem que

um sorriso de esperança outra vez as embebesse no coração.

De véras creio que o meu leitor ahi se ficaria em quanto o vestido

branco da formosa visão se estremasse da escuridade das arvores; quando,

porém, a noite lhe fechasse o encanto de olhos, o leitor ir-se-ia,

rio-abaixo, scismando um pouco na solitaria creatura, amante das noites

bellas; e, chegando a Vianna, escassamente se lembraria de têl-a visto,

e só, a muito proposito, perguntaria quem fosse a mulher da pittoresca

vivenda do Minho.

Tivesse eu a honra de ser a pessoa interrogada, e responderia com o

seguinte capitulo, se o leitor me désse ares de sua complacencia em

ouvil-o.

II.

O romancista de mais perluxo gosto em nomes de personagens de novella,

se os procurar nos climas temperados, ahi os acha mais lindos, mais a

molde da strophe, do poema e do romance sentimental. Os nomes de mais

musica, e mais amoraveis, são os das mulheres gregas, se todos soam como

os das heroinas de Byron, de Hugo, e dos poetas affeiçoados ás coisas

orientaes.

Desisto de ir á Grecia baptisar as minhas personagens femininas. Escrevo

de Portugal, onde ha nomes de mulheres a competirem de belleza com suas

donas; e, mais que em outra provincia, no coração de todas, no

Minho,--que bem podéra ser a flor da Europa--ahi, na familia de solar, e

na familia da choça, ha peregrinos nomes, que mais parecem ensinados

pela melopeia das aereas musicas, ou dos mui suaves murmurinhos das

florestas, dos rios, das aves e dos insectos.

Corinna da Soledade era o nome da visão, que o meu leitor pudera ver

n'uma tarde de agosto de 1844.

Em outra qualquer tarde poderiamos ver, não uma, mas um rancho de cinco

meninas, a competirem de formosura, todas trajadas de branco, soltos os

cabellos, ou ennastrados de flores, com que se andavam dando invejas ás

outras. Eram as cinco irmans d'aquelle ditoso ermo; as cinco Evas

d'aquelle terreal paraizo, por onde não rastejavam serpentes, estas

serpentes de casaca e luva branca, que são o proprio demonio civilisado

pelo alfaiate, e amoldado a estes tempos illustrados em que nenhuma Eva

de certo se deixaria embair por cobras, propriamente ditas.

Tinha então vinte annos Corinna da Soledade.

Sou avesso a descripções: muitas vezes o tenho dito. Sahem-me todas

muito pallidas e infieis por causa do esforço que faço a dar relevo aos

traços. Profusamente se dispendem os romancistas em mineralogia e

botanica para colherem o effeito das comparações. Flores e pedraria, a

alvura do lyrio, o escarlate do carmim, o niveo jaspe, o rubido coral, a

lustrosa pretidão do azeviche, a ágata para a cutis das mãos, a petala

de rosa para a das faces, o branco avelludado da magnolia para o collo,

o marfim para os dentes... que sei eu!

Corinna da Soledade era de estatura mais que mean, refeita, robusta na

apparencia, mimosa de pelle, mas não alvissima; olhos mais singulares

pela brandura que pelo tamanho, reluzentes como chammas, ou amortecidos

como a luz tibia da lua empanada por transparente nuvem--alternativas

instantaneas, que denotavam as rapidas mutações da alma--; arcadas

negras e sedosas, travadas na base da escampada fronte--rara belleza em

mulher, n'aquellas mesmas, que se chamam Sapho, Staël, ou Sand--, breve

boca de finissimos labios, subtilmente assombrados d'um buço,

imperceptivel a curta distancia, mas de bello effeito na approximação.

Tanto esta, como as outras quatro filhas de Gastão de Noronha, tinham

sido educadas em França, para onde os paes emigraram em 1829. O fidalgo

do Minho homisiara-se, sem conscienciosamente poder dizer que era menos

realista que seus avós; porém, odios velhos de covardes inimigos o

haviam denunciado á alçada, e o prudente sujeito antes quiz confirmar a

denuncia com a fuga, que provar d'entre ferros sua innocencia.

Em 1833 recolheu a numerosa familia á patria. As meninas vinham

esmeradamente educadas em collegio de Paris, e saudosas dos comêços de

vida alegre que ainda experimentaram na capital do mundo. A transição de

Paris para as margens do Lima, as noites fugitivas dos bailes comparadas

com o silencio do palacio velho, em parte ruinas, e rodeado de arvoredos

e murmurios melancolicos, parece que ao mesmo tempo enluctaram o animo

das cinco meninas, que se contemplavam umas ás outras, como se as

lançassem nas praias ermas d'Africa.

Gastara, nos cinco annos de emigração, o jactancioso Noronha, como

gastam em Paris os homens opulentos ou perdularios. Bem que a sua casa,

toda em propriedade rustica, fosse grandemente rendosa, e bastasse a

dar-lhe fama e brilho de rico na sua provincia, os redditos d'ella

escassamente dariam a um parisiense com que sustentar dez pessoas de

familia em recatada decencia. Gastão, recolhendo á patria, rareou a

pouco e pouco as nuvens da poeira olympica de Paris, que lhe empanavam

os olhos, e viu todos os seus haveres ameaçados, se não já feridos de

proxima ruina. Os caseiros e administradores tinham esbanjado e

desbaratado á porfia com elle; porém, tão engenhosamente o fizeram, que

o fidalgo achou-os a elles proprietarios, e legitimos possessores das

quintas que, por ordem do amo homisiado, tinham vendido.

A velha casa solarenga d'onde o fidalgo sahira para o estrangeiro, nos

cinco annos de desamparo e descuido dos administradores, abriu pelo

tecto e fendeu-se pelas abaladas paredes. A familia, affeita a morar em

casas decoradas com graciosas alfaias, quando entrou ao palacete das

margens do Lima, confrangeu-se de pavor como se os vigamentos estivessem

estalando sobre suas cabeças. Fugiram as meninas do salão de espera, e

entraram na sala proxima, onde as mais velhas se recordavam de terem

visto tapetes encarnados, jarrões indianos, e espaldares de sêda. A sala

estava sendo uma eira, com espigas a monte, medas de palha painça, e

instrumentos agricolas, como enxadas, gadanhas, forcados e aguilhadas,

por sobre os jarrões esbotenados.

D. Mafalda, mãe das meninas, quando tal viu rompeu a chorar, e o marido

a praguejar, e as meninas encolheram-se todas a um canto, tão tristes e

intanguidas, como se as tivessem descido por um alçapão ás lageas de

fria masmorra.

Cuidou logo o fidalgo em mandar reconstruir aquella parte da casa, que

eu mostrei ao meu leitor, na margem direita do Lima. Como gizara obra

grande, a belprazer da sua desasizada fantasia, vendeu e hypothecou bens

urgentes á sua sustentação para convertel-os em salas, tapetes,

porcellanas, diwans, sophás, chaises-longues, jardineiras, consoles, e

que taes estrangeirices em que as meninas reconheciam um pedaço do seu

saudoso Paris.

Soffreram maior quebra os rendimentos, sem que a conformidade, se não o

contentamento d'aquella familia, bem aposentada e servida do luxo da

civilisação, os indemnisasse do desfalque dos bens. Gastão de Noronha em

vez de aconselhar paciencia á esposa e ás filhas, era o primeiro a

lastimar-se da solidão em que viviam, do tedio das compridas noites de

inverno, do enfadonho palavrorio dos primos e primas, e dos pessimos

cosinheiros, que nunca tinham bem acertado com o segredo de loirejar á

parisiense umas \_omelettes souflées\_, ou um \_vol-au-vent\_.

Enfadado de tudo, Gastão, incitado pelos gabos que a imprensa portuense

dispensava á sua companhia lyrica, pegou da familia, alvoroçada com a

boa nova, e foi para o Porto, onde passou um inverno, frequentando as

melhores casas, e convidando aos seus bailes a flor da mocidade

portuense.

Imaginou elle que suas filhas, educadas a primor, bem fallantes,

bonitas, e graciosas em seu desembaraço, fariam epocha no Porto, como

costuma dizer-se, e seriam pretendidas dos negociantes ricos á conta de

sua fidalguia. Este plano é o unico signal que temos da intelligencia

domesticamente governamental de Gastão de Noronha. Não se recommenda o

systema aos paes dissipadores e aos fidalgos arruinados, porque, sobre

ser revelho e desautorisado, é seu tanto ou quanto immoral: abstenho-me

de fundar o dito em razões que não agradariam nem moralisariam.

Não ha duvida que as meninas, educadas em França, e formosas como as que

mais o são em Portugal, impressionaram vivamente os moços abastados da

dinheirosa cidade; mas estas impressões redundaram todas em muita

poesia, em muito suspiro, em muitos olhares meigos, e em muita

contradança innocente, quando contradansas podem ser innocentes.

Os mancebos apaixonados viam as meninas, e viam tudo que mais anhelavam;

mas os paes d'estes mancebos, posto que achassem lindas de se verem as

flores, iam de preferencia analysar o tronco da arvore florida, o qual

tronco, como sabem, era Gastão de Noronha. Estas analyses ao tronco

prejudicavam grandemente as flores, como é de ver; e todos os velhos

abastados diziam, á uma, que não queriam enxertias de sua obscura

linhagem em arvore podre. Não sei se o nobilissimo Gastão de Noronha

chegou a saber que lhe chamavam arvore podre!

O sabido é que o fidalgo voltou ás margens do seu Lima, na primavera

seguinte, com as filhas solteiras, e tristes em dobro do que tinham

vindo de Paris.

O Porto d'aquella epocha era muito para dar saudades a quem o trocava,

não direi só pelas solitarias margens d'um rio, mas ainda pelos ruidosos

esplendores da capital.

Quem de lá sahiu ha dezoito annos, e hoje alli voltou, não reconheceu de

certo a sociedade portuense. Então primavam as principaes familias do

commercio, da industria e da jerarchia na magnificencia de seus bailes.

Rara semana corria sem que algum salão reverberasse os seus lustres nas

graças nativas e nos custosos artificios com que se sobre-doiravam

aquellas gentis meninas, que hoje se desvelam em ser mães, e todo seu

viver concentram na vida intima. Das duas ricas provincias, feudatarias

da cidade industrial por excellencia, confluiam, no fim do outomno,

quantidade de morgados e morgadas, que se dispendiam á larga, e

constituiam grande parte da sociedade brilhante, que os folhetins

cantavam, e as modistas vestiam... ou despiam, seria mais acertado

dizer-se. Nenhum festim nupcial dispensava um baile; cada pessoa da

familia opulenta, em seu dia natalicio, tinha um baile; o baile era o

cunho do progresso n'aquella sociedade desentorpecida do marasmo de

seculos, e devotada a competir em pompas com Lisboa, que a não valia

então, nem hoje me affoito a dizer que a vale. E quão diversa agora se

me afigura, quão outra te vi, ó rainha do norte, depois que os teus

próceres trocaram a convivencia dos salões pela commodidade das

equipagens! Foi a parelha que matou o baile indisputavelmente. Foi o

luxo esteril dos urcos e dos arreios, dos trens armorejados, e das

fantasiosas librés que desviou o fecundante capital do intento

civilisador a que o applicaram os patriarchas do progresso n'aquella boa

terra. Era um capital que a todos chegava, todas as classes sociaes

participavam da superabundancia do baile.

Enriquecia a modista.

Prosperava o cabelleireiro.

As confeitarias rivalisavam em primores de bolinhos e pasteis.

O mercador renovava os seus lotes em cada trimestre.

As alfaias dos salões, no ultimo baile, faziam esquecer as pompas do

penultimo.

E, por outro lado, visto pela face moral, o baile era o incentivo mais

energico do talento. Então se viram maravilhas de genio na secção das

locaes, que tão enfezadinha é agora! Então andavam ahi versos, a froixo,

por todos os jornaes; eramos todos poetas, todos tinhamos uma estrella

que cantar, e, pelo commum, aquella estrella luzia-nos da constellação

dos bailes.

E agora, tudo fundido nas carruagens que trancaram as portas dos salões,

tudo, sem excepção das musas!--as proprias musas me quer parecer que

andam aos varaes das seges!

III.

Das meninas, a mais saudosa do Porto era Corinna da Soledade. Razão

tinha mais que as irmans, porque amara mais que todas, e amara sem

intenção nem calculo.

N'um baile do conde do Casal fôra-lhe apresentado Antonio d'Azevedo

Barbosa, moço de vinte e dois annos, nem pallido nem córado, nem triste

nem alegre, um homem egual a todos os homens, como elles são fóra do

romance.

Este Antonio d'Azevedo Barbosa era de Barcellos, filho d'um pequeno

proprietario, que tinha muitos filhos, e mandara o mais velho cursar

jurisprudencia em Coimbra, cuidando erguer um futuro esteio aos irmãos,

lesados em seu patrimonio por amor d'aquelle.

O moço fôra muito novo para Coimbra; ninguem o admoestava a estudar;

viu-se em plena liberdade de suas acções; achou que era muito suave vida

gastar a mesada, e poupar os livros. Assim o fez, e fez mal, que ficou

reprovado em preparatorios.

Os patricios seus contemporaneos na universidade foram contar a

Barcellos o desastre do estudante, não por lhe quererem mal, mas por se

quererem demasiado bem a si: disseram-n'o para que a villa de Barcellos

e o mundo soubessem que Coimbra não é para todos; e, a este proposito,

repetiam as memorandas palavras do senhor Ferrer, lente de direito

natural, aos seus discipulos: «meus senhores, quem não puder ser doutor,

seja sapateiro.»

Manoel d'Azevedo, pae do academico reprovado, adoeceu de paixão, e, se o

não amparam os braços implorantes dos outros filhos, cahia na cova.

Um abbade limitrophe de Barcellos, e tio materno do estudante, levou o

moço para sua casa, e castigou-o com uma tarefa diaria de duzentos

versos de Virgilio, e um thema de duas laudas da \_Vida de Fr.

Bartholomeu dos Martyres\_, e doze paginas do \_Genuense\_, e outras tantas

de rhetorica e geographia. Findou o prazo das ferias, e Antonio tornou a

Coimbra, á custa do abbade. Fez o seu exame de latim, logica, rhetorica

e geographia, com approvação e applausos de bom latinista.

Matriculou-se no primeiro anno, e sobre-excedeu as esperanças do tio e

as ambições do pae: ganhou o segundo premio, e recolheu ao gremio de sua

familia. D'esta vez, o pae ia adoecendo de alegria.

Não se morre de dor, nem de alegria; mas morre-se facilmente d'um

hydro-torax; foi o que n'esse mesmo anno succedeu a Manoel d'Azevedo.

Eram nove os orphãos, e Antonio, o mais velho dos irmãos, tinha dezesete

annos. Fez-se inventario, pagaram-se as dividas do casal, e ficaram

dotados com cento e cincoenta mil reis cada um. O abbade levou as

sobrinhas para sua companhia, que eram quatro; arrumou no commercio os

pequenos, e disse ao segundo-annista da universidade, que se reduzisse a

viver com quatro mil e oitocentos reis de mesada, se queria formar-se.

Antonio respondeu que viveria com menos, para que suas irmans vivessem

com mais.

Foi o moço ao segundo anno, e começou logo a escrever umas cadernetas

que lá denominam «sebentas», as quaes os cuidadosos em reproduzir a

prelecção do lente vendem lithographadas. As sebentas de Antonio

d'Azevedo grangearam reputação de explicitas e bem coordenadas, e

produziram metade de sua subsistencia; a outra metade proveio-lhe da

versão de romances francezes, editados por assignatura. E assim vingou o

segundo anno, e os annos seguintes até completar sua carreira.

O bacharel Antonio d'Azevedo recolheu ao presbyterio do tio com o seu

diploma enrolado n'um tubo de folha de Flandres.

--E agora?--perguntou o abbade, tres mezes depois.

--Agora, estou formado--respondeu o bacharel.

--Bem sei; mas que fazes? quando começas o teu officio de doutor?

--O meu officio de doutor?!--disse Antonio de Azevedo, como perguntando

a si mesmo a utilidade da formatura em direito.

--Sim--tornou o padre--o sapateiro, o marceneiro, o artifice em todos os

mesteres, cumprido o tempo de aprendizagem, começa de ganhar sua vida.

Ha dez annos que tu estudas para isto que hoje és: estás doutor, meu

sobrinho; agora applica o que sabes.

Antonio d'Azevedo achou discreta a admoestação delicada do tio. Recebeu

o seu patrimonio de cento e cincoenta mil reis, e foi a Lisboa requerer.

Ajuntou o pretendente ao seu requerimento as certidões de seus premios

na faculdade, e de seu excellente comportamento, afóra a pathetica

narrativa de sua pobreza, e das quatro orphans dependentes d'elle.

Consta que o ministro da justiça se não commovera, porque não lera a

petição nem os documentos.

O bacharel, ao cabo de seis mezes, pediu ao tio padre que lhe mandasse

alguns soccorros, com que pudesse deter-se mais algum mez em Lisboa,

esperando despacho.

Não lhe respondeu o tio, porque já estava na presença de Deus.

Responderam as irmans, pedindo-lhe que fosse tomar conta d'ellas, visto

que o novo abbade as mandaria sahir da casa da residencia parochial.

Triste nova para o pobre pretendente, que só tinha de seu o diploma, e

uma surrada casaca com que ia ás audiencias semanaes do ministro, o qual

nunca lhe deu fé da casaca, nem dos premios universitarios, nem das

lagrimas!

Escreveu Antonio a um de seus quatro irmãos, que já era guarda-livros

n'uma casa commercial do Porto, pedindo-lhe meios para sahir de Lisboa,

e ir á provincia tomar conta das irmans. O guarda livros acudiu prestes

ao pedido, e partiu logo a segurar a subsistencia ás quatro meninas na

casa agricola em que tinham nascido. Deteve-se ainda alguns mezes o

bacharel em Lisboa, sustentado por seu irmão. A final, baldadas as

supplicas, o triste moço sahiu da capital com intenção de abrir

escriptorio de advogado na sua terra.

Não desagrade ao leitor este familiar estylo com que lhe são contadas

coisas de si tão singelas, que, só á custa de muito florescêl-as, é que

poderiam ser agradaveis. Acceitem-me os successos verdadeiros sem

enfeites; quando eu estiver fantasiando, então lh'os darei ataviados de

modo que a poesia me dispense de ser um fiel copista do que a toda a

hora nos passa diante dos olhos.

Chegou Antonio d'Azevedo ao Porto, e hospedou-se em casa de seu irmão

Joaquim. Acertara de ser o commerciante a cujo serviço estava Joaquim,

pae de dois condiscipulos de Antonio. Receberam-n'o cordialmente,

deram-lhe bom quarto, sentaram-no no melhor logar da sua mesa, e

instaram-o a demorar-se no Porto durante aquelle inverno. N'essa mesma

occasião fôra ao Porto Gastão de Noronha com suas filhas e mulher; e,

como Antonio d'Azevedo, obrigado pelos seus hospedeiros condiscipulos,

fosse aos bailes onde elles iam, ahi está a razão porque Corinna da

Soledade encontrou o bacharel de Barcellos no baile do conde do Casal.

O infortunio abastarda os espiritos, desalenta-os, e de todo os

transfigura. Antonio d'Azevedo vergava debaixo da dependencia, sem

maldizel-a. Sentia-se alquebrado por sua mesma inercia, e esmagado pelo

quasi opprobrio de sua inutilidade. O futuro estava-lhe fechado, futuro

para onde o arremessavam esperanças, que todas vira morrer, durante

aquelle triste viver de supplicas e repulsões á porta de ministros, de

magnates, de influentes, homens que vestem o arnez do egoismo, logo que,

no dizer do senhor A. Herculano, «se recostam nos sophás para onde se

atiraram de cima do tamborete de couro ou da cadeira de pinho.»

Sentia-se o moço brutificado pela desgraça: tem ella de seu o fatal

condão de deslapidar o brilho das ideias, enredando-as, escurecendo-as,

falsificando-as; ha uma como nevoa que empana os objectos ou os

desfigura; o infeliz vê sempre errado; ora crê e confia-se em tudo que

ao commum dos homens é despresivel; ora esquiva-se a tomar pelos

caminhos direitos do bem-estar, que eventualmente se lhe offerecem. Póde

ser que uma linguagem energica lhe valesse uma transformação de vida;

mas o susto, o quasi pavor com que falla aos grandes, e a humildade

lagrimosa com que intenta commovel-os, é ainda um sestro mau da sua

desgraça. E em tudo assim, em tudo, até no amor, que devia estar forro

das cadeias com que a desfortuna peia e trava as demais faculdades. É ao

pé da mulher amada, amada sem confiança nem expansão, é ahi que mais a

olhos observadores se manifesta o infeliz. Nenhuma palavra diz que

lealmente lhe sirva o coração. O que diz é incongruente e absurdo,

quando não é disparate de desfranzir um riso. As agudezas triviaes, que

inculcam fina têmpera de alma, e que todo o homem, medianamente servido

de olhos e intellecto, sabe dizer, tomam no discurso do infeliz umas

entoações ridiculas e antipathicas. Se algum pensamento bem ordenado lhe

entreluz, esmorece ao proferil-o, afroixa-o como inconciliavel com sua

baixa posição, e prefere antes trocal-o por uma semsaboria. Esta é a

sorte de todos os desgraçados, que não são tolos; porém é coisa muito

rara encontrar-se um tolo desgraçado.

Antonio d'Azevedo sondara-se, compulsara-se, e vira a lenta desfiguração

que se operara em sua alma. Impozera-se silencio, que os seus amigos

estranhavam. Negava-se a dar parecer nas mais insignificantes questões.

De si para si dizia elle que sentia uma depressão no cerebro, uma placa

de ferro premindo-lhe a bossa do entendimento. Onde concorresse com

senhoras, ninguem lhe ouvia palavra, senão as precisas para dar um

pretexto a ausentar-se. Muita gente o reputava malfadado; e outra optava

antes por que fosse estupido.

Quando elle viu Corinna da Soledade, estava ao lado d'um sujeito, cuja

maxima gloria n'este globo era poder apresentar um conhecido a outro

conhecido. Assim que alguem lhe dizia: «Vossa senhoria conhece fulano?»

respondia logo: «Quer ser apresentado?» E se os apresentados lhe ficavam

á mão, era logo.

Foi o que aconteceu com Antonio d'Azevedo.

Apenas lhe elle perguntou quem era aquella menina vestida de

azul-celeste, o sujeito travou-lhe do braço, e disse:

--Venha cá.

O bacharel mal sabia onde era levado, quando se viu rosto a rosto de

Corinna, a quem o apresentante disse:

--O meu amigo doutor Antonio d'Azevedo Barbosa, que eu

satisfactoriamente apresento á excellentissima senhora D. Corinna da

Soledade e Noronha, filha do nobilissimo Gastão de Noronha. Agora

deem-me licença, que tenho de fazer quatro apresentações ao conde do

Casal.

Deus livre o leitor de ver-se alguma vez nos apertos do bacharel!

Corinna esperou o logar-commum que deriva da apresentação. Antonio

d'Azevedo não sabia o logar-commum. Foi ella quem o disse:

--Está animadissimo o baile; mas abafa a gente de calor!

--Sim, minha senhora--disse o nosso pobre amigo, puxando pelo colchete

da luva até arrancal-o com a pelica.

Corinna esperou ainda que o moço fosse além da affirmativa do calor, em

que elle parecia estar mais abafado que toda a outra gente: tão copiosas

lhe borbulhavam na testa e faces as camarinhas do suor!

Antonio d'Azevedo viu-se tal qual estava sendo aos olhos da filha de

Gastão de Noronha. Apiedou-se d'elle o seu bom anjo. Levantou-se aquelle

espirito com todo o peso da sua amargura, e disse abruptamente, mas de

compasso:

--Eu não solicitei a honra de ser apresentado a vossa excellencia. Um

homem desgraçado não pede relações. Fui barbaro comigo mesmo entrando

aqui; mas a desventura tem mil rodeios por onde me encaminha a tudo que

me augmenta o desgosto da vida. Resta-me ainda uma sombra de vaidade...

Custa-me que vossa excellencia fique fazendo de mim uma ideia injusta.

Não sou absolutamente estupido: sou infeliz. Perdi o dom da palavra, e

só sei fallar em lagrimas, ou com a minha consciencia, na solidão.

Perdôe-me vossa excellencia este intempestivo desafogo.

E retirou-se, sem dar tempo a um monossyllabo.

Corinna da Soledade seguiu-o interdicta com os olhos, e estranhou

aquella novidade romanesca de que não encontrára exemplo mesmo em Paris.

Antonio d'Azevedo sahiu do baile, que era na casa do quartel general, e

tomou pela rua do Sol a passo vagaroso, até receber a bafagem fria do

Douro, debruçando-se sobre o peitoril do passeio das Fontainhas. Pouco

depois desenrolou-se do mar um denso nevoeiro que se estendeu rio acima,

e logo despediu em nuvens a subir as fragosas ribas da margem direita, e

espraiou-se com taciturna presteza por sobre a cidade. A regélida

neblina arrefecera a cabeça do moço. O que elle estava soffrendo era um

d'aquelles phrenesis que, a longos espaços, atacam os misanthropos.

As pessoas nunca apalpadas por esta penosa enfermidade, cuidam que ou

ella não existe, ou, se existe, em pouco está o combatel-a com os suaves

linimentos da sociabilidade, ou pouco se deve doer de a não gosar o

misanthropo que lhe foge.

Pouco sabe de tamanha desventura quem tal diz! Os accessos de

vertiginosa raiva que padecem os feridos d'esta lepra moral são agonias

mortaes. O esquivarem-se á sociedade, o ouvirem-se unicamente a si

proprios nos monologos selvagens com que a si se amaldiçoam e amaldiçoam

a humanidade, dispara por vezes em enfurecimentos e raivas, que só bem

desafogam se o desgraçado, com as proprias unhas, se dilacera. O homem

sem irmãos, sem familia, sem amigos, sem um mundo que lhe absorva a sua

individualidade e n'elle se identifique, sáe tanto fóra das leis da

natureza, que a sua angustia ha de superar todas as angustias

inconsolaveis. D'estas horas tinha muitas Antonio d'Azevedo, e uma das

mais longas e convulsivas estava elle penando n'aquella noite.

Havia de pensar a leitora que o infeliz ia para as Fontainhas scismar na

imagem de Corinna da Soledade, contar-lhe os seus infortunios sem pejo

d'ella nem das estrellas, consubstancial-a em sua alma pelo mais facil

dos processos que usam amantes imaginativos; em fim, haviam de pensar os

meus amigos que Antonio d'Azevedo era um poeta como nós todos os que

andamos de noite a namorar senhoras nos luzeiros do firmamento, como se

isso servisse d'alguma coisa para o amanho da vida de cada um e de cada

uma. Em minha boa e leal verdade hei de dizer-lhes que o bacharel de

Barcellos era bastante desgraçado para entender em coisas do coração,

que requerem contentamento e paz de espirito. Um homem que medita no

presente e futuro de quatro irmans, reconcentra toda a sua sensibilidade

no coração paternal. O coração dos amores conjugaes--alvo mais ou menos

remoto dos affectos enamorados--esse não se compadece com as tristezas,

que gelam e como que endurecem o espirito.

Em quanto, porém, o moço engolfava os olhos e o pensamento na alvacenta

nuvem que mais e mais se condensava sobre a torrente, Corinna da

Soledade relanceava inquieta os olhos á procura do cavalheiro que lhe

tinha apresentado Antonio d'Azevedo. Ao vel-o, fez-lhe signal com

vehemente interesse, e perguntou-lhe quem era o sujeito que lhe elle

apresentara.

--É um doutor de Barcellos, que eu encontrei, ha dias, hospedado em casa

dos Taveiras, riquissimos commerciantes. Estes meus amigos é que devem

conhecel-o cabalmente, e só elles podem informar vossa excellencia...

Dê-me licença...

O cavalheiro vira de relance um dos dois bachareis, condiscipulos de

Antonio d'Azevedo, e apanhou pelos cabellos o ensejo d'uma apresentação.

Instantes depois voltava, e dizia ter a honra de apresentar á filha do

nobilissimo Gastão de Noronha o doutor Felisberto Taveira, e deixou-os,

segundo disse, para ir apresentar dois amigos da provincia á senhora

condessa do Casal.

Este cavalheiro, alguns annos depois, á hora da morte, ainda apresentou

ao seu confessor as testemunhas do testamento.

IV.

Corinna e Felisberto Taveira conversaram largo espaço. Gastão de

Noronha, reparando no interesse e apparente intimidade com que sua

filha, estranha ás dansas e a tudo, se entretinha, cuidou em averiguar

quem fosse o cavalheiro. As informações deram em resultado que o fidalgo

ficou contente. Houve alli um sujeito que respondeu assim

arithmeticamente á pergunta do nobilissimo Gastão:

--João Bernardo Taveira, quando casou, dotou-se com cento e cincoenta

contos; a mulher trouxe-lhe de dote cento e dez contos: somma duzentos e

sessenta contos. Depois, o Taveira herdou de sua cunhada cento e dez

contos: somma trezentos e setenta contos. O negocio d'esta casa tem ido

sempre em crescente prosperidade. Dou-lhe que, feitas as despezas

domesticas, o capital de trezentos e setenta contos, em trinta annos,

tenha rendido nove por cento. Ahi tem vossa excellencia que a casa de

João Bernardo Taveira deve hoje valer perto de setecentos contos, que

repartidos por dois filhos...

--Trezentos e cincoenta contos--atalhou o fidalgo--é uma fortunasita

soffrivel em Portugal...

--Eu não se me dava de a soffrer em Londres--disse o outro.

Em vista do que, o condescendente pae estimou que sua filha gastasse o

tempo com gente d'aquella bitola.

Ao abrir da manhan entrou Felisberto no quarto de Antonio d'Azevedo, e

encontrou-o emmalando a sua roupa.

--Isso que é?--disse Taveira--onde vaes tu?

--Vou para Barcellos--respondeu serenamente o hospede--Basta de vida

regalada: vamos ao trabalho, que é o unico regalo dos infelizes. Estou

aqui deslocado, meu amigo. Esta vida do teu galhardo Porto não se fez

para mim. Ha de ser-me mais consoladora a soledade e a tristeza de

minhas irmans. Desgraçados com desgraçados.

--Mas--interrompeu Felisberto--que vaes fazer em Barcellos?

--Abrir um escriptorio de requerimentos, e nos dias em que merecer um

tostão com o meu trabalho, dar a minhas irmans um banquete que valha um

tostão; e nos dias em que a minha sciencia das leis não tiver que fazer

com a paz em que vivem os homens, farei discursos a minhas irmans para

persuadil-as á resignação. De qualquer das maneiras carecem ellas de

mim, e eu d'ellas.

--E porque não has de tu--atalhou o leal amigo--dizer ao teu Felisberto

que tuas irmans estão precisadas, e que os prazeres da vida te amarguram

em quanto ellas estão penando? Abre as minhas gavetas, e manda dinheiro

a tuas irmans.

--Obrigado, meu bom irmão. Se a amizade te impõe o dever de ser

generoso, a estima de mim proprio obriga-me a ser homem. Aquelle que

vive de emprestimos, sem ter exhaurido as suas faculdades de aptidão

para o trabalho, póde hypothecar a sua palavra, mas a dignidade, não,

que a não tem.

--Faz a tua vontade, Azevedo; mas vê lá que o teu catonismo de dignidade

te não leve até á ingratidão!...--disse com branda severidade o filho do

millionario.

--Ingratidão!--acudiu o mancebo com sincera magoa.

--É ingratidão esconderes tua vida de quem está com a alma aberta

convidando-te a dar-lhe o prazer de te ser util. É ingratidão

privares-me da alegria de te fazer bem a ti e aos teus.

--Perdoa-me, pois...--interrompeu Azevedo, apertando-lhe

estremecidamente a mão.

--Estás perdoado--tornou Felisberto abraçando-o; mas has de cumprir uma

pena. Ficarás mais algum tempo comnosco. Tuas irmans não são felizes;

mas necessidades creio que as não soffrem. Teu irmão Joaquim reparte com

ellas o seu ordenado, e bem sabes que quatrocentos mil reis abundam á

subsistencia d'uma familia em Barcellos... Vou ajudar-te a desfazer a

mala.

Felisberto ia desdobrando o pouco fato do seu hospede, e fallando ao

mesmo tempo:

--Porque sahiste tão cedo do baile, Azevedo? Ás onze horas já te não

vi...

--Estava triste...

--E que fizestes até ás seis horas e meia fóra de casa?

--Andei a fazer a digestão da felicidade com que sahi de lá--respondeu

sorrindo amargamente Azevedo.

--Que te pareceu aquella mulher com quem falaste? a Corinna?

--Chama-se Corinna?

--Da Soledade! Vê tu que nome, que poesia, e que romance! Quanto daria o

Eugenio Sue por um nome d'estes? Quando aquella menina fôr conhecida dos

poetas menores do Porto, todas as poesias se chamam «Corinnas da

Soledade.» Que te pareceu ella a ti, alma de gelo?

Antonio d'Azevedo córou, lembrando-se de que o seu amigo ouvira d'ella

ou d'outra a singular sahida da sua apresentação, adornada comicamente

de motejos feminis, os mais pungentes de quantos ha.

--Riram-se de mim?--perguntou elle--Tu de certo não ririas, meu Taveira!

--Se riram! que desproposito! Que ha em ti provocador de riso?

--Entre-lembro-me de ter dito não sei quê a essa senhora... O que foi

está-me fazendo a impressão de um mau sonho.

--Disseste-lhe que eras infeliz. Tu crês que a infelicidade faça rir

alguem? Corinna ouviu-te, estranhou o infortunio que se confessa em

bailes; mas não sorriu, condoeu-se, lastimou-te, e pediu-me que te

levasse ámanhan ao baile da Torre da Marca.

--É curiosidade de mulher ociosa?

--Não: é sympathia...

--Com a desgraça?--atalhou Azevedo.

--E com o homem, creio eu; muito mais com o homem. Uma menina de vinte

annos, bella, nobre, e não sei se rica, só por milagre sympathisa com o

homem desgraçado.

--Então...--disse Antonio d'Azevedo, e sosteve-se.

--Então, ias tu perguntar-me se seria amor?

--Não: o infortunio estraga as faculdades da razão, mas não as cega, meu

amigo.

--O que me espanta é o sangue frio com que tu ouves esta revelação, que

faria endoidecer muitos felizes!--tornou Felisberto--Dar-se-ha caso que

tu sejas aleijado de coração! Ó Azevedo, tu já amaste?

--Não tive ainda tempo. Quando a alma trabalha sempre, o coração nunca

está ocioso. Bem sabes que fiz a minha formatura á custa de muitas

vigilias. Acabei de formar-me, e fui para Lisboa requerer. Estive lá

nove mezes; e, n'este longo prazo de desgostos, o menor foi a fome, e o

maior foi a convicção da minha nullidade. Uma vida assim, nem por

descuido se acha illaqueada nas armadilhas do amor.

--Mas deves ter sentido uma aspiração que é commum: deves ter sonhado

uma mulher.

--Não, porque adormecia sempre com a barra de ferro da desgraça sobre o

peito. As mulheres que via nos meus sonhos eram minhas quatro irmans

lindas, desamparadas e pobres. Tinha o coração cheio d'ellas. A

Providencia divina tem-me feito a mercê de não ajuntar uma quinta imagem

ás quatro infelizes que sobejam á minha sensibilidade.

--Ora vamos--tornou Felisberto Taveira--Corinna da Soledade não é mulher

que algum homem veja isentamente. Não te havia ser penoso amal-a, pois

não?

--Tem graça a pergunta!--respondeu Azevedo com affavel sorriso--Creio

que me seria muito facil amal-a se eu fosse Felisberto Taveira, ou um

d'esses mil que recebem um raio d'este sol universal da esperança ou da

alegria. Como queres tu que a minha alma saia do seu abysmo escuro, e vá

como doida banhar-se na luz immensa, n'este mar de paixões deliciosas

que eu mal conheço dos romances que traduzi, como quem copía caracteres

hebraicos, sem os entender? Meu amigo, eu creio que o amor só resiste ás

lagrimas, que são suas: ha um chorar que vem d'outras angustias mais

severas e profundas; e, a meu ver, estas lagrimas vão ao coração, e

devoram o sentimento melindroso do amor.

--É uma theoria, que estás compendiando para um futuro livro, meu

Azevedo; estimo que desbanques o Balzac, o Ovidio, o Sthendal, o

Castilho, e quantos escreveram do amor e da arte de amar; entretanto,

convem-te recolher experiencias. Começas ámanhan a experimentar no baile

da Torre da Marca.

--Tu és tão bom que me deixas ficar em casa!--disse Azevedo.

--Não posso: dei a minha palavra a Corinna, contando com a tua

condescendencia.

--Iremos--acudiu Antonio d'Azevedo.

N'este mesmo dia, Joaquim, guarda-livros dos Taveiras, foi ao quarto de

seu irmão, e disse-lhe:

--Trago-te uma boa nova, Antonio. O senhor Taveira chamou-me ao seu

escriptorio, e augmentou o meu ordenado a um conto e duzentos, para que

eu continuasse a dispender na minha decencia e pequenas negociações que

faço a quantia que dava a nossas irmans. Beijei-lhe as mãos, e

agradeci-lhe em nome d'ellas, e em teu nome. Agora vê tu se precisas

d'alguma quantia para os teus arranjos, que eu tenho de sobra. Se queres

tornar para Lisboa, vai, Antonio, que te não hão de faltar meios. D'aqui

a meia duzia de annos as nossas irmans podem estar casadas com

lavradores remediados, se eu tiver vida e saude. Dois mil cruzados é um

bom dote para cada uma, e eu sinto-me com bastante aptidão e fortuna

para os grangear de dois em dois annos, sem lhes diminuir a ellas a

mesada. Quero ver se tu agora com esta boa noticia te não alegras,

Antonio! Andas ahi tão acabrunhado que pareces um velho! Quem te vir

assim abatido e descuidado do teu aceio, ha de pensar que algum remorso

te atormenta! Vive como toda a gente mais infeliz do que nós somos. Se

foste contrariado, se trabalhaste muito para te formar, agradece a Deus

a intelligencia com que venceste todos os obstaculos. Se não tens agora

emprego, tu serás empregado. Os senhores Taveiras morrem por ti, e tem

muitos amigos na capital. Já o pae me disse que, em cahindo este

ministerio has de ser delegado ou administrador d'um bairro aqui do

Porto. Depois, as nossas irmans se estiverem solteiras, veem para a

nossa companhia, e vão comnosco aos bailes e aos theatros...

--Cala-te, criança!--interrompeu Antonio--Se as nossas irmans hão de ir

comnosco aos bailes e aos theatros, como queres tu que ellas casem com

lavradores, dotadas a dois mil cruzados! Vê se as dotas, Joaquim; e

dá-lhes os seus maridos lavradores, e não as chames á cidade. Não te

lembras d'aquelles choupos onde cantavam de madrugada e ao anoitecer os

pintasilgos, debaixo da janella do nosso quarto?

--Lembra.

--Pois olha que não ha musica mais suave a corações felizes! Deixa que

nossas irmans a gosem por muito tempo; que, se a esquecerem por outra,

em vão te cansarás em dar-lhes novas alegrias. Faz por que ellas não

tenham de vender o seu patrimonio, que está na pequena propriedade onde

os passarinhos cantam nos choupos, e onde o anjo da paz mora com ellas.

Em quanto ao offerecimento que me fazes do teu dinheiro, meu bom irmão,

póde ser que eu t'o acceite para uma longa viagem, visto que já não sou

aqui preciso para meditar no futuro esteio da nossa familia.

--Pois onde queres tu ir?--atalhou Joaquim.

--Penso em ir ao Brazil. Dizem-me que ha alli trabalho para os braços de

todas as nações, e particular amor e bem-querença para o portuguez que

trabalha. O cansaço do espirito enfraqueceu-me os braços, é verdade;

mas, ainda assim, quando eu puder acabar de todo com este incommodo

hospede chamado a sciencia--a minha estupida e inutil sciencia!--então

póde ser que os braços se revigorem, e eu restitua á minha propria

dignidade, em trabalho, o que perdi na inactividade de doze estereis

annos de lidas de pensamento e de vans ambições. Outras ambições me hão

de levar ao Brazil: é ajudar-te, Joaquim; é ser, como tu, digno da

estima dos nossos e da estima de estranhos. O homem inerte, aqui no

Porto, é desconsiderado: devia sel-o assim em toda a parte onde fosse um

e unico o padrão da honra. Não sei em que conta sou tido pelas raras

pessoas que me conhecem aqui; mas escuto o que se diz dos pouquissimos

que por ahi vagueiam de rua em rua, affectando com jactanciosa necedade

que o Porto póde imitar Lisboa no seu peculiar caracteristico da

vadiagem. Vexa-me a actividade d'esta boa gente, que parece trabalhar

incessantemente para dar nome de laborioso a este paiz! Ando como

humilhado ao par do commerciante, do artista, do escriptor e do ultimo

operario. Esta ancia de lavor e de fadiga chega a mortificar-me. É ver

que benefica influencia tem a labutação dos mais materiaes mesteres

sobre os espiritos exclusivamente dados ás funcções da intelligencia!

Parece que todo o homem anda em competencia com o outro na sua esphera

de trabalho. O commerciante agenceia grandes operações em poucas horas;

as forjas convertem em fórmas maravilhosas milhares de arrobas de ferro

em rapido tempo; o poeta, se outro fito o não descaminha, realça na

facundia e selecção de seus poemas; o romancista, com este mesmo mundo

de boas paixões e febril actividade, comporá livros sobre livros sem lhe

ser mister explorar as sinuosidades do vicio para ser bem-quisto e lido.

E que sou eu aqui, meu irmão? Que fiz eu do meu cabedal de

intelligencia? Deixei-o congelar-se sob a mão do infortunio, quando

devia rasgar umas cartas de bacharel affrontosas, e vestir a jaqueta do

operario, em cujas lapelas o respeito publico aprezilha muitas vezes a

condecoração, invisivel sim, mas venerada na consciencia dos que

nobilitam o trabalho..................................................

Eu tenho a sizudesa de poupar o leitor ao muito mais estirado discurso

do bacharel. Fallou muito, como fallam os misanthropos quando uma

luzinha de esperança lhes lampeja na sua escuridade. A sua esperança

sorria-lhe d'além-mar, do ceo hospedeiro do novo-mundo.

V.

Dizia Gastão de Noronha á filha Corinna:

--Vi-te hontem á noite muito distrahida, menina, e gostei que te

inclinasses áquelle rapaz...

--A qual, papá?

--A qual ha de ser?!--tornou o pae com um gesto de intelligencia e

comprazimento--é o unico com quem te detiveste uma boa hora...

--Ah! já sei... o Taveira?

--Alli tens um excellente marido, Corinna! Trezentos e cincoenta

contos... Não sabias?

--Não, meu pae--respondeu a menina, indecisa se devia desenganal-o, ou

evadir-se á continuação das perguntas.

--É necessario--proseguiu Gastão em tom solemne--acabar com as

distincções de raças. A velha nobreza é um merito relativo que o

progresso acata, se outros meritos de natureza commum a sustentam na

altura d'onde procede. As altas linhagens predominavam, quando eram as

representantes dos illustres nomes e das grandes riquezas. Porém, depois

que as industrias abriram fontes de ouro, sem terem de o fazer á ponta

da espada e da lança, a fidalguia baixou muito do seu quilate, e teve de

associar-se com ellas para não ficar sósinha, estacionaria e

dessociavel. Tu viste como em França as netas dos grandes titulares de

Luiz XIV vão casando com os netos dos plebeus d'aquelle tempo.

Ennobrecer-se de veneras e titulos custa tão pouco, ou vale tão pouco no

bom juizo dos governos illustrados, que já hoje póde cada homem rico

abrir a sua burra, e fazer com que ao mesmo tempo se abra o cofre das

graças. Muita gente irreflectida diz que isto é um mal; e os atilados

acham que a depreciação dos fóros de fidalguia é coisa de incalculaveis

vantagens para o adiantamento da humanidade. Entendem elles avisadamente

que só assim, egualando os homens pela nobilitação, já que elles não

querem egualar-se pelo plebeismo, conseguiremos ser todos eguaes. Ora

nós, filha, que vivemos em França, onde as fitinhas são respeitadas,

porque todos as desejam e trabalham para ganhal-as, vencendo uma

batalha, apedrejando um rei, ou inventando uma machina de fazer

colchetes, devemos ter na devida conta de desprêso uma chimera que,

felizmente, em Portugal preoccupa todas as cabeças para, a final, as

nivelar todas na mesma linha...

Corinna da Soledade estava ouvindo e recolhendo as sentenças do pae, com

o proposito de responder com ellas ao mesmo apostolo da egualdade, se

alguma vez carecesse d'isso.

Gastão continuou no mesmo tom de circumspecta gravidade:

--Accrescem razões d'outra ordem no caso especial em que estamos,

Corinna. A nossa casa está desfalcada a ponto de eu não poder remediar

com a mais apertada economia o mal que vem de avós, e eu continuei na

emigração, para vos dar decencia, educação e prazeres. Moços eguaes a ti

em nascimento muitos haverá; mas, pouco mais ou menos, empobrecidos como

nós, e retirados como realistas á obscuridade dos seus solares e da sua

inactividade. Uns por inercia, outros por ignorancia, todos se devem

considerar formando á parte uma phalange de estatuas d'algum devastado

jardim que não ha de mais florir. Já vês, Corinna, que ha difficuldade

em achar-se um marido como teus bisavós o desejariam; mas facil te ha de

ser encontral-o como teu pae t'o deseja. Felisberto Taveira, sobre ser

rico, é um gentil moço, é doutor, revela fina educação, e... não é

assim?

--Parece-me excellente sujeito--disse Corinna.

--Bem: eu não podia enganar-me--tornou com alegre semblante o pae--Já te

disse elle que... sim... manifestou-se-te?

--Nada me disse com relação a casamento, papá.

--Não admira: era a primeira vez que fallava comtigo; mas que te

amava...

--Tambem não disse...

--Pois sim; convenho em que o respeito e a delicadeza o contivessem;

porém tu deves conhecer, depois de uma hora de conversação...

--Não fallamos a nosso respeito, papá--disse candidamente Corinna.

--Pois então?!

--Eu lhe digo: apresentaram-me um sujeito que me disse umas palavras

muito amarguradas, e sahiu do baile. Fiquei pasmada e curiosa de saber

quem era o tal sujeito. O Antão de Menezes, que m'o tinha apresentado,

trouxe-me o Taveira para me dar as informações que eu desejava. Ficamos

a fallar d'elle todo aquelle tempo que o papá viu. Ahi tem vossa

excellencia o que foi.

--E quem era o sujeito? que te disse elle? e porque ficaste tu assim

curiosa de o conhecer?!--perguntou Gastão com demudado rosto.

--Era um doutor Azevedo Barbosa, de Barcellos, hospede do Felisberto

Taveira...

--E que mais?--atalhou o pae precipitadamente.

--E que mais?! o papá que deseja que eu lhe diga mais?

--Se é rapaz de fortuna... Em Barcellos não sei que haja...

--É pobre, e vive muito penalisado, porque tem quatro irmans, e cuida

que o persegue uma má estrella.

--Pois sim, não duvido que o persiga uma má estrella, e que seja pobre e

tenha quatro irmans; mas que tens tu que ver com isso? Em que se funda a

tua interessante curiosidade?!

--Tive compaixão d'elle, papá.

--E gastaste uma hora a colher informações!... O Taveira havia de

persuadir-se que tamanho interesse significava alguma coisa mais que

simples curiosidade. Se assim foi, como havia de elle dizer-te que te

amava?! Ora, minha filha, nunca faças praça d'essas tuas compaixões sem

utilidade. Se o Taveira te procurar nos bailes, agradece-lhe a

preferencia, e não lhe faças suspeitar que o escolhes por medianeiro:

isso não só desanima, mas offende o amor-proprio. Teu pae pede-te que

olhes com toda a seriedade ao teu futuro, que por em quanto se figura

triste. Com um bom casamento davas-te, e davas á tua familia a

felicidade.

Corinna da Soledade, ausente o pae, scismou largo tempo com muita

tristeza, e meditou em fingir-se doente para não ir, na seguinte noite,

ao baile da Torre da Marca.

O fingimento era facil; porém o bom ou mau anjo d'ella segredou-lhe

seducções, que a deliberaram a conservar-se no goso de sua perfeita

saude para ir ao baile dos condes de Terena.

Antonio d'Azevedo, sinceramente violentado, entrou na sala em que estava

Corinna, e foi ao lado de Taveira cumprimental-a. Momentos depois,

Felisberto ia retirar-se, crendo que assim comprazia a Corinna. Chamou-o

ella, e disse-lhe a resguardo de Azevedo:

--Desagrado a meu pae, que está aqui defronte, se ficar conversando com

o seu amigo. Peço-lhe que me não deixe só com elle, e, quando meu pae

estiver jogando, então...

E de feito, Gastão de Noronha fitava os olhos na filha, e perguntava á

pessoa com quem fallava, se o sujeito que entrara com Taveira era um tal

Azevedo, de Barcellos.

Dizia Taveira ao seu hospede:

--Aposto mil contra um... aposto!

--O que?--perguntou Azevedo.

--Que Corinna te ama, e te ama de véras! A esconder-se do pae para te

fallar! ha nada mais persuasivo! Quando uma menina se confia n'um

confidente, e desconfia de seu pae, e se esconde d'um terceiro para

dizer ao medianeiro que volte com o outro quando o papá estiver jogando;

e quando esse \_outro\_... és tu!...

Antonio d'Azevedo ergueu os hombros, e disse:

--Valha-te Deus! Cuidas tu que eu tenho espirito bem folgado para entrar

n'estes brinquedos pueris, em que a tua seriedade corre perigo de

sahir-se mal!... Queres tu que eu me capacite de que estamos figurando

n'uma das graves comedias humanas? Pois sim, meu amigo: figuremos e

discutamos. Tu já disseste áquella senhora que eu sou um pobre bacharel

que consumiu sua sensibilidade, \_fazendo a côrte\_ aos ministros da

justiça?

--Não lhe disse tudo isso, nem parte d'isso. Como ella me não perguntou

se eras rico, dispensei-me de ser o inventariante dos teus pares de

botas e dos teus camapheus. Perguntou-me se eras bom, e eu disse-lhe que

eras um moço honrado, e o coração d'um anjo. Tudo o mais que dissemos

foi commentar o que é ser-se honrado e ser-se anjo. Provavelmente

Corinna, que viu tudo em Paris, não achou lá a exquisitice do

anjo-coração, e está em ancias de saber em que tu te apartas do restante

do genero humano. Esta curiosidade é já uma escolha, e a escolha, se a

tua modestia m'o consente, é o amor com todos os seus recatos e

astucias.

Proseguiram n'esta contenda, até que Taveira viu abancar ao jogo o pae

de Corinna; mas, momentos antes, observara elle que o fidalgo segredara

com sua mulher, olhando o bacharel de travéz com o sabido disfarce dos

que olham de travéz. D. Mafalda fizera um gesto, que vinha a dizer que

estava sciente.

--Vejo que a familia está de sobre-rolda!--disse Taveira ao seu

amigo--mas ainda assim avisinhemo-nos cautelosamente da praça.

Corinna acabara de dansar, e passeava pelo braço do parceiro, que por

fortuna era Antão de Menezes, o apresentante emérito. Este, que

adivinhava todas as subtilezas do coração dos seus apresentados,

approximou-se de Azevedo, e disse-lhe com mui galharda cortezania:

--O thesouro não me pertence. Aqui o tem, que eu sou apenas o indicador

dos thesouros.... sou uma especie de S. Cyprianno, que descobre as

riquezas encantadas.

Antonio d'Azevedo deu o braço a Corinna, e Felisberto Taveira retirou-se

com Antão.

Agora é que havia de ser umas delicias ouvil-os, se D. Mafalda,

vigilante observadora da passagem innocente, não mandasse um cavalheiro

dizer a sua filha que fosse fallar-lhe.

Corinna respondeu:

--Queira dizer á maman que eu vou já.

--Vá, minha senhora--disse Azevedo. Não seja eu causa de sua mãe a

desgostar.

--Não importa.... Eu queria pedir-lhe que não fosse tão infeliz...

--A mim?!--atalhou Azevedo suavemente enleado pela musica d'aquella voz,

em que o tom da supplica tinha o mavioso do carinho filial.

--Sim... pois não me disse que era muito desgraçado?...

--Sou.... era muito desgraçado; mas condoeu-se vossa excellencia a tal

ponto de mim que....

--Que lhe peço com instancia que se não deixe vencer do tedio da

sociedade; não fuja das pessoas que imagina felizes... Olhe que não

encontra seis que o sejam n'estes centenares de pessoas. Eu, se fosse

senhora das minhas acções, tambem aqui não vinha, e ficaria a soffrer

sem nada remediar... Não posso demorar-me, que minha mãe está

impaciente... Olhe que eu desejo a sua amizade... Conduza-me a minha

mãe... e não se esqueça...

Este lance, que, a dar-se uma vez na vida do homem, nunca se repete, foi

uma especie de vertigem, que deixou o espirito de Azevedo na indecisão

de quem, a sonhar, a si mesmo se pergunta se está sonhando.

Corinna sentou-se ao lado de sua mãe, e o bacharel com os braços

pendentes e a boca descerrada para tragar fôlego que lhe alargasse o

peito, ficou, tres passos distante, arrobado na contemplação da gentil

menina.

Taveira, que não os perdera de vista, estava-se deliciando no

espectaculo que só elle via. Quando achou que era tempo de acordar o

amigo de um extasis desagradavel a D. Mafalda, tomou-o pelo braço, e

disse-lhe simulando seriedade:

--Quando quizeres vamos embora. São duas horas da manhan.

--Já!--murmurou Azevedo.

--Vê lá.... se queres sonhar mais alguns minutos....

Azevedo comprehendeu a intenção de Taveira, e disse com uma voz que não

era a sua, e com um brilho d'olhos que nunca tivera:

--Nasce o novo homem... Sinto o coração... Agora sei que ha uma

felicidade commum de todos os desgraçados. Se isto não é uma sensação

passageira, hei de beijar-te as mãos, que me arrancaram do meu abysmo.

--A beijares as mãos de alguem--disse Taveira, sorrindo--é melhor que

beijes as mãos de Corinna.

Antonio d'Azevedo deteve-se um pouco de tempo em recolhimento

silencioso, e disse de sobresalto:

--Isto é uma nova desgraça!

--O quê? uma desgraça beijares as mãos de Corinna?

--Vê tu--proseguiu elle como se não ouvisse a pergunta galhofeira do

amigo--que engenhosa é a minha funesta estrella! Hontem tive um

pensamento que me deu vigor novo para crer e esperar. Projectei ir ao

Brazil, e logo os horisontes do meu futuro se rasgaram, e não sei a que

luz a esperança me mostrou dias ditosos. Sonhei com as alegrias do meu

plano, e acordei hoje com um alvoroço estranho. A desgraça viu que eu

tive algumas horas menos negras, e duvidou da sua omnipotencia.

Trouxe-me aqui para eu sentir que o apartar-me hoje do local onde ouvi

aquella mulher me ha de ser um tormento.

--Melhor!--interrompeu Felisberto--Ella e os teus amigos não querem que

vás ao Brazil procurar a felicidade que deixas cá. Onde a procuramos é

que ella não está.

--Entendes tu--disse o bacharel--que se é feliz, amando, na minha

posição, uma senhora na posição de Corinna de Noronha, filha do nobre

Gastão de Noronha...

--Nobre e pobre, accrescenta. Se elle fosse rico como foi, dizia-te que,

a não quereres renunciar aos teus austeros principios de dignidade,

convinha-te esmagar o coração debaixo da barra d'oiro que ella valesse;

mas, segundo as informações que hoje me deram, a filha do fidalgo não

tem mais do que tu. Entre ti e ella está estabelecida a egualdade

humana, no maximo rigor da palavra.

--Ainda não--atalhou Azevedo--Eu sou filho de um lavrador de Barcellos.

--Vai tu perguntar aos lavradores de Barcellos se elles dão seus filhos

ás filhas dos fidalgos que não tem terras que lavrar.

--Essa é outra questão, meu amigo. Não te esqueças que eu sou um homem

sem occupação. Tão reprehensivel seria eu disputal-a ao pae sendo ella

rica e eu pobre, como se quizesse associal-a á minha pobreza. Que faria

eu d'aquella menina se me fosse permittido casar com ella?

--O que fazem das esposas os maridos que casam pobres. Amam-as como se

costumam amar os pobres; por amor d'ellas redobram de vigor para

luctarem com a adversidade; por amor dos filhos nunca esmorecem no

desalento em que tantas vezes se nos deparam os celibatarios, que apenas

luctaram um anno com as contrariedades. A familia é uma accumulação de

forças no braço do seu chefe. O pae nunca succumbe; o marido tem uma

força providencial que o ampara.

Este dialogo, o primeiro que n'este genero talvez se travou n'um baile

entre dois rapazes menores de vinte e cinco annos, foi interrompido por

Gastão de Noronha, que quiz ser apresentado a Felisberto Taveira.

VI.

Quiz o fidalgo do Minho apalpar o coração do filho do millionario,

pessoalmente. A sua prosapia soffria-lhe que, ageitando-se o ensejo,

elle mesmo se offerecesse para sogro, e poupasse o timido moço aos

embaraços de pedir-lhe a filha, e aos receios de ser mal acolhido.

Ouviu Felisberto Taveira uma longa e não falsa descripção das virtudes e

prendas de Corinna da Soledade. Aqui se dá um fragmento da paternal

exposição:

--Minha filha, posto que vivesse na melhor roda de Paris, e a rodeassem

os mais graduados moços d'aquelle viveiro da elegancia, nunca se

captivou d'algum. Não lhe direi que ella se isentasse por soberba do seu

nascimento, bem que pudesse tel-a, porque meu quinto avô sahiu da casa

dos marquezes de Villa-Real, por onde somos Noronhas; todavia, não era

vaidade a frieza de Corinna. Bem póde saber vossa senhoria que o coração

é de essencia democrata, e ao coração se deve o triumpho da democracia,

em virtude de se irem a pouco e pouco amollecendo as durezas de que as

antigas educações callejavam o coração da mulher de linhagem. O que

minha filha tinha e tem, era um juizo prudencial á prova de todas as

velleidades e pompas, que seduzem o vulgar das meninas. Os seus gostos

foram sempre moderadissimos; riquezas nunca a deslumbraram; os bailes e

os banquetes era preciso obrigal-a a gosal-os; tudo lhe era pesado,

menos a solidão, a meditação e a obscuridade. Cuidei sempre que minha

filha seria insensivel ao prazer de se ver amada, e mais ainda ao de

receber satisfeita a côrte de algum moço. Em Portugal, principalmente, é

que não devia esperar vel-a possuida de sentimentos amorosos; porque,

sem desaire da nossa patria, devemos confessar que nós, os portuguezes,

temos em amor uma certa gravidade, que toca a extrema do aborrecimento.

Falta-nos um certo espirito \_pétillant\_, um não sei quê de que as

mulheres se deixam seduzir. Não acha?

--Sim, senhor... nós temos isso...--respondeu Felisberto Taveira,

descobrindo um grande fundo de ridiculez através do aspeito encanecido

do fidalgo.

--Sem duvida nenhuma... Pois, meu caro senhor Taveira, penso poder

affirmar-lhe que a minha filha está pagando o universal tributo.

Descobri que ama! Só o Porto podia fazer tal milagre!

--É muita honra para o Porto, senhor Noronha! e muita mais ainda para o

homem escolhido.

--Que vossa senhoria conhece perfeitamente...

--Eu?...--balbuciou Taveira, quasi convencido de que o fidalgo alludia a

Antonio d'Azevedo.

--Sim, senhor: conhece-o como ás suas mãos, porque vossa senhoria e elle

formam dois seres n'um só ser: são inseparaveis.

Isto acabou de persuadir Taveira, que, na mais candida boa fé,

accrescentou:

--E creia vossa excellencia que a pessoa preferida pela senhora D.

Corinna tem virtudes e coração dignos d'ella.

--Creio, creio, e o meu maior prazer era vel-os unidos, em quanto eu

tenho vida e alegria para poder felicitar-me de tão boa união.

--Agora me convenci--acudiu Felisberto--de que vossa excellencia ama

sinceramente sua filha, e viu com benignos olhos a inclinação desegual

que ella manifestou.

--Inclinação desegual! Eu não sou parvo de fidalgas desegualdades,

senhor Taveira! Soberania ha uma só, que é a da virtude: o resto são

convenções humanas sem criterio nem fundamento real. O que eu quero é

ver minha filha feliz. Se os meus appellidos valem alguma coisa, meus

netos hão de chamar-se Noronhas, e a todo tempo que elles queiram

humilhar arrogancias d'outros nobres, poderão sempre abrir a historia,

na certeza de que encontram o nome d'um avô em cada pagina. Os tempos

são outros, senhor Taveira, porque são outros os corações. Violentar a

vontade de minha filha!... Deus me feche os olhos antes que eu tal faça!

Respeito-lhe a inclinação, que ella manifestou, porque sei que a sua

dignidade foi a primeira voz que lhe deu conselho.

--Admiro a grandeza de sua alma!--tornou Taveira com mui sizuda e

admirativa satisfação--E mais me espanta que vossa excellencia, antes de

acceder á vontade de sua filha, não curasse de saber se o homem

escolhido é bastante rico a mantêl-a na decencia com que foi criada.

--Não, senhor, não quiz saber se era rico: o que perguntei foi se era

bem comportado, se tinha grangeado a estima publica, se seria um bom

marido e um bom pae. Unanimemente me disseram que sim.

--E disseram-lhe a verdade, senhor Gastão de Noronha--confirmou

Taveira--A riqueza de Antonio d'Azevedo só bem lh'a podem avaliar os que

mais perto vivem de sua nobre alma.

--A riqueza de quem?--atalhou Gastão de Noronha com um gesto de

irrisorio espanto.

--De Antonio d'Azevedo Barbosa--tartamudeou Taveira, corrido do engano

em que tinha estado.

--Não nos temos entendido!... Pois vossa senhoria cuida que eu estou

fallando d'esse tal sujeito?

--Cuidava... Pois não é elle a pessoa distinguida por sua filha?!...

Perdão! eu entendi mal.

--Vejo que sim; e eu peço tambem perdão de entender mal, cuidando que

era outra a pessoa... Ora esta!... Pois não é o senhor Felisberto

Taveira?

--Eu!

--Sim, o senhor!

--Não pensei tal... e creio que vossa excellencia entendeu mal a

propensão da senhora D. Corinna, posto que a escolha me daria muita

gloria.

--Muito bem: façamos de conta que estivemos a fantasiar--tornou Gastão

simulando um desenfado risonho, que lá por dentro era accesso de zanga e

vergonha.--Pelo que diz respeito ao senhor Antonio de... como é?

--Antonio d'Azevedo.

--Ah! sim, d'Azevedo... filhote de Barcellos?

--Justamente.

--Não sei quem são os Azevedos de Barcellos... Sejam lá quem forem, meu

caro senhor Taveira... tenho a dizer-lhe...

--Os Azevedos de Barcellos--interrompeu com louvavel desabrimento

Felisberto--são tão nobres como os Taveiras do Porto. Meu pae veio da

lavoira de Fafe para aqui; o pae do bacharel Antonio d'Azevedo morreu na

lavoira de Barcellos.

--Sim, senhor: convenho em que tão nobres são uns como outros; mas a

minha filha não ha de, creio eu, illudir-me mais uma hora. Queira

desculpar um engano, em que vossa senhoria nada perdeu, e rogo-lhe que

diga ao senhor Antonio d'Azevedo que se preoccupe com aspirações mais

rasoaveis, se não interessa em dar graves desgostos a uma familia que

vive tranquilla.

Quando as ultimas linhas d'este dialogo se trocavam entre os dois, qual

d'elles mais corrido do seu equivoco, outro dialogo terminava entre

Corinna e Antonio d'Azevedo por estas palavras d'ella:

--Eu receio que meu pae se não demore no Porto, e Deus sabe se nos

veremos mais! Olhe: se tiver precisão de queixar-se da sua má estrella,

faça-o a mim, que sou, desde hontem, desde sempre, desde que nasci sua

amiga, e talvez sua irman por sympathia de dores. Escreva-me: eu lhe

direi de Vianna em que nome me ha de escrever. Vá visitar-me em espirito

á minha soledade: lá me verá sósinha por entre as arvores, em quanto

minhas irmans, quasi tão infelizes como eu, procuram ao menos

entreter-se umas com as outras em volta das suas saudades de Paris... Eu

nem isso trouxe de lá... Não se demore, que vejo meu pae...

Felisberto chegou diante de Antonio d'Azevedo, e disse com forçado riso:

--Estás outra vez somnambulo, Antonio? Eu estou peor, porque venho

estupido de spasmo!

--Que é?

--Querem casar-me com a tua Corinna!

Azevedo ergueu a fronte avincada, e disse:

--Pois é costume offerecerem-se assim as filhas n'um baile ao homem a

quem se é apresentado?!

--Não é costume: é moda agora... O Gastão vai sahir com a

familia--ajuntou Felisberto--Podemos ir, e lá fóra conversaremos.

Ouviu o bacharel o dialogo em resumo; contou ao seu amigo as ultimas

palavras de Corinna; e adorou a imagem da primeira mulher amada nos

alvores da aurora que repontava. O que elle então disse, em arrobos de

poesia, era o sublime represado n'aquelle coração em sua primeira

primavera.

Perguntou-lhe Taveira se pensava ainda em ir ao Brazil.

--Hoje mais que nunca--respondeu elle.

--Como assim?! Aquella mulher não te prende á patria?

--Prende-me sobre tudo a um sacratissimo dever. Até agora pensava em ir

ao Brazil para segurar o futuro de quatro irmans pobremente criadas e

boas de contentar com pouco; d'hora em diante hei de ver no horisonte

das minhas ambições, além de minhas irmans, Corinna da Soledade, educada

com as regalias da sua condição, e só digna do homem que a não obrigar a

descer de posição aos olhos da sua sociedade.

--E quem te assevera--redarguiu Felisberto--que voltas rico a Portugal?

De que genero de trabalho fias tu a tua prosperidade?

--De todos os generos honestos. Se não valer como advogado, valerei como

caixeiro; se não tiver aptidão para o negocio, ensinarei o que sei; se

tiver de descer, descerei sem vergonha; se descer tão baixo que nunca

possa erguer-me d'entre os ultimos operarios, ahi ficarei, e lá

morrerei: ninguem dirá, depois, que transigi com a minha inutilidade.

--Quer-me parecer--retorquiu Taveira--que a linda Corinna está sendo

ainda pouquissima coisa na tua alma! Dar-se-ha caso que, em verdade, tu

sejas refractario ao amor, ou que a tua sensibilidade, como disseste, se

consumisse em galantear os ministros da justiça!? Qualquer homem, que

não fosse tu, forte do amor inspirado por um anjo como Corinna, e com as

tuas habilitações, cuidava desde já em agenciar na patria uma mediania,

que a doçura da vida intima convertesse em opulencia invejavel aos mais

opulentos. Suppondo que tu não pudesses, n'um ou dois annos, alcançar

emprego, ou clientela como advogado, é de crer que tivesses um amigo a

quem pedisses um, dois, ou mais contos de reis para te estabeleceres

aqui, em Lisboa, na tua terra, ou onde quizesses viver. Suppondo mais

que tu me tivesses na conta do teu primeiro amigo, era a mim que tu

pedias esse emprestimo, e eu com mil vontades te servia agora, e depois,

e sempre.

Antonio d'Azevedo, após algum espaço de reflexão, respondeu:

--Meu caro amigo, se o verdadeiro amor é uma desordem da razão, esse não

é o amor que eu sinto. Que a minha vida está passando por nova phase, é

certo: esta excitação d'alma, que eu não sei se deva chamar alegria da

juventude feliz, nunca a experimentei. Porém nenhuma das minhas

faculdades, que pensam, julgam, e antevêem os successos, se escureceu:

ouso até affirmar-te que o juizo se revigora, e a previdencia se aclara

mais. Depois d'isto, imaginemos que tu me emprestas o cabedal necessario

para eu ter uma casa, uma esposa, e a subsistencia certa de algum tempo.

A esposa devia ser necessariamente a filha de um homem que cahiu da sua

dignidade offerecendo-t'a porque és rico, e que se dignou recommendar-me

que não perturbasse o socego de uma familia, que vive tranquilla. Não

foi isto?

--Pouco mais ou menos.

--Bem: e não entendes tu que seria uma indignidade ir eu perturbar o

socego do pae de Corinna, casando-lhe com a filha, por meio d'um rapto

ou da intervenção da justiça?

--Não entendo assim a dignidade. Se Corinna consentir em ser raptada

para o mais santo dos intentos a que o coração a pode impellir; e, se

ella rasoavelmente se não quizer sacrificar á ambição do pae, nem a tua

honra, nem a sua, nem a da familia illustre ou não illustre, soffrem

desaire.

--Discordamos--replicou Azevedo--Gastão de Noronha quer que sua filha

case rica: entende elle que sua filha só póde ser feliz sendo rica. Será

absurdidade uma tal opinião? Vai tu perguntar a qualquer pessoa estranha

a Corinna, se a julga feliz na pobreza: ha de responder-te que a julga

mais feliz sendo rica. Pois se os estranhos pensam assim, que fará um

pae?

--Convenho; mas sobejam exemplos de mulheres sacrificadas por esse erro

dos paes.

--Deixal-os sobejar: ainda mesmo que todos os exemplos fossem contra os

paes, nem por isso a vontade bem intencionada d'elles deixava de ser

respeitavel; mas crê tu, meu amigo, que o maior numero de casos

justifica o arbitrio dos paes. Eu tenho vivido muito arredado d'estes

estudos da sociedade em que tu deves saber muito; assim mesmo, se tu

quizeres posso recordar-te de os ter ouvido a ti e aos outros, alguns

casamentos mal agourados por terem sido contra vontade das filhas,

arrancadas por força a affeições de moços pobres para serem adjudicadas

a homens odiados com toda a sua riqueza. Pois, com o rapido andar de

alguns mezes, se não dias, as esposas violentadas apparecem radiosas de

alegria nas suas carruagens, nos seus camarotes e nos seus salões; em

quanto os mocinhos pobres e amantissimos, ou porque emmagrecem, ou

porque engordam muito, chegam a passar por as noivas, que os poetas

denominam \_martyres\_, sem ellas os conhecerem.

Felisberto riu-se do semblante grave com que o seu amigo proferiu as

ultimas palavras.

Após breve pausa, Antonio d'Azevedo continuou:

--Estamos aqui a fallar de casamento, como se Corinna me tivesse dito

que quer casar comigo!... O que ha entre nós é uma ligação das que se

desligam no intervallo de dois bailes, meu amigo. Lembra-te que eu não

sou de todo hospede n'estas materias: traduzi vinte ou mais volumes de

romances, e acredito nos romances, cujas passagens a minha razão

explica. Dado, porém, que a magîa é duradoura, e que este amor encerra

em si um drama, que ha de fechar pelo casamento, eu só poderei ser

marido de Corinna quando o pae me acolher, \_sem equivoco\_, como te

acolheu a ti ha poucas horas. É preciso que a justiça não interceda a

favor do meu coração. Quando eu puder dizer a Corinna que sou bom, e ao

pae de Corinna que sou rico, então verei se este presentimento da

felicidade era mais que um sonho dos que os grandes desgraçados

convertem logo em excruciante realidade da vida. Por ora, nem bom nem

rico. Para a bondade falta-me ter esgotado as forças que ainda sinto em

adquirir meios com que sustente uma grande porção do bem-estar,

impossivel de alcançar-se sem elles. Eu não sei que merecimentos póde

ter, no conceito d'uma mulher, o homem pobre que, em nome da sua

desvairada paixão, a convida a ser pobre com elle, e a receber da

sociedade as, talvez involuntarias, desattenções que necessariamente

avexam o pobre, se elle não está santificado pela paciencia. Ora, a

santificação n'estes nossos dias, meu amigo, nem o muito amor a póde dar

aos casados pobres.

--Do teu arrazoado--disse Felisberto--concluo, e toda a gente ha de

concluir, que amas Corinna como um inglez, estabelecido nas Antilhas,

amaria a sua noiva, que elle nunca viu, estabelecida em Londres. Dentro

de quinze dias estás mudado, ou então ha ahi grande aleijão na tua alma!

Hei de dar-te um conselho, se não mudares.

--Então dá-m'o já, que eu fico pela minha constancia.

--Ordena-te, faz-te conego, bispo, patriarcha, cardeal, e não vás ao

Brazil.

VII.

Gastão de Noronha, poucos dias depois do baile da Torre da Marca, sahiu

do Porto apressadamente com a familia, por saber que chegara a Vianna um

seu parente de Lisboa, com o intento de passar a estação da primavera na

quinta das margens do Lima.

Momentos antes da partida, Corinna da Soledade escreveu esta carta:

«Vamos partir. Lembre-se d'esta sua outra irman para lhe contar os seus

dissabores. Póde parecer-lhe que este desejo das suas cartas é desejo de

quem vai viver na solidão da aldeia, e precisa distrahir-se seja com o

que fôr. Talvez a sua bondade me não recusasse tal distracção, ainda

mesmo tendo o meu amigo a certeza de ser tamanho e tão de gelo o meu

egoismo. Não, não é assim. Eu, sem pejo, lhe confessei que o estimava

quanto podia, e nenhum accidente da minha vida me fará mudar. Se vir o

caminho da felicidade, siga-o, meu irmão, e não volva a face lá para a

minha soledade, para aquelles arvoredos onde eu hei de esconder-me com

as suas cartas. Adeus.==«\_C. da S.\_»

Na carta ia incluido um bilhete com um nome de homem, a quem deviam ser

subscriptadas as cartas de Antonio d'Azevedo.

Agora sabe a sensivel leitora se Corinna da Soledade tinha razão de

estar triste mais que suas irmans, quando, idas do tumultuoso Porto, se

viram outra vez no ermo, quando as arvores mal sacudido tinham os gelos

do inverno, e começavam a abrolhar os gomos da sua nova folhagem.

O parente, que esperava em Vianna, Gastão, era um fidalgo sexagenario,

filho de Lisboa, grande morgado no Alemtejo, e muito amigo de

divertir-se, do que dera cabal prova no decurso de sua vida celibataria.

Chamava-se D. João de Mattos e Noronha, e vinha a ser segundo primo de

Gastão, ou coisa assim parecida. O ir elle ao Minho, na primavera

d'aquelle anno, posso asseverar-lhes que não era movido por desejo de

vêr florido o jardim de Portugal, nem se lhe a elle dava que as claras

aguas do Lima corressem para baixo ou para cima. O caso era todo

medicinal. Como sentisse as pernas fracas, e o estomago preguiçoso,

consultou varios medicos, e todos lhe disseram que fizesse exercicio, e

bebesse bons ares, especialmente os do Minho. Occorreu logo a D. João de

Mattos que tinha um parente nos suburbios de Vianna; e, posto que nunca

se vissem nem correspondessem, entendeu elle que, a toda a hora, um

Noronha seria bem recebido no solar do fidalgo minhoto. Outra razão vem

condizendo para explicar a escolha da provincia, e era que o velho

fidalgo de Lisboa, na ultima decada da vida, se fizera tão economico e

aváro, quanto fôra prodigo e dissipado até aos cincoenta annos: d'onde

resultava que o seu grande prazer seria achar bom gasalhado gratuito em

casa de parentes, que se dariam por bem pagos com a honra de o terem

hospede.

Cresceu de ponto a satisfação do velho, quando se viu alegremente

acolhido nos braços de seu primo, dando a beijar a mão ás cinco formosas

meninas, que lhe chamavam tio D. João.

A medicina teve um triumpho. O estomago de D. João activou

admiravelmente suas digestões; as pernas pareciam recaldeadas de aço;

movia-se o remoçado velho com a flexibilidade dos seus quarenta annos. A

natureza brindou-o com as suas urnas aromaticas: eram tudo tapetes e

doceis de flores a festejal-o; as calhandras e os rouxinoes

desgarravam-se em cantilenas quando o velho passava com as sobrinhas

pelos braços; até o Lima, recobrando a primitiva magîa de dar o

esquecimento a quem o transpunha, parecia ter matado no sexagenario

saudades, e renascido esperanças em novo começar de vida.

Esperanças! ora, esperanças aos sessenta annos, (diz o leitor) em que, a

não ser na salvação de sua alma?

Verão o que d'alli sáe. Hão de maravilhar-se do influxo d'aquelles ares

e aguas do Minho, nas fibras revelhas de um peito ido de Lisboa, onde as

cachexias do coração vem muito mais temporans--o que, a meu ver, se deve

ao mau ar e á pessima agua, elementos importantissimos do sangue.

D. João de Mattos, conversando, uma vez, a sós com seu primo Gastão,

disse ao correr do dialogo:

--Olha, primo, o celibato dá aos moços vantagens, que, no velho, são

amargamente descontadas. Mil vezes, nos ultimos vinte annos, me tenho

arrependido de não haver casado. Desprezei grandes fortunas, porque era

rico, e formosas mulheres, porque era um estroina de pessimos costumes:

parecia-me que a belleza é uma flor boa para se aspirar e deixal-a ainda

viçosa para que nol-a invejem e furtem; em quanto que a obrigação de

conservar em casa a flor murcha é um pesadelo. Isto é que eu pensava com

a minha libertina philosophia dos vinte, dos trinta e dos quarenta

annos. Quando orcei pelos cincoenta, lembrou-me que, aos sessenta,

precisaria de uma familia, de uma esposa, de filhos, de carinhos e das

doces illusões da velhice. Pensei em casar-me. Procurei as mulheres que

amara aos trinta, e achei-as mães e avós; algumas que se conservavam

solteiras estavam feias e velhas. Veja o primo o poder dos maus

habitos!--quando assim as vi, ainda cá disse de mim para mim: «olha se

eu tenho casado, que bonitas creaturas estas para me ajudarem a

bem-morrer!» Muito custa a purgar a peçonha dos maus principios, primo

Gastão! Aqui tem, pois, vossa excellencia que por um triz não cedi á

tentação de casar com uma menina de vinte e cinco annos, filha segunda

da casa da Trofa em Evora, a qual os paes me davam com a melhor vontade,

e ella tambem não mostrava sombra de constrangimento; mas um dia, não

sei como, vou a casa d'um tenente de cavallaria, ainda nosso parente, e

vejo-lhe sobre uma mesa um ramo de flores velhas atadas com uma fita de

setim verde que eu mandara á minha futura, atando outro ramilhete, em

dia dos seus annos. Pensei no que vi sem dizer nada. Faz lá ideia do

castigo dos meus erros começados n'aquella hora de ciume! Ninguem

imagina a dor de um velho ludibriado, se elle ainda conserva coração com

bastante memoria para lembrar relances reprehensiveis de sua

mocidade!... Fui para Lisboa sem me despedir da noiva, e de lá escrevi

ao pae, dizendo-lhe que seria grande acerto casar sua filha com o

tenente de cavallaria. Como de facto acertaram casando, e lá estão

felizes com muitos filhos. O que eu nunca pude acabar de entender é como

podia aquella menina acceitar-me, e com que vistas o faria? Dispunha-se

a ser feliz comigo, e vai depois ser feliz com o outro! Entendam lá as

mulheres d'agora tão differentes das do meu tempo! De maneira, meu caro

primo, que a minha decrepitude será triste a mais não poder. Á hora da

morte hei de ver-me rodeado dos successores do morgadio, sobrinhos que

aborreço, porque os vejo sempre a contarem-me as rugas novas da cara, e

sei que tem o lisongeiro cuidado de perguntarem por mim, todos os dias,

aos medicos. Tenho accumulado os rendimentos por não saber em que

dispendel-os; e tudo isto ha de ir dar áquellas mãos ávidas de meus

sobrinhos, e depois elles é que hão de saber gosar o que eu já não

posso.... Triste, tristissima coisa, primo Gastão!

--Isso é assim, primo D. João....--murmurou com doloroso tregeito de

beiços e olhos o pae das cinco meninas solteiras; e proseguiu--O primo,

ainda assim, por causa de uma é injusto com as outras mulheres. As de

hoje são como as de todos os tempos: ha bom e mau. Ora assim como D.

João deu com uma das más, podia ter encontrado uma das muitas que ha

boas, e estar a esta hora muito satisfeito, e ter já um herdeiro dos

seus vinculos.

--Palavra de cavalheiro!--exclamou com alvoroço D. João--quando penso

que podia ter um herdeiro dos meus vinculos, e arrancar a minha casa das

garras famintas de meus sobrinhos, morro de desesperação por me não ter

casado! Que contentamento seria o meu, ó primo! um filho! um herdeiro!

--Pois ainda está em tempo--atalhou Gastão--case-se; não hão de

faltar-lhe noivas, sem sahir da sua qualidade. Ha de achal-as mesmo na

sua parentella, dignas, formosas, capazes de lhe honrarem a velhice, e

encherem de alegria e mocidade os seus ultimos annos.

D. João fitou os olhos descorados e franzidos no rosto do primo,

estendeu-lhe a mão cortada de cordoveias, e tartamudeou:

--Se eu tivesse vinte annos menos, pedia-lhe uma de minhas sobrinhas,

primo Gastão.

--Escolha, primo--disse o pae de Corinna apertando-lhe affectuosamente a

mão.

--Não escolho nem peço nenhuma--tornou o velho--Veja se me tira vinte

annos das costas, e depois pedirei a nossa Corinna, que é um anjinho,

mas não para mim, que posso ser avô d'ella. Nada, primo, nada: para

desgraçado basto eu.

--Façamos um contracto. Eu tracto de sondar a vontade de minhas filhas,

e especialmente de Corinna. Se esta, ou alguma das outras se mostrar bem

disposta a ser sua esposa, o primo D. João não se nega.

--Palavra de D. João de Mattos e Noronha, que não me nego; pelo

contrario, morrerei de felicidade, porque, além da esposa e da sobrinha,

levo comigo a mulher, cujos costumes tenho apreciado em mez e meio de

convivencia a todas as horas.

Fechou-se o dialogo com poucas mais palavras de reciproca satisfação dos

dois fidalgos. Em quanto elles praticavam, lia Corinna da Soledade a

decima carta de Antonio d'Azevedo, que dizia assim:

«Esta é a ultima carta que lhe escrevo em Portugal, minha amiga. O navio

parte depois de ámanhan de tarde. Agora vou a Barcellos abraçar minhas

irmans, e despedir-me das memorias da minha infancia. Sinto um prazer

amargo em me ir approximando do seu ermo. Cinco leguas apenas nos hão de

separar quando ler esta carta. Dê-me uma lagrima como retribuição da

angustia com que eu hei de lançar a derradeira vista ao ceo que cobre os

seus arvoredos. Quando eu era criança, ia tantas vezes d'um alto, onde

ha ruinas d'um castello, olhar para esses sitios! Que visão seria

aquella da minha alma, então magoada como se presentisse a saudade de

hoje!

«Mande-me ter coragem, minha querida amiga: diga-me antes, como tantas

vezes me tem dito, que a dignidade excessiva me tem dado ao coração liga

de bronze. Ai! quanto se engana, Corinna! quanto se enganam os mesmos

amigos de quem não escondo um pensamento!

«Levo alegres esperanças. Os bons Taveiras tem-me dado cartas de summo

valor de pessoas muito importantes d'aqui para outras do Rio de Janeiro.

A mim não me ha de custar a merecer a bem-querença de todos: levo comigo

a segurança no firme proposito que fiz de não sahir do caminho dos meus

deveres. O que fui comsigo, minha amiga, hei de sêl-o em todas as

situações da minha vida. Se esta estrada me não guiar á felicidade sem

remorsos, é que não ha nenhuma.

«Vou no intento de advogar. Em poucos annos, com o auxilio de amigos e

fervor de trabalho, posso ganhar a mediania que basta aos nossos

moderados desejos. Poucos annos, Corinna, que rapidos hão de ir como vão

os annos dos felizes. Verá que a esperança lhe aligeira o tempo, e as

minhas cartas lhe hão de acudir nas más horas da desanimação. Temos Deus

por nós. Deus, minha Corinna! Escrevo-lhe estas quatro lettras com

quanta uncção póde dar a fé ardente d'um homem sem culpa. O premio que

Deus me dá é a consciencia de poder assim fallar de mim; e chego a crer

que este dom me basta para valer muito em seu conceito. Se me não

sentisse puro de vergonhas e remorsos, Corinna, julgar-me-ia indigno de

si.

«Eu quizera poder dizer a todo o mundo, e a todos os desventurosos

escravos de suas paixões, que nenhum amor, por mais desmedido que seja,

carece de provar que o é com destinos e excessos censuraveis. É a

primeira vez que amo, Corinna, e amo-a muito: pois, por sua vida lhe

juro, que ainda leve sombra de intenção culposa me não nubelou a limpida

esperança de a ver minha esposa. Estou chorando e estas lagrimas não sei

se qualquer amante as verte. Sei que muitos as fariam chorar de sangue a

outrem, para se esquivarem ao trance que me está fundamente doendo no

coração. E eu, por mim, antes quero padecer agora, porque sei que hei de

ser consolado. Os dias prosperos não vem do acaso: são grangeados, como

as searas, a muita fadiga e com muitos intervallos de desalento: a final

a colheita de fructos e de bençãos; o coração ainda novo para saborear

os fructos, e o espirito cheio de santa vaidade por ter merecido as

bençãos.

«Espere-me, minha doce amiga; seja o meu anjo animador; mostre-me de cá

sempre a patria á luz da sua alma allumiada de graça divina.

«Escreva-me, e mande as suas cartas ao nosso bom amigo Taveira; as

minhas, por mediação d'elle, todas receberá, e muito longas, para lhe

encurtar as horas, e dar alguma alegria ás minhas noites.

«Corinna, minha querida esposa, não posso continuar. Sejamos dignos um

do outro. Offereço a Deus as lagrimas que hei de chorar, pedindo-lhe que

enxugue as suas com as consolações da esperança. Tenha muito animo. A

religião ha de dar-lhe o que o meu amor não puder. Estarei sempre com a

sua alma, e Deus será sempre entre nós, porque muito do intimo creio que

entre dois infelizes sem culpa está sempre um bom anjo. Adeus.»

VIII.

O jubilo de Gastão de Noronha, causado pela proposta de D. João de

Mattos, foi, n'aquelle mesmo dia, aguado por extraordinaria e imprevista

angustia.

Os vinculos que administrava o descendente dos marquezes de Villa Real,

trouxera-os sua mulher, D. Mafalda de Athaide, natural de Ponte do Lima,

havidos de um tio, que morrera sem descendencia directa.

Em quanto Gastão estivera no estrangeiro appareceu um filho natural do

antecessor dos vinculos administrados por D. Mafalda, allegando o seu

direito á successão dos bens de Fernão d'Athaide. O fidalgo não deu pezo

ás consideraveis provas de habilitação do contendor. De mais a mais,

como o seu nome de liberal valesse muito a favor do pretendente, o

pleito decidiu-se contra Gastão em primeira instancia. Seguiu o processo

os termos de appellação para as superiores instancias. Gastão tinha

parentes nos altos cargos da judicatura, liberaes rebuçados, que

protegeram o réo ausente, contra o favorecido author. O pleito ficou

alguns annos trancado no desembargo do paço, até que o emigrado voltou.

Os primeiros annos, que seguiram a restauração, foram tumultuosos e

favoraveis em todo o sentido para os que, mais ou menos prestantes, se

diziam restauradores. Como em tudo assim era desleixado e imprevisto, o

fidalgo não curou de rematar o litigio, destruindo as provas do filho

natural, nem mesmo quiz averiguar a sua plausibilidade, ou fazer que o

processo se perdesse.

Em 1840 requereu novamente o filho natural, documentando o seu arrasoado

com uma carta de perfilhação concedida por D. João VI no Rio de Janeiro,

para onde Fernão de Athaide, pae do habilitando, fôra com o rei em 1807.

Ajuntava este aos autos reconstruidos cartas escriptas por seu pae,

tanto a elle, como a sua mãe, portugueza de origem, que fallecera no Rio

de Janeiro, casada e dotada pelo fidalgo de Ponte do Lima. Accrescia a

isto o depoimento de doze testemunhas de ouvirem dizer ao moribundo

Athaide que tinha no imperio do Brazil um filho natural, chamado

Fernando de Athaide, ao qual testava todos os seus bens livres e

vinculados.

Este legado, com quanto em principio devesse tornar duvidosa a successão

de D. Mafalda aos vinculos de seu tio, foi pouco no conceito dos

principaes lettrados, quando Gastão de Noronha os consultou: diziam que

os bens vinculados não podiam ir ao filho natural, nem a declaração do

velho á ultima hora da vida podia esbulhar da successão a legitima

descendencia.

Em 1829 viera Fernando de Athaide a Portugal a tomar conta da herança:

achou sua prima empossada n'ella, e a favor d'elle os jurisconsultos que

tinham dado por boa e legitima a espoliação.

Em 1832, enfadado das delongas da decisão e do patronato que sua prima

tinha em Lisboa, voltou para o Brazil onde tinha o seu florente

commercio de café, herdado de sua mãe, que morrera abastada, e universal

herdeira de seu marido.

Voltara novamente Fernando á patria de seu pae, depois de visitar as

capitaes da Europa, e mais por brio do seu appellido, que por

necessidade de duas duzias de contos de reis, instaurou segunda vez o

pleito, confiou-o a habeis advogados e procuradores, e seguiu viagem

para o Rio de Janeiro.

Esta noticia, com os accessorios funestos de um presumivel perdimento da

causa, foi surprender Gastão de Noronha, quando elle cogitava no melhor

modo de fallar a Corinna em casamento com o tio D. João. Sahiu o fidalgo

para Vianna a ouvir o parecer de advogados, que lhe foram desfavoraveis.

Voltou a casa mais firme na resolução de segurar a futura subsistencia

da familia, casando uma das filhas com o provecto primo, cuja abastança

daria para viverem todos largamente.

Chamou Corinna a mui secreta prática, e contou-lhe em miudos a historia

do filho natural, as probabilidades da perda da demanda, a irremediavel

pobreza da familia e a precisão de ella se sacrificar á decencia de seus

paes e suas irmans, casando com o tio D. João, por ser das cinco a

menina que elle preferia, posto que se não despedisse de casar com uma

das outras.

--E nenhuma de minhas manas quer casar com o tio D. João?--perguntou

Corinna.

--Ainda as não consultei; eu é que desejo que sejas tu.

--As boas intenções de meu pae são providenciar ao futuro de nossa

familia por meio d'este casamento?

--Sim, minha filha.

--Eu com lagrimas lhe digo que não posso servir a esse bom intento.

--Porque?--atalhou o pae entre pasmado e colerico.

--Porque morro, porque hei de morrer antes de ser mulher do tio D. João.

Não me recuso, meu pae: faça vossa excellencia o que quizer.

--Ora!--tornou o pae modificado em sua ira--Não morres, não, filha. Isso

é o que te parece agora; tu verás que todos te ajudaremos a levar a

cruz. E, depois, cuidas que teu tio ha de viver muito? Está alli e está

na cova. As escripturas hão de ser feitas de modo que, ainda mesmo que

tu fiques viuva sem filhos, has de ficar riquissima.

--O pae não quer acreditar-me...--atalhou, soluçante, Corinna.

--Acreditar o quê?

--Que me mato, se Deus me não levar para si.

--Sei o que é isso...--tornou Gastão escarlate de ira--É o homemzinho de

Barcellos que te ha de fazer perder de todo a minha estima. Não tem

duvida: tu te arrependerás!... Cuidas que, por ser a mais velha, tens os

vinculos? Já te disse que não tens nada. Quando quizeres um vestido, e

não haja em casa um objecto que se venda para t'o comprar, veremos como

te vestes com o amor do valdevinos de Barcellos.

Disse, e sahiu enfurecido.

A irman de Corinna, sua immediata em idade e formosura, era Emma. Esta

menina parecia a mais meiga, docil e resignada. Devia estas virtudes á

brandura de sua indole fleugmatica e um tanto fria. O seu prazer era a

quietação, que parecia uma invencivel preguiça. Bem que estranhasse

tanto como as outras a mudança de Paris para a quinta do Lima, foi a

primeira a conformar-se, e achar certa suavidade no socego e silencio,

que affligia as irmans. Era esta tambem a que dava mais trela ao

palavriado do tio D. João, e por vezes se ria a bom rir das baforadas de

juventude que ainda, a tempos, sahiam mornas lá das cinzas do coração do

velhusco. Como amiga de estar em casa, sentada ao piano, ou amezendrada

n'um tapete, D. João tinha sempre certa a palestra com aquella

pachorrenta sobrinha.

Gastão foi ter com Emma, e encontrou-a aparando as unhas a D. João, e a

rir-se muito das caretas, que o velho fazia, receando que a tesoura lhe

entrasse pelo sabugo. Gastão tomou como de bom agoiro a scena intima das

unhas. Compoz o semblante de risos, avisinhou-se do grupo, e achou

tambem graça aos chistes da filha e aos esgares do primo.

--Ahi está o nosso D. João--disse elle--gosando um dos milhares de

prazeres da vida domestica. Quando era moço, e requestava damas, sentiu

alguns d'esses innocentes jubilos, primo D. João?

--Já estive a pensar n'isso, primo Gastão; mas o diacho da Emma não me

deixa pensar em nada se não em guardar os dedos da implacavel tesoura

d'esta linda parca... Olhe que já me quiz cortar a ponta do nariz, a

traquina, que só não tem preguiça para cortar narizes... e corações.

Accrescentou D. João ao galanteio um regougo de riso, com o que a menina

desatou uma gargalhada tão pachorrenta, que acudiram as irmans, salvo

Corinna, a rir sem saber de quê. D. João cuidou que ella se desmanchava

assim, á conta da ultima e novissima careta que elle fizera.

Logo que o ensejo se proporcionou, Gastão de Noronha perguntou ao primo

se Emma seria uma digna esposa d'elle. O velho acudiu logo, dizendo:

--Estava eu para lhe dizer, primo, que, a não ser Corinna, de boa

vontade casaria com Emma. Acho-a mais dada que as outras; mais socegada

e amiga da casa. A creatura passa horas e horas sentada no tapete, em

quanto as outras me estão sempre a convidar a passeios, e querem que eu

salte portellos e vallados como ellas, senão fazem-me apupadas as

doidinhas! Corinna agradou-me pelo seu juizo; mas, a dizer-lhe a

verdade, acho-a triste de mais; e esposa triste não serve para velho,

que bem lhe basta a rabugice e pezo dos annos. Em fim, primo, se Emma me

quizer, aqui estou.

Poucas horas depois, Gastão encerrado com Emma, perguntava-lhe se ella

quereria segurar uma enorme fortuna, casando com seu tio D. João.

--O papá está a mangar comigo!--disse ella rindo.

Com poucas palavras a convenceu da seriedade da proposta. Emma ouviu

tudo com desusada seriedade. Viu no rosto do pae signaes não fingidos de

atribulado, fallando da imminente ruina de seus haveres, e da recusação

de Corinna. O tom com que elle pedia a Emma o sacrificio era já

supplicante. A menina respondeu primeiro com lagrimas e depois com a

promessa de satisfazer os desejos de seu pae.

Nunca pae algum beijou sua filha com tamanho transporte de ternura!

Foi logo avisado D. João da resposta de Emma. O velho desenvolveu de

repente um pudor senil de muita graça! Estava, como noiva que se peja de

apparecer ao noivo, na sala onde o papá a manda chamar, a fim de, em

presença de ambos, confirmar vocalmente os anhelos de todos tres.

Esquivava-se D. João de encontrar a sobrinha; e, quando lhe ouvia a voz,

córava! Era a segunda infancia a fazer milagres de remoçar corações

mumificados!

Desde este incidente, Corinna da Soledade nunca mais viu um sorriso, nem

ouviu palavra carinhosa de seu pae. As caricias, repetidas até ao

extremo da ridiculez, eram todas para Emma, a quem elle chamava a

salvadora da familia. Pensava já Gastão no processo de defraudar a filha

mais velha dos vinculos, como esquecido da demanda em que os vinculos

estavam tão arriscados, que nem o seu proprio advogado lhe dava

esperanças de vencimento.

Cuidaram desde logo os fidalgos em requerer dispensa, que o Nuncio

apostolico residente em Lisboa concedeu.

Em seguida usou o pae da noiva de ardilosos rodeios para levar o futuro

genro a dotar a filha com os bens livres, que valiam muito, e grandes

arrhas. D. João de Mattos, ao principio irresoluto, porque o animo

sovina lhe inspirava duvidas, deu-se a final por vencido, e dotou a

noiva com avultado cabedal em dinheiro depositado em bancos de

Inglaterra, e estabeleceu-lhe arrhas mais que sobejas para uma viuva se

não lembrar mais dos sessenta annos do seu defuncto marido, ao ver-se

sósinha n'este valle de lagrimas.

Estava resolvido que as nupcias seriam celebradas em Lisboa, para onde

iria toda a familia, excepto Corinna, que pedira licença ao pae, e

facilmente a obtivera, de ficar n'um mosteiro de Vianna, em companhia de

uma prima de sua mãe.

A noiva encarava o futuro com a salutar pachorra de sua compleição, e

continuava a aparar as unhas do noivo e a rir-se das muito engenhosas

visagens com que o bom do velho julgava bem merecer da estimação da

menina. As outras tres meninas, a cuidarem nos arranjos da partida para

Lisboa, andavam alvoroçadas e felicissimas. Corinna esperava a vespera

da partida, com não menos alvoroço, para entrar no mosteiro de Santa

Anna.

Sorriam-lhe lá da sua cella as tristezas e a soledade em que o

desafogado coração se gosaria livre, livre para ir-se além-mar, nas

longas cartas, escriptas sem medo de ser surprendida, pedir ao digno

moço que lhe acceitasse a reclusão, tão voluntaria, como prova de seu

esperançado amor.

Estava marcado o dia da partida, tomadas as liteiras, as cavalgaduras, e

convidado o prestito dos parentes, que desceriam do alto-Minho para

acompanharem os noivos até ao Porto. Quatro dias antes do designado, D.

João de Mattos e Noronha, assignadas as escripturas, foi para a mesa,

que n'esse dia era lauta e muito concorrida.

Um dos pratos mais de cobiça, e ingratos a estomagos fatigados, era o

salmão, o salmão de Vianna, famoso em toda a parte onde a gastronomia

tem sacerdotes e martyres.

Entrou o noivo pelo salmão com a voracidade dos vinte e cinco annos, não

obstante o cauteloso primo lhe haver dito que se abstivesse de competir

com a sua Emma em materia tão indigesta. Parece que Emma gostava muito

do appetitoso pescado, e devemos suppor que o velho, por comprazer com o

paladar da noiva, quiz fazer heroismos de deglutição. Perdoavel excesso

para quem sabe o que é amar!

Declarou-se a indigestão, quando ainda se estava á sobremesa. D. João

pediu genebra, bebeu em proporção com o volume do bolo indigesto, e,

dando-se alta na incipiente molestia, comeu ovos mexidos em grande

porção, e correspondeu a todos os brindes com absorvente enthusiasmo.

Estavam todos admirados do vigor digestivo do sexagenario, e do rubor

juvenil que lhe ressumava nas faces, quando o velho se sentiu anciado, e

pediu um vomitorio prompto. Cada pessoa de familia lhe ministrava um

remedio, e Gastão, mais que todos, mostrava sua inquietação, mandando

chamar medico a Vianna. Foram logo sensiveis os symptomas de apoplexia.

D. João tinha os olhos injectados de sangue, e a cabeça em brazas vivas.

Votaram todos pela sangria; mas não havia sangrador, nem sequer lanceta.

O abbade da freguezia estava presente, e, como bom pastor, foi de

parecer que seria muito util ministrar os sacramentos ao enfermo, visto

que as apoplexias eram summarias n'aquellas idades e por taes causas.

Redobraram os sustos de Gastão de Noronha. A morte, anticipando-se

quinze dias, dava um golpe terrivel em toda aquella familia. O menos

damnificado seria de certo o morto. Quem mais soffria as angustias do

moribundo era Gastão! Perguntou elle ao abbade se seria acertado dizer a

D. João que recebesse as bençãos nupciaes.

O clerigo encarregou-se de lh'o propor. O enfermo, já quasi

desaccordado, ouviu a pergunta e estorceu-se em desesperada afflicção.

Foi então que elle viu a morte na pessoa do inoffensivo abbade. Á

segunda instancia, D. João fez um esgar repellente, e sacudiu

vertiginosamente os braços e as pernas. Gastão disse a Emma que se

approximasse do leito, e lhe dissesse algumas palavras confortadoras.

Emma foi com semblante de medo. As feições do velho, já lassas e

lividas, para assim o dizermos, cheiravam a cadaver. A pallida menina

foi tremendo.

--Dá-lhe a mão--disse-lhe o pae ao ouvido.

Tocou ella na mão tepida e insensivel do agonisante com repugnancia.

O abbade, instado por Gastão, disse:

--Senhor D. João de Mattos, vossa excellencia recebe como sua legitima

esposa a senhora D....

O velho deu um sacão, e esgazeou os olhos espavoridos.

Emma retrahiu-se aterrada, e o abbade sahiu a ir buscar os santos oleos.

--Vai-se embora, abbade?!--perguntou o fidalgo furioso de sua afflicção.

--Não ha que fazer aqui, senão cuidar-lhe da alma--disse o padre--O

homem já não dá accordo de si: o casamento n'este estado ficaria

canonicamente nullo, fidalgo!

Sahiu o abbade da egreja com o viatico, e recolheu logo, por lhe dizerem

que D. João tinha expirado.

IX.

UMA CARTA DE CORINNA DA SOLEDADE A ANTONIO D'AZEVEDO BARBOSA.

«Na minha segunda carta lhe contei o que se passou até á morte do tio D.

João. Agora é que eu bem comprehendo o desespero em que vive meu pobre

pae. Quando elle me disse que iamos empobrecer, cuidei que se inventava

um engano para eu consentir em ser a victima voluntaria da pobreza da

nossa familia. Soube que a Emma fôra instada com as mesmas razões da

pobreza: não a dissuadi; mas, em minha consciencia, julguei que era

sacrificada ás ambições de continuar-se em Lisboa o fausto que tiveramos

em Paris.

«É verdade o que meu pae me dizia. Os bens do vinculo, unicos que

possuimos, estão em risco de se perderem. Imagine o meu querido amigo

como será a nossa vida, ouvindo a cada hora o pae lastimar-se,

enfurecer-se e lançar-nos injustamente em rosto que fomos nós a causa da

sua ruina, porque dissipara os bens livres para nos dar em Paris uma

vida brilhante com esmerada educação! Minha mãe, que não tem culpa de

ter sido herdeira do dote que lhe tiram, faz-me muita compaixão, quando

o pae lhe diz que foi atrozmente enganado para casar com ella.

«Que será de nós, passados alguns mezes? Para onde iremos quando nos

expulsarem d'esta casa? Minha mãe já pediu a parentas, que tem em

differentes conventos, que nos recebam. Eu creio que irei para Vianna e

mais a mana Felismina; outra irá para Vairão; e as outras duas para S.

Bento do Porto. O pae diz que vai a Lisboa requerer um emprego, com que

possa sustentar-se a si e á mãe. De maneira que estamos em vesperas de

nos dispersarmos para nunca mais nos reunirmos! E eu, entre todas as

minhas irmans, sou a menos infeliz, porque ha muito suspiro pela solidão

do claustro, e sei que lá terei comigo a imagem compassiva do meu

querido irmão; porém, eu queria ir para o convento, deixando a minha

familia contente e feliz, e não assim a braços com a dependencia, e Deus

sabe com quantas desventuras peores que a dependencia!

«Aqui me tem, pois, bem digna do seu amor por minha pobreza. Já me

lembrou se Deus me deu esta virtude para merecer aos seus olhos, meu

amigo. Tenho momentos em que o futuro se me allumia; sou eu a unica

pessoa da minha familia que vê a felicidade através d'esta escuridade.

Todos se lastimam, e eu só me lastimo de os ver tão desanimados.

Falta-lhes o amparo do amor, e talvez da fé na providencia divina. Eu

rezo muito, e desafógo em consoladoras lagrimas; minhas irmans e meus

paes abafam sem linitivo. Ás vezes quero consolar meu pae: o infeliz

repelle-me, como se eu désse causa a seus desgostos, e não fosse capaz,

para o salvar da queda, de me deixar esmagar no coração e na vida!

«Não estranhe que eu lhe diga tudo o que o coração me fôr dictando.

Agora que eu estou assim pobre, e d'aqui a pouco obscura e esquecida

n'um convento, haveria alguem que me quizesse para esposa? Poderia

alguem invejar a sorte do homem que me acceitasse? Pois, é n'esta

situação que eu mais confio do seu amor; é assim que eu me affoito a

pedir-lhe que venha, que renuncie ao desejo de ser rico, e que... A

riqueza para que a procurava? não era para poder ostentar o seu

valimento aos olhos de meu pae? Era de certo; que, se fosse para valer

em meu conceito, grande injustiça me fazia, meu caro amigo. Pois então

faça de conta que estão cahidas as barreiras que só o ouro poderia

arrazar. Ninguem me impedirá que eu seja sua mulher. Sejamos ambos

pobres: não teremos que medir a desegualdade das nossas posições. A

nossa fortuna principiará com a primeira moeda de cobre que empregarmos

no primeiro pão. Depois eu lhe darei horas de alegria com a minha ditosa

conformidade a tudo que os descontentes chamam infortunio.

«Não cuide que a vida de convento me assusta, e que eu procuro aligeirar

o tempo do supplicio. Não, meu amigo. O convento é o unico estado que me

quadra, e a mais proxima ventura que se offerece á minha sêde de

solidão. Se voltar cedo, lá me encontrará; se, passados muitos annos

tornar para Portugal, no convento me encontrará ou desfigurada pela

velhice, ou confundida nas cinzas das bemaventuradas, que alli acabaram

contentes e amantes de mais seguras esperanças que as minhas.

«Póde ser que o meu irmão, n'essa outra sociedade, com outras relações,

e com a mudança que fazem os annos, contra vontade mesmo de quem se

transfigura, sinta diminuir-se a boa impressão que de mim levou. Não

creio que me esqueça; mas póde ser que a distancia me vá descolorindo

aos olhos da sua alma. Se tal acontecer, nem assim deixarei de esperar

que em algum momento, entre as fugazes venturas d'este mundo, o seu

espirito vá ver-me, no meu asylo, esperando-o ainda, e esperando sempre.

«Mas o meu coração lhe pede que não me esqueça, e que acceite as

alegrias que elle lhe promette. Adeus, meu amigo, meu consolador. Sua

\_C. da Soledade\_.»

A PRIMEIRA CARTA DE ANTONIO D'AZEVEDO A CORINNA, ESCRIPTA NO BRAZIL.

«\_21 de junho de 1843, onze horas da manhan.\_

«Aqui estou, minha querida Corinna. Cheguei ha meia hora. A minha

tristeza tem uma negrura inexplicavel. Abafa-me mortalmente este ar.

Estou como o desterrado que atiraram a uma praia onde não houvessem

olhos humanos que me vissem chorar. Ó meu Deus, que atroz supplicio é a

saudade! Que desolação em roda de mim, que terror me incute tudo isto

que me vê com uma indifferença dolorosa como o escarneo! Sahirei eu

d'esta febre que me está arrancando pedaços de vida a cada momento! Ó

Corinna, eu não a vejo mais! Aqui é que sossobram as mais robustas

almas... Eu não previra isto... É impossivel que haja piedade n'esta

gente! A quem escrevo eu, meu Deus! Está a milhares de leguas distante,

ó minha amiga! E esta carta só, passados quinze dias, sahirá

d'aqui!...............................................................

......................................................................

«\_Quatro horas da tarde.\_

«Sahi no afôgo de uma afflicção sem nome. Levei a minha carteira, e

entreguei uma carta do Taveira a um negociante, que, apenas leu a carta,

me disse que eu seria hospede na sua chacara, para onde vou ámanhan.

Acolheu-me com muito bom rosto, e, apertando-me a mão, disse: «O senhor

vem muito recommendado: ha de ter muitos amigos, e eu o mais dedicado de

todos.»

«Fizeram-me grande bem estas palavras. A maior oppressão vai

desapparecendo. Já a vejo a outra luz, minha Corinna. Já a torno a ver

ao meu lado com a missão de anjo do alento e da paciencia. Os

desamparados são unicamente aquelles que não tem nenhum amor puro na

terra, nem confiança na graça divina. Ha de tudo em minha alma, bemdito

seja Deus! Eis-me outra vez forte para a lucta, e envergonhado da minha

fraqueza. Não rasgo a primeira pagina d'esta carta porque a minha alma

ha de mostrar-se-lhe sempre nas suas intercadencias de força e

desanimação. Assim lh'o prometti, e tenho necessidade de cumprir. Toda a

gente ha de ignorar os meus desfallecimentos, menos a minha Corinna para

me dizer: «Levanta-te, fraco, se queres ser digno de mim!» Vou sahir

para entregar outras cartas, antes da minha ida para o campo.

«\_Nove horas da noite.\_

«Todos os portuguezes me recebem nos braços. Suppunha eu que os

negociantes me acolheriam com a frieza da sua distancia d'um homem de

tão diversa profissão. O que ahi se diz d'esta boa gente é uma calumnia.

Os opulentos commerciantes a quem me apresentei parece que me estavam

vendo nos olhos espelhadas as saudades da patria; e elles, tambem

saudosos, sympathisavam mais com a minha dor, e queriam ouvir-me fallar

das menores coisas de Portugal. Aqui é que se sabe o que é esse torrão

de flores e alegrias. Em parte nenhuma a palavra «patria» tem tão doce,

tão querida e esperançosa significação. Muitos ahi dizem que tem

vergonha de serem portuguezes; aqui sente-se orgulho de ter lá nascido,

e encontrar tão longe irmãos assim saudosos da mãe commum. Abençoados

sejam estes homens que tem olhado compadecidos para mim! Devo-lhes esta

serenidade com que lhe vou escrevendo... Mas o cansaço prostra-me, minha

amiga. Até ámanhan.

«\_22 de junho, oito horas da manhan.\_

«O meu despertar foi afflictivo. Com os sonhos renasceram as saudades, e

o descorçoamento. Assaltou-me a pusillanime ideia de voltar já para

Portugal. Seduzia-me o receio de adoecer n'este clima, o terror das

febres, a difficuldade de ser rico, onde nem todos são ricos, ainda os

mais laboriosos. Adormecera pensando no caminho que devia encetar: todos

se me afiguravam difficeis e escabrosos. Que fraqueza! que inconstancia

miseravel a do homem mais fervoroso no trabalho! Eu tinha perguntado ao

dono do hotel se os advogados enriqueciam depressa; e elle, enumerando

todas as profissões que enriqueciam, não mencionou a minha. Instei

encarecendo as vantagens que se offerecem a um bom e honrado advogado:

ouviu-m'as encolhendo os hombros, e disse que os caminhos direitos eram

os mais tortos para quem procurava enriquecer-se. Isto desconsolou-me,

amargurou-me os sonhos, e deu-me a hora má que precedeu estas linhas.

Deixar fallar o descrente da honra. Se é forçoso, renunciarei á riqueza;

contento-me que as muitas fadigas e vigilias me dêem honesta

independencia, e o respeito de mim proprio.

«\_Cinco horas da tarde.\_

«Espera-me o amigo de quem vou ser hospede. Brevemente voltarei a dar

começo á minha tarefa. Já me estão pezando as horas que vou passar de

ocio sem prazer: parece-me que são horas que roubo á sua felicidade e á

minha. A vontade energica é uma esperança meio realisada. Ha aqui n'este

ar, n'este ceo, n'esta incessante labutação, um rumor mysterioso que eu

escuto como o cantico victorioso dos que luctaram e venceram. Porque não

hei de eu, a final, vencer tambem com esta ancia e força d'alma, com

este amor e saudade, com esta voz prophetica promettedora de honrosos

triumphos?...

«\_23 de junho, nove horas da manhan.\_

«A casa em que vivo, minha amiga, faz-me lembrar uma finissima e polida

concha entre fofos de verdura e caules de gentis florinhas! As palmas,

as tamarindeiras, os coqueiros, e muita especie de arvores do paraizo

com sua explendida e agigantada folhagem, absorvem os raios abrazadores

d'este sol, e elaboram-no em si, expedindo-o em frescura, que faz

lembrar a da nossa terra, as auras das margens dos nossos rios, os

salgueiraes do seu Lima, e os choupaes do meu Cávado! Mas que falta aqui

da alegria dos nossos arvoredos, minha Corinna? Não sei: parecem-me

tristes estas arvores; não me viram na infancia; não me conhecem; não me

fallam. Que bello deve ser este diamante do mundo para os que nasceram

aqui! Que abrasadas fantasias serão as dos poetas aquecidos a este vapor

aromatisado por tantas urnas de florescencia peregrina! Que ar de

primitiva magnificencia da creação tem isto tudo? Afigura-se-me que, á

sahida do eden, este pedaço de mundo se desdobrou, com as entranhas

arquejantes de riqueza, concitando o homem condemnado a trabalhar, a

tressuar e a limpar mil vezes o rosto, calcinado sob os ardores do sol,

á sombra d'estas arvores, que significam a misericordia divina ao lado

da justiça inexoravel. É um como fantastico explendor que me está

arrobando os sentidos; mas a minha alma está triste porque esta verdura

macilenta não é a da minha patria; estas folhas hirtas, apontadas ao ceo

como flexas, ou largas, immoveis e enormes, não me dão o murmurio

tremente das nossas selvas. Não oiço o rumorejo dos regatos, nem o gemer

dos carros, nem a cadencia melancolica dos pegureiros das nossas serras.

Ai! a patria, Corinna! como é linda a nossa tão rica e tão pobre terra!

Que copiosas bençãos verte Deus sobre a cabana do pobre jornaleiro que

achou a felicidade sem a procurar, formando d'um rochedo e da sebe

d'alguns arbustos o seu palaciosinho ás abas da serra da Tranqueira,

onde eu, em criança, tantas vezes subi para contemplar as boleadas

serras do seu paraizo, minha filha. Tudo agora me lembra quanto é

pequeno e pueril ao pé d'estes gigantes de verdura, que me assoberbam

com a sua magestade! Ainda vos verei, ó opulentas pobrezas da minha

mocidade! Ainda lá recordarei, a sós com o anjo da minha alegria, estas

melancolicas horas, este deslumbrante espectaculo, que parece estar-me

dizendo que para gosal-o é preciso ter aqui gosado os brinquedos de

irmãos, os carinhos de mãe; e, sobre tudo, ter aqui sentido o coração a

formar-se, e a desentranhar-se em amor e esperanças...................

......................................................................

«\_25 de junho.\_

«Brevemente, ámanhan talvez, volto para o Rio. Vou praticar com um

advogado portuguez de grandes creditos e fortuna, homem de muita idade,

que reparte comigo os interesses, e me trespassa as obrigações muito

lucrativas de defensor, em que está contractado com corporações

commerciaes. Devo esta promettedora estreia ás cartas do pae de

Felisberto Taveira, que d'aqui foi ha muitos annos, e deixou respeitado

nome, e ainda grosso cabedal. Estou contente quanto, em minha situação,

é possivel estar. Esta familia que me hospedou já me parece minha. A

intimidade aqui é uma religião, como se um punhado de portuguezes, e não

cincoenta mil almas, se encontrassem em torrão estrangeiro. Aqui é onde

nós aprendemos o amor de conterraneos: lá, no seio da mãe, somos-lhe

ingratos a ella, e maus uns com os outros; aqui suspiramos todos por

ella, abençoamol-a, e religamos os corações de todos com vinculos da

reciproca saudade.

«Espere, espere, minha querida Corinna, que havemos de ser felizes!

......................................................................

«\_27 de junho.\_

«O lettrado a quem vou associar-me é um ancião de semblante apostolico,

viuvo, sem filhos, rico, muito esmoler e doente. Fallamos muito de

Portugal, d'onde elle veio com D. João VI ha muitos annos. É filho de

Lisboa, e está ha vinte annos com o projecto feito de ir morrer á

patria; porém os medicos aconselham-o a gosar-se do clima a que está

affeito. É que toda esta gente o venera, e carece além d'isso da sua

muita sciencia, e probidade na sciencia. Já aqui teve comsigo dous

sobrinhos, que elle amava como seus unicos herdeiros. Morreram ambos por

causa da irregularidade da sua vida, e o ancião chorava fallando-me

d'elles. Ámanhan começo a praticar e a estudar o direito brazileiro:

ser-me-ha preciso naturalisar-me; que importa? Eu serei voluntariamente

natural de toda a parte onde encontro irmãos que fallam a minha lingua,

com tanto que me deixem o coração, lá, onde tenho tudo que é d'elle.

.....................................................................»

A carta é extensa de mais, e o leitor contenta-se com as paginas

transcriptas.

X.

Gastão de Noronha valia ainda muito com homens de alta graduação, seus

companheiros de exilio.

O litigio, perdido em primeira instancia, foi appellado para o Porto; e

com quanto uma espantosa actividade, esporeada pelo ouro do brazileiro,

instasse com os juizes de segunda instancia, os padrinhos do fidalgo

valeram mais para que o processo paralisasse na mão do relator. Este,

porém, com maravilhosa consciencia fez saber ao réo que a sua perda era

inevitavel, cedo ou tarde, e que parte da imprensa estava a favor da

prompta decisão do pleito.

Decorridos quatro mezes, os tres jornaes portuenses d'aquelle tempo, e

alguns de Lisboa, depois d'um prefacio de dez e mais artigos ácerca da

corrupção da magistratura, fulminaram o juiz relator, já alcunhando-o de

vendido, já de subornado pelas fidalgas influencias que ladeavam Gastão

de Noronha. Não houve remedio senão confirmar a sentença.

Recorreu de revista para o supremo tribunal o réo, acompanhando o

processo, e cumulando embargos sobre embargos. Em Lisboa a presença de

Gastão e a solicitude dos amigos promettiam um anno ou mais de

esquecimento dos autos; mas as gazetas, ainda antes de tempo, já se

mostravam espantadas da demora, e, por conta de seu espanto, lavraram

logo alvará de corruptos a todos os juizes, pedindo ás leis, ao governo

e ao universo que os esfollassem, como o tyranno de Siracusa fizera a um

juiz venal.

Aproveitou Gastão o ensejo de requerer emprego em Lisboa, já mais que

certo do resultado do pleito. Os seus amigos, que o julgavam rico,

pasmavam de o verem com aquelle aspeito typico, immutavel, e unico de

pretendente. Pedia elle a directoria d'uma alfandega de primeira ordem,

posto que nenhuma estivesse vaga. O ministro achou absurdo o

requerimento, e os amigos acharam importuno o requerente. Desceu Gastão

de suas pretenções, e pedia um governo civil em Vianna, Braga ou Porto.

Os funccionarios que exerciam taes commissões na provincia eram sujeitos

affectos ao governo, e bons fabricantes de Fabricios e Codros

sertanejos. O fidalgo foi esclarecido a este respeito, e azoou. Pediu

ainda um logar de escrivão da mesa grande da alfandega de Lisboa; mas o

ministro mostrou-se muito sentido de que o serventuario existente não

tivesse dado causa a ser demittido.

Ora Gastão de Noronha algumas vezes, em Paris, dera a um dos ministros

pares de botas, e muitos jantares a outro. Assim lh'o lançou em rosto, e

elles, pelos modos, ouviram a injuria com muito receio de que o fidalgo

minhoto fizesse uso dos pulsos não menos rijos que as phrases. Era homem

para isso o atribulado pae de cinco meninas, em vesperas de não ter

sombra de arvore sua que o cobrisse!

Desanimado, e com o pensamento do suicidio a empeçonhar-lhe a alma,

desamparou o processo, e foi para os seus.

Que ia elle fazer alli? que destino ia dar ás filhas? que remedio

esperava elle haurir das lagrimas da pobre Mafalda, que em seis mezes

envelhecera vinte annos?

A sua entrada em casa denunciou, sem palavras, a desesperança e suprema

desgraça que o trazia. As meninas cuidaram logo nos preparos para se

recolherem ao claustro, e D. Mafalda, sem consultar o marido, resolvera

entrar com Corinna no mosteiro de Vianna. No tocante a si, dizia Gastão

de Noronha que as suas tenções estavam deliberadas.

As tenções do fidalgo eram incendiar o palacete no dia em que chegasse

de Lisboa a noticia do ultimo arranco da sua fortuna. O que elle faria

de si depois era segredo que não deixou transpirar dos seus furores

recalcados no peito.

A noticia que o seu procurador lhe deu passados dias foi consolativa. O

supremo tribunal annullara o processo desde a appellação por falta de

intimação ao réo. Queria isto dizer que a demanda ia recomeçar desde a

sentença de primeira instancia.

Recobrou-se Gastão; as meninas descontinuaram os preparativos de

convento; aquietou-se o animo de todos, e volveram á casa das margens do

Lima alguns parentes, que fugiam \_para não presenciarem as angustias

d'aquella nobilissima familia\_. Boas almas, não tem duvida nenhuma!

De pouco tempo foi este repousar para maiores angustias. Os zelosos

procuradores de Fernando de Athaide obtiveram despacho para embargo dos

fructos pendentes, fundamentando sua justiça em artigos que o leitor

curioso póde ver de seu vagar no codigo.

Foi, para este effeito, citado Gastão de Noronha. Era de mais: foi uma

faisca que atiraram áquella alma cheia de rancor, que ameaçava explosão!

O fidalgo chamou os criados, armou-os, postou-os ao portão da quinta, e

sentou-se no muro para capitanear a defeza.

Os officiaes de justiça, idos de Vianna, quando avistaram os homens

armados, retrocederam. Os criados, vencedores sem consumo de polvora,

deram-lhes uma bateria de apupos e assovios, que nunca a justiça d'estes

reinos foi tão ridiculamente escorraçada.

Gastão preparou-se para mais pugnaz arremettida. Chamou os caseiros em

grande numero, armados de foices, enxadas e escopetas vesadas a matar

uma andorinha no ar.

Sahiram de Vianna os mesmos esbirros e outros mais afoitos, com doze

soldados e um sargento. As inculcas do fidalgo anticiparam-se com a

noticia. Gastão fechou toda a sua familia n'uma sala interior da casa

nova, e postou-se com trinta homens nas janellas do edificio solarengo.

A diligencia viu aberto o portão, e receou cilada. Os aguazis incitaram

o exercito a ir na dianteira. O bravo sargento, direito como um

Giraldo-sem-pavor, entrou com o dedo no gatilho, bradando: «preparar!»

com voz tão marcial, que fazia lembrar os bons tempos de Nuno Alvares e

João de Castro. Os soldados compassaram-se em atiradores ao longo das

alas de cilindras e acacias.

As avesinhas, que se aninhavam calorosas por entre a folhagem,

crepitavam em bandos, e fugiam para o lado da casa, como a pedirem

abrigo ás cinco meninas, suas unicas visitas áquelles pacificos

caramancheis.

Parou a tropa no terraço fronteiro á casa. O sargento viu uma cabeça

entre as duas columnatas mosarabes d'uma janella, e disse:

--Cuidado! que lá está um!

--É o fidalgo!--disse o escrivão, aventurando uma espreitadella por

entre as franças de uma olaia--Está sósinho?

--Está, pelo menos não vejo mais ninguem--disse o sargento.

Animou-se o executor a sahir em claro, e cortejou de baixo Gastão.

--Que quer vossê?--perguntou o fidalgo.

O escrivão tartamudeou palavras inaudiveis. Sahiu á frente um official

de chibança, e disse stentorosamente:

--Vimos a fazer embargos nos fructos a requerimento de Fernando

d'Athaide, e com mandado do senhor doutor juiz de direito. Está vossa

excellencia citado na presença de todas estas testemunhas. Agora vamos

cumprir a diligencia: somos mandados. Vossa excellencia, se quizer,

ponha embargos ao embargo.

--Eu não lhe tolero conselhos, \_su\_ miseravel!--bradou Gastão--Já, e sem

perda de tempo, meia volta á direita, e fóra da minha quinta, quando não

vão debaixo de fogo!

--Auto de resistencia!--exclamou o escrivão, desentarrachando um

tinteiro de osso negro, e examinando na unha do pollegar esquerdo os

bicos da penna.

Mal o scriba proferira a bombastica exclamação, o fidalgo deixou ver o

cano de um bacamarte, e vinte se não mais bocas de fogo romperam das

differentes janellas. O escrivão escoou-se ao longo d'um massiço de

murtas e acocorou-se. Os esbirros tomaram a retaguarda do exercito, e o

sargento, em vez de arengar á tropa enfiada de pavor, sahiu do seu posto

de honra e foi perguntar ao agachado escrivão se devia dar voz de fogo.

O escrivão ouviu a sibylla do medo, e disse que o melhor seria não haver

sangue, e retirarem-se a lavrar o auto de resistencia.

--Meia volta á direita, rodar!--bradou o sargento. Os soldados voltaram

costas ao inimigo, e obedeceram ás vozes «braço-arma!» e «marcha!»

A victoria, posto que incruenta, seria uma ridicula derrota para as

armas e para as lettras juridicas, se alguns dos caseiros de mais rópia

e chulice, como lá dizem, não sahissem por portas travessas contra

vontade do amo, e não cortassem por atalhos a retirada á corrida

justiça. Mal precatada ia esta, quando o tiroteio lhe rompeu á frente e

pelo flanco direito, com grande algazarra de gritos, e de balas, cujo

assovio encrespava de horriveis titilações as orelhas do escrivão. Os

soldados viam, a intervallos, surgirem umas cabeças por detraz das

moitas, ou deslizarem rapidos os vultos sobre uma clareira de dois

troncos seculares do escuro arvoredo. Um soldado mais afoito rompeu ao

bosque, e voltou de lá a manquejar com um raspão de bala n'um artelho. O

esbirro chibante, que queria dar o exemplo da bravura, viu-se de repente

na boca d'uma clavina, e metteu a coragem debaixo dos joelhos, que poz

em terra, pedindo misericordia.

Gastão, logo que ouvira o tiroteio, mandou chamar os seus bravos, mas

não a tempo de aggravar a resistencia com o ferimento do soldado. Cessou

o fogo. Os escaramuceiros recolheram á cidadella com um chapeo de

aguazil arvorado no gancho d'uma foice, e o escrivão com os seus

chegaram a Vianna com aspecto livido como aquelle soldado unico dos

trezentos de Leonidas que foi annunciar a Sparta a morte de todos os

seus camaradas nas Thermopylas.

O regimento de infanteria aquartelado em Vianna, quando viu o soldado

ferido, quiz sahir em pezo a vingar a affronta. Conteve o commandante a

soldadesca, promettendo em nome da justiça mais legal e solemne

vingança.

Póde dizer-se, sem injuria ao fidalgo, que a pobre cabeça d'elle estava

perdida. Era aquillo tudo um cavar abismos em abismos. De hora a hora

mandava atalaiar a estrada, em quanto recolhia gente armada das aldeias

proximas, munições de guerra e vitualhas. Aquella casa, tão quieta dias

antes, a remirar-se no crystal do Lima, estava sendo um castello de

antigo barão em guerra com rei, ou senhor feudal inimigo de velhos odios

de raça. As pallidas meninas e sua mãe aconchegavam-se umas das outras,

e tremiam a cada estrondo de cronha d'armas no sobrado ou tinnir de

varetas no cano das espingardas.

Mafalda ia supplicar ao marido que fugisse e as deixasse a ellas

recolher aos conventos para se pouparem á desgraça de o verem a elle

morto ou preso.

Gastão enfurecia-se contra as lagrimas; e, no auge de sua demencia,

chegava a bradar que elle e sua familia morreriam no incendio da casa

para não sobreviverem ao opprobrio da indigencia.

Os espias, ao terceiro dia de providencias para formal assedio, foram

avisar o fidalgo de que vinham na estrada tres cavalheiros com um

lacaio.

Momentos depois apearam no pateo os pacificos invasores da fortaleza,

passando por entre fileiras de homens armados.

Gastão da sua janella-guarita reconheceu um parente de Vianna e

Felisberto Taveira, já então visconde da Cruz, cujo era o lacaio.

Felisberto abraçou effusamente o pae de Corinna, maravilhando-se do

aspeito bellicoso do castello, e pedindo licença para cumprimentar as

damas castellans.

Appareceram as meninas com sua mãe. Corinna não se teve que não

abraçasse expansiva e lagrimosa o amigo de Antonio d'Azevedo.

Ditos os logares communs, que eram para pouco em lances tão

extraordinarios, o visconde da Cruz disse que lêra no \_Periodico dos

Pobres do Porto\_ uma correspondencia contando com negras cores a

primeira resistencia que o fidalgo fizera á acção judiciaria, e os

motivos que promoviam o embargo. Ajuntou que resolvera desde logo sahir

caminho de Vianna para, como bom amigo de tão sympathica familia,

offerecer o seu valimento. Accrescentou que chegara a Vianna quando se

tomavam violentas medidas para vingar o aggravo feito á justiça e á

força armada; e então, de accordo com o cavalheiro parente da casa, e

advogado d'um tal Fernando de Athaide, conseguira, mediante um deposito

equivalente ao rendimento dos bens litigados, cancellar os processos

crimes instaurados e mandados de prisão.

Não ficou assim mesmo Gastão de Noronha extremamente satisfeito de tal

serviço; mas agradeceu-o com um sorriso, e as meninas com lagrimas.

A parecer do visconde, os caseiros depozeram as armas e os criados

voltaram ao seu trabalho. O chapeo do aguazil, em testemunho de alegria,

foi arcabusado e sacudido em farrapos aos quatro ventos do ceo.

O restante do dia e noite correu tranquillo e alegre. Corinna recebeu

furtivamente a segunda carta de Antonio d'Azevedo, e sentiu ancias de

oscular a mão do visconde, que lh'a entregou com estas palavras:

--O nosso Antonio está n'um largo caminho de venturas. Ha de vel-o em

Portugal dentro em pouco, e rico. Tenha orgulho de ser amada por tal

homem.

--Tenho! Deus sabe que tenho!--murmurou ella.

XI.

O incansavel estudo, auxiliado pelo muito saber e prática do doutor

Valentim da Costa, habilitou Antonio d'Azevedo a grangear renome em

poucos mezes de exercicio.

O velho presava o praticante com mais que a vulgar estima captada pela

probidade. Quantos ganhos podia declinar em lavor do laborioso moço

todos lhe dava, não exceptuando mesmo os resultantes de seu proprio e

exclusivo trabalho. Os clientes não distinguiam entre os dois, e alguns

iam mais contentes da linguagem e escripta concisa e vigorosa do doutor

novo.

--Já póde o senhor Azevedo, quando quizer, estabelecer-se sobre si--lhe

disse o velho um dia--Ha de sobejar-lhe clientela, e está na carreira

que leva á consideração e á fortuna. De mim é que já não precisa, meu

caro amigo.

--E vossa senhoria assim me dispensa da sua companhia?--atalhou

Azevedo--Fiz sempre quanto pude por que esta sociedade lhe não fosse

onerosa.

--Ora ahi está! Eu a cuidar que o senhor desejava estar sósinho em seu

escriptorio, como todos desejam, e vai agora sae-me o Azevedo o

contrario de toda a gente! Pois, em sua boa verdade, o senhor quer ficar

na minha companhia?

--Desejo-o; e nunca me lembrou que havia de sahir.

--Pois fique, Azevedo, fique, se o não move o interesse de mais algum

punhado de oiro no fim de cada anno. Bem vê como este meu trabalho é

interrompido pela gota, pelo rheumatismo e por outros achaques, contra

os quaes não tenho que allegar nos nossos reinicolas. Isto está acabado,

e acabada estava ha muito a minha tarefa, se não fossem velhos amigos

que me tiram da cama para a cadeira, e ás vezes conseguem arrastar-me,

em holocausto á amizade, aos tribunaes. Agora os novos que trabalhem, e

cá se avenham com o seculo, com o qual eu já me não entendo. Tome o

Azevedo conta das minhas procurações, dos meus livros, dos meus amigos,

e, se quizer, do meu rheumatismo e da minha gota.

O velho doutor era mui faceto, e mettia sempre a riso a sua gota e o seu

rheumatismo.

Estavam elles n'uma d'estas feriadas praticas, quando entrou um cliente

de Valentim da Costa.

--Muito bem apparecido seja--disse este--o senhor Fernando de Athaide,

fidalgo em Portugal e fazendeiro no Brazil. Vem-me dizer que está de

posse dos seus vinculos de S. Torquato, de Alvites e de Ameixoal?

Parabens!

--Quaes parabens, meu caro senhor doutor!--disse Fernando de

Athaide--Aquillo tem dente de coelho! Tenho gasto o valor dos bens;

tenho cinco sentenças a favor, e ainda pelo ultimo barco recebi uma

carta do advogado e outra do procurador. Veja lá vossa senhoria o que

por lá vai!

Leu o doutor mentalmente, e interrompeu-se em meio com esta exclamação:

--Magnifico bruto é o seu advogado, e o seu procurador outro bruto

magnifico! Pois não deixam de intimar ao réo a primeira sentença! Esta,

esta é das que desbancam a propria estupidez!...

--Pois olhe que tenho pago a rios de oiro essas brutalidades--disse

Fernando.

--Não que ellas valem-no pela raridade!--disse o doutor limpando os

oculos e proseguindo na leitura mental.

--Isto agora é que tem graça!--exclamou o velho, arfando em

risadas--Está-se lá em Portugal na edade media. Recebem a justiça a fogo

e ferro! Ó Azevedo, oiça lá isto, que é perdido em pouca gente.

E leu:

«A diligencia que sahiu de Vianna, retirou apupada e não fez o embargo;

a outra que foi com a tropa, retirou debaixo de fogo, e recolheu com um

soldado ferido. Á hora que lhe escrevo consta-me que mais de cem homens

armados fazem sentinella ao palacio artilhado de Gastão de Noronha....»

--Como? de quem?--exclamou Azevedo.

--De Gastão de Noronha--disse o velho--Conhece-o?

--Conheço!--disse mui alvoroçado e pallido Antonio d'Azevedo--Mas que

tiros são esses?

--É muito simples--respondeu Fernando d'Athaide, eu sou o directo

successor dos vinculos que retem D. Mafalda de Athaide, mulher de Gastão

de Noronha e minha prima. Ha muitos annos que tracto de senhorear-me do

que é legitimamente meu. Tenho vencido em todas as instancias; obtive

despacho para embargo nos fructos até á final decisão do pleito,

annullado por um estupido descuido; e quando os officiaes de justiça vão

cumprir a lei, o senhor Gastão dá-lhe fogo, e diz que a casa é sua. Ora

vejam o que é Portugal! que civilisação aquella! Com que então o senhor

doutor conhece meu primo Gastão de Noronha?

Azevedo, de abstrahido que ficou, não ouviu a pergunta. Fernando encarou

em Valentim, como perguntando-lhe se era surdo o praticante.

--Diz o senhor Fernando se o meu amigo conhece Gastão de Noronha--tornou

o velho.

--Conheço, creio que já disse.

Esta resposta foi dada com enfadado franzimento de sobr'olho, estranho

ao velho.

Azevedo, vencido insolitamente de sua nobre paixão, fitou em cheio o

rosto de Fernando, e perguntou:

--O senhor é pobre?

--Graças a Deus, não.

--É rico?

--Assim, assim.

--É muito rico--accrescentou o doutor Valentim.

--E não carece dos bens de sua prima D. Mafalda para ser feliz?--tornou

Azevedo.

--Os bens são meus; não são de minha prima Mafalda--redarguiu Fernando

com desabrimento.

--Convenho que são seus. Os bens que legitimamente possue sua prima são

cinco filhas. Se o senhor tirar áquella familia as terras de que viviam,

sua prima e seu primo e cinco meninas terão fome; ao passo que o senhor

Fernando de Athaide não saberá que fazer d'essa parcella, que

accrescenta á sua abundancia.

--Pode ser que assim seja--disse Fernando descommovido--mas a pobreza

não é orgulhosa. Eu escrevi duas cartas a Gastão de Noronha, quando elle

estava em Paris, propondo-lhe uma conciliação, e elle nem sequer desceu

do seu orgulho a responder ao filho natural de Fernão de Athaide. Ora o

filho natural quer desforçar-se como seu pae se desforçaria lançando

fóra de sua casa os miseraveis que o não reconhecem como dono, nem

sequer como parente. Colloque-se lá na minha posição, e diga-me o que

faria?

--Tinha commiseração--respondeu Azevedo, e fingiu-se occupado a folhear

uns autos.

--Commiseração com o senhor castellão que manda despejar balas sobre os

executores do meu direito!--volveu Fernando--Olha em que postas eu era

talhado se vivesse lá n'aquellas serras, em que os ladrões fidalgos se

acastellam!

Antonio d'Azevedo pegou do chapeo, e disse que ia jantar e voltaria

depois. Ao sahir cortejou urbanamente Fernando, como a pedir-lhe

desculpa no sorriso.

--Este homem é exquisito!--disse Fernando ao doutor.

--É um modêlo de honra e virtude--tornou o velho--Não imagina que puro

oiro é o d'aquella alma! Foi a commiseração que o excitou a tal

estranheza de phrases. Desculpe-o, que o pobre moço, no fim de tudo,

disse-lhe uma augusta verdade. Olhe que é triste coisa um homem que

educou cinco filhas com todo o mimo e regalias de fidalgas, vel-as

privadas de pão e de respeitos sociaes.

--Então que quer o senhor doutor?--atalhou Fernando.

--Eu de mim não quero senão absolver a compaixão de Antonio d'Azevedo, e

lembrar ao senhor Fernando, que a caridade e o perdão são as virtudes

fundamentaes do doutrinamento de Jesus Christo.

--E achava vossa senhoria acertado--acudiu Fernando--que eu perdesse

contos de reis, que tenho gastado n'este capricho, e deixasse os meus

vinculos na posse e direitos de minha prima?

--Eu não aconselho, senhor Fernando. Isto de bem fazer não se lê nem se

ensina: está dentro do coração, é foro intimo, é materia de tractar com

Deus. Faça o que bem quizer; mas de modo se haja que nunca venha a

sentir-se mal comsigo proprio.

--A minha consciencia está tranquillissima--retorquiu Fernando.

--Quantas vezes a consciencia está quieta, e o coração inquieto? A

consciencia é a inspiradora dos deveres; e o coração da piedade, da

humanidade, e d'outras virtudes menos pautadas que os meros deveres e

obrigações de uma recta razão. Faça o que quizer, senhor Fernando...

--Como eu me enganei!--atalhou Athaide.

--Enganou-se!? Com quê e com quem?

--Com o seu socio de escriptorio.

--Ora essa! pois...

--Eu lhe digo, senhor doutor. Disseram-me que este Antonio d'Azevedo era

um advogado esperto.

--Não lhe mentiram.

--Será; não duvido. Ora, como eu queria acabar com isto á custa de mais

alguns contos de reis, vinha com o fito posto em offerecer tres ou

quatro contos ao doutor Azevedo para elle ir a Portugal tomar posse dos

vinculos em meu nome, removendo todos os embaraços com a sua esperteza.

Vinha n'esta ideia, e, quando menos o cuido, acho um prégador de

caridade...

--Gratuito...--accrescentou, sorrindo, o velho.

--O que faltava era ter de lhe pagar o sermão que não lhe encommendei!

--Pois olhe que valeu dinheiro! Vossa senhoria, se for scismar no que

ouviu, ámanhan está melhor de coração que hoje. Acha que não vale

dinheiro um melhoramento moral? Oh! se vale! Até eu lhe devo, a elle mui

salutares conselhos para a caduquez, e quando o escuto estou como

pezaroso de não ter sido o que elle é. Pois que lhe disse o meu Antonio

d'Azevedo? Cifra n'isto: «O senhor é muito rico: deixe essas migalhas

que está disputando á familia, que não tem mais nada: faça de conta que

pegou de sete pessoas pobres de sua familia, e deu a cada uma sua

subsistencia.» Não lhe sôa bem isto ao animo desassombrado, senhor

Fernando de Athaide? O seu bom sangue de fidalgo não se azedaria nas

veias, se lhe cá viessem dizer que uma porção tão chegada de seus

parentes andava lá por Portugal arrastada sobre os espinhos da pobreza,

da miseria, e talvez da deshonra? Tem o senhor em Portugal cinco primas.

Onde cuida vossa senhoria que as póde levar a indigencia?...

Valentim, fallando d'este theor, tinha os olhos embaciados de lagrimas.

Fernando olhava-o em certa estupefacção, que umas vezes é dureza de

sentimento, e muitas encendimento de renascida sensibilidade. O velho

calou-se, e o primo de D. Mafalda, tomando o chapeo, sahiu sem proferir

palavra, cortejando o doutor com um aceno.

--Adeus, meu amigo--disse o velho--Pense no fim da vida. Lembre-se que,

no inverno d'ella, costumam os velhos lembrar-se das flores d'alma, que

esmagaram na primavera.

Fernando ouviu, no patamar da escada, as ultimas palavras, e sahiu tanto

ou quanto abalado.

Pouco depois entrou Antonio d'Azevedo. Viam-se-lhe nos olhos os residuos

das lagrimas. É que elle acabava de escrever a seguinte lauda d'uma

carta a Corinna:

«.....................................................................

«\_2 d'Abril de 1844--quatro horas da tarde.\_

«Acabo de saber as desventuras que vão em tua casa. Ouvi-as da boca do

mesmo homem que vos quer privar d'essas arvores e do berço onde te

embalaste, minha querida Corinna. Eu alcanço a profundeza das vossas

amarguras, pobres meninas e pobre mãe! Que tremenda afflicção hallucinou

teu pae ao ponto de resistir á justiça impiedosa, que não entende de

infortunios, nem de lagrimas! Quantas vezes te voaria ao coração

angustiado a imagem invalida do teu amigo! Tardias exclamações, filha!

Deixa-me ver o que posso conseguir a bem de teu pae, cujas mãos eu

espero beijar ainda. Talvez que á hora em que receberes esta carta,

começada com tanta alegria, e tão atormentada agora, tudo esteja sanado,

e teu pae olhe como suas para sempre essas reliquias de uma grande

fortuna mal desbaratada. Tenho um presentimento de que hei de merecer a

intervenção da providencia nas minhas intenções. Talvez que, a estas

horas, estejas orando, e o anjo do nosso amor me segrede os dons que

Deus te concede. Vou sahir, minha Corinna. Vou ouvir o santo varão a

quem devo tudo. É tempo de eu lhe mostrar que anjo tu és para o fazer

teu amigo, e bemfeitor de ambos. Até logo.»

Valentim observou o ar magoado do seu estremecido amigo, e quiz ver uma

extraordinaria causa áquelle compungir-se pela familia portugueza.

--Olhe que eu cá fiquei prégando com o homem--disse o velho--As suas

palavras foram o thema do sermão; mas, a fallar-lhe a verdade, não vejo

lura d'onde saia coelho. Este Fernando de Athaide, cujo pae e mãe

conheci, se não fosse a balda da fidalguia, havia de ser um homem muito

estimavel. Está muito rico, e acha-se pobre quando veste a casaca sem o

habito de cavalleiro ou official da Roza. Ha pouco arranjou em Portugal

não sei que fitinha, que ellas por lá são tantas e tão bastas que não ha

saber estremar os fidalgos pelas fitas. Mas o pobre homem não se

contenta com ser condecorado pelo que faz (que eu, a bem dizer, não sei

o que elle faz ou fez) quer tambem que a sua fidalguia lhe proceda em

linha direita dos godos. Para isso precisa justificar-se tomando posse

das quintas vinculadas e dos pardieiros que, pelos modos, tem ameias,

adarves, barbacans e brazões com corôas e mitras. Isto é o que explica a

crua insensibilidade de Fernando com os seus parentes. Ora diga lá,

Azevedo, vossê conhece pessoalmente o tal Gastão de Noronha?

--Conheço-o de vista apenas; mas Gastão de Noronha está tão identificado

á minha vida, que por causa d'elle estou hoje no Brazil. O senhor doutor

Valentim já sabe que o meu coração tem lagrimas de saudade. Eu era na

patria o que ainda sou aqui: um rapaz sem bens e sem futuro; e Gastão de

Noronha era o fidalgo não rico, mas de sobra ambicioso e soberbo para me

não dar sua filha. A mulher que eu amo e choro é filha de Gastão de

Noronha.

--É notavel a coincidencia!--disse Valentim--Agora é que a sua mágoa me

parece racional, e digna me pareceria de todo o modo. Entretanto, meu

Azevedo, na sua mão está salvar essa menina, e desde já, das

contingencias da pobreza. O senhor já sabe que tem bastos recursos no

Brazil. Vá a Portugal, que a soberba do fidalgo deve estar amollecida.

Case com a sua dama, e volte, que os seus amigos cá o ficam esperando.

Riram os olhos de Antonio d'Azevedo; mas este clarão de alegria foi

instantaneo.

--Seria a felicidade perfeita para mim, mas não para ella--disse o

bacharel, após instantes de reflexão.

--Como assim?--perguntou o velho--que mais póde ella desejar?!

--Que seus paes e irmans não soffram as horriveis privações tanto mais

amargas, quanto a vida lhes correu abundante e respeitada. Calcule o

senhor doutor que desgosto não seria o d'ella ao lembrar-se que suas

quatro irmans ficaram encerradas em conventos, e dependentes da esmola

de parentas! e que sua mãe, privada d'ellas, e talvez do marido... como

poderia eu ser assim feliz, meu amigo?!...

Antonio d'Azevedo deixava cahir as lagrimas para que o velho não lh'as

visse enxugar! Ha lagrimas que tem um como pudor, e recato que é talvez

o medo de serem mal avaliadas. O chorar do homem ha de ser assim, ou

ficará sendo miseravel alardo de sua feminil fraqueza.

XII.

--Valha-me Deus!--disse o doutor, esfregando as palmas das mãos

tremulas--como ha de a gente remediar isto? O que o meu Antonio queria é

que todos vivessem contentes. Christan utopia, que ha de realisar-se no

ceo!

--Eu vinha animado d'um pensamento quando aqui entrei--tornou

Azevedo--porém desanimei logo que o senhor me disse que Fernando de

Athaide queria os vinculos para mostrar a sua fidalga genealogia.

--É o que é; e se não fosse, que ideia era a sua? Vamos discutil-a.

--A minha ideia era contrahir eu um emprestimo aqui: sei que o obtinha.

--Tambem eu sei que o meu amigo obtem o emprestimo. E depois?

--Avaliavam-se os bens vinculados e as despezas feitas para os liquidar:

eu dava o valor de tudo a Fernando de Athaide, e elle desistia do

direito por conciliação.

--E o Antonio ficava pobre e a trabalhar toda a sua vida para remir a

divida?

--Necessariamente.

--Com effeito!--exclamou o doutor--e dizem lá que já não ha santos! Sabe

vossê, Azevedo, como é que o mundo, desde que perdeu a fé nos milagres,

chama aos santos da sua virtude? Chama-lhes mentecaptos. Assim devia de

ser, porque a philosophia inscreveu tambem como demencia o amor divino

dos crucificados por sua lealdade a Deus, e d'estes vejo que ainda os ha

devotados á \_sublime loucura da cruz\_. Queria então vossê adjudicar o

trabalho de toda a vida ao pagamento do dinheiro com que pretende

restabelecer o bem-estar da familia da sua futura senhora?... Vamos

meditar. Este Fernando de Athaide, como já lhe disse, o que quer é

provar \_urbi et orbi\_ que é fidalgo de raça por seu pae. A herança não

lhe importa. Poderemos conseguir que elle convença o universo da sua

fidalguia, sem se apossar dos vinculos de D. Mafalda? Aqui é que bate o

ponto. E poderemos conseguil-o sem que o meu amigo hypotheque o seu

trabalho á solvencia da divida? Invoquemos as musas das entalações, e

vejamos o que ellas nos decretam em coisa tão prosaica, já que os

praxistas nos tapam todas as sahidas. Poderemos pensar no modo de

approximar Fernando de Athaide de uma das primas, casando-os? Este

expediente bem se vê que é inspiração de musas, porque é de todo em todo

poetico. Que diz a isto, meu rapaz?

--Creio que por parte de Gastão de Noronha seria um negocio concluido,

ainda mesmo que Fernando de Athaide fosse do mais baixo plebeismo--disse

Azevedo.

--Feliz genio de homem para os nossos fins! Mas vossê sabe que a

renuncia d'um direito transmissivel, como é o dos vinculos, é nulla; e

que os descendentes do renunciante estão sempre ao abrigo da lei. É

preciso que Fernando de Athaide case com a menina successora dos

vinculos, na hypothese de serem elles legitimamente de sua mãe...

--Essa é Corinna!--interrompeu Azevedo--Corinna é a que eu amo!

--Ah! sim? então muda de figura o negocio.... Deixe-me pensar... E se

nós conseguissemos que Fernando casasse com uma das outras senhoras?

Leval-o-iamos a deixar aos sogros a administração dos vinculos,

melhorados e desembaraçados de dividas com liberalisado capital pelo

ricasso, e sobre tudo pelo fidalgo, orgulhoso de reedificar os

pardieiros de seus avoengos. Que lhe parece?

--Gastão de Noronha não acceitaria a humilde posição de mordomo de seu

genro--disse Azevedo--Por parte d'este a reconciliação seria impossivel.

Só vejo um meio.

--Diga lá.

--Fernando obteria uma filha de Gastão, se, antes de pedir-lh'a,

rasgasse as provas com que se diz successor dos vinculos.

--Não se rasgam assim facilmente as provas. A perfilhação está

archivada, e as cartas e testamento que o legitimam filho de Fernão de

Athaide estão em notas de tabelliães de Portugal e do Brazil.

--A desistencia, portanto, é invalida?--tornou Azevedo.

--É, a menos que o senhor me não assevere que a descendencia directa de

Fernão de Athaide acaba em seu filho.

Proseguiram largo tempo dialogando juridicamente, e ultimaram indecisos

no que deviam fazer.

Antonio d'Azevedo desvelou aquella noite em hypotheses que se combatiam

e destruiam. Amanheceu-lhe o dia seguinte para incessante inquietação e

dolorosa perplexidade. Voltou ás onze horas ao escriptorio de Valentim

da Costa, e encontrou-o encerrado com Fernando de Athaide.

--Já se demorava--disse-lhe o doutor--Sente-se aqui.

O velho, voltado a Fernando, proseguiu:

--Dá-se o caso, amigo e senhor Athaide, que este Antonio d'Azevedo veio

ao Brazil ganhar alguns punhados de oiro para poder voltar a Portugal e

casar com uma das cinco primas de vossa senhoria, filhas de Gastão de

Noronha.

--Pois conhece minhas primas?!--atalhou Fernando.

--Especialmente a mais velha, a senhora D. Corinna--disse Azevedo.

--Alguem me disse que é muito galante essa--tornou o millionario.

--São todas galantes: são cinco anjos, que fariam o orgulho d'um pae

menos infeliz que o senhor Gastão, e teriam sido felizes se nascessem em

menos elevada condição.

--Alguem as viu em Paris--tornou Fernando--e achou-as educadas muito á

franceza.

--Por força devia achal-as assim educadas: as mais novas lá nasceram.

--Mas desenvoltas... é o que eu quero dizer.

--Não senhor: enganaram-o: vi-as em alguns bailes do Porto com quanta

gravidade e compostura se póde desejar na mulher que se ama para nos

felicitar e honrar a vida.

--Agora fallo eu--atalhou o velho--O senhor Azevedo affligiu-se quando

vossa senhoria nos contou a situação em que ficou seu tio; é natural;

porque a senhora que elle ama, até ao sacrificio de vir grangear-lhe

aqui o pão futuro, está lá n'essa casa, d'onde vossa senhoria vai

expulsar toda a familia.

--Minhas primas devem odiar-me de morte!--interrompeu Fernando em tom de

desagradavel ironia.

--Fazem ellas muito bem--disse o velho, sorrindo.

--Que lhe diz de mim a prima Corinna?--tornou Athaide com prasenteiro

semblante.

--A carta que ella me escreveu n'este ultimo navio contém uma pagina com

referencia a vossa senhoria. Queira lêl-a, que ella de certo me perdoa a

confidencia.

Fernando de Athaide leu a penultima lauda da carta, dobrou-a

vagarosamente, e restituiu-a sem fitar os olhos no bacharel.

--Aqui não ha odio de morte n'estas palavras, senhor Fernando de

Athaide--disse Azevedo.

--Então isso é segredo cá para o velho, heim?--disse o doutor.

--Ha meia hora que recebi a carta--respondeu o moço, entregando-lh'a.

--Sempre quero ver o juizo que ella faz do priminho. Mostre lá o sitio

onde vem a catillinaria.

--Antonio indicou-lhe a pagina, e o velho leu alto:

«Ouvi dizer ao nosso amigo Felisberto que o primo de minha mãe é muito

rico, e não precisa d'estes poucos bens. Que triste gloria reduzir á

ultima pobreza uma familia tão numerosa! Ha corações muito duros, meu

querido Antonio! Ás vezes penso com tristeza e ao mesmo tempo

consolação, no differente modo de pensar que Deus dá ás suas creaturas

tão semelhantes no exterior. Não se lembrar esse homem das afflicções

que nos dá sem proveito nenhum para si mesmo! Não saberá elle que a

subsistencia de sete pessoas, creadas na opulencia, era só isto que nos

tira!? Se um dia lhe disserem que meu pae morre de desgosto e miseria, a

voz do sangue não lhe gritará como um remorso ao coração? Ai! como os

felizes gosam, ó meu pobre Antonio!...................................

.....................................................................»

--Estas palavras, senhor Fernando--continuou o veneravel doutor--podem

mais que tudo quanto eu lhe dissesse, se as lagrimas que eu vejo nos

seus olhos não são uma illusão dos meus. Olhe fito cá para mim, Athaide!

Não se envergonhe de ser bom: tenha só pezar de o não ter sido. Vamos!

deixe lá fallar esse coração! Sente-se disposto a salvar esta familia?

--Responderei--disse Fernando de Athaide, erguendo-se de golpe.

--Uma resposta, n'este caso, não é operação diplomatica que demande

vigilias e subtilezas de engenho. Sente-se!--disse com gracioso imperio

o velho.

--Mas que quer de mim o doutor?

--Quero que se meça em bizarria d'alma com este cavalheiro que aqui

está. Antonio d'Azevedo quiz contrahir um emprestimo de trinta contos,

ou mais, caucionados com a sua honra e trabalho. Estes trinta excedem em

doze, segundo vossa senhoria me tem dito, o valor dos vinculos. O

restante será o que Fernando de Athaide tem gasto no costeio da demanda.

Antonio d'Azevedo queria offerecer a vossa senhoria esta quantia como

gratificação pela desistencia da demanda.

Sorriu Fernando, e atalhou:

--O doutor não disse a este senhor que eu dou trinta contos pelo menor

dos meus caprichos, e que ainda fico bastantemente rico para dar de

esmola o valor dos vinculos ao soberbo Gastão de Noronha?

--Esmola que elle não acceitará--disse com altivez o amado de Corinna.

--Nem eu estou pedindo esmola para o marido de sua tia--accrescentou o

doutor.

--Então que pede?!--tornou Fernando com philaucioso sobrecenho.

--Peço ao fidalgo que tenha uma alma fidalga; que, se a não tiver, que

importam os seus brazões em confronto da caridade com que o escravo nu

levanta da rua o seu irmão prostrado de fome?! Quer saber o que lhe fica

bem? O cavalheiro manda suspender a execução, sem desistencia dos seus

direitos, que as leis e todos lhe reconhecem. O seu vencimento foi

completo: agora é preciso coroal-o com a generosidade, se quer o

triumpho. Está vencida a questão: está reconhecido Fernando de Athaide o

successor dos vinculos de seu pae. São seus os vinculos, e é sua a honra

de os deixar administrar por sua prima. Isto é que é nobreza! De resto,

as armas dos portões das suas quintas são pedaços de pedra lavrada, onde

as aranhas fazem seus ninhos como entre a palhiça que colma a cabana do

jornaleiro! Que diz?

--Responderei!--repetiu Fernando--tenho de dar satisfação á minha

dignidade. Entre coração e pundonor vai larga distancia: preciso de

explicar o despreso com que foram recebidas as minhas cartas por Gastão

de Noronha. É preciso que o mundo não pense que os meus direitos se

atemorisaram diante do arcabuz do valentão.

--É preciso, primeiro que tudo, respeitar o infortunio!--disse

brandamente Antonio d'Azevedo.

--Digno de respeito--accrescentou o neto dos Athaides sahindo de má

sombra.

XIII.

Lembra-se o leitor de eu lhe ter dito, no primeiro capitulo, que, por

uma tarde de Agosto, estava Corinna da Soledade, nas margens do Lima,

reclinada n'um dos bancos circumpostos á fonte do tôpo da sombria

avenida?

Agora é que o romance prende com aquella tarde! Vejam que desconcerto

este! Chega uma novella ao meio, e torna a começar. Parece que é isto um

abuso da indulgencia com que o leitor costuma indultar-me os desarranjos

do meu engenho. Ora queira perdoar mais este, attendendo a que as

coisas, na vida como ella é, tambem assim vão desordenadas, e começam

não só pelo meio, mas até pelo fim.

A carta, que Corinna lia e regava de lagrimas, era de Antonio d'Azevedo.

A pagina que mais a enternecia a prantos dizia assim:

«.....................................................................

Eu não sei que deva esperar de Fernando de Athaide. Pareceu-me bom quando

lhe vi lagrimas, e mau quando se despediu. Será tudo, ou não será nada

do que me pareceu: os individuos vulgares são os menos intelligiveis. O

melhor, Corinna, é nada esperar que bom seja.

«Entretanto, eu posso mandar á tua familia o bom coração que tu fizeste,

e não póde ser teu sem ser dos teus. Prézo teu pae e tua mãe, quero ás

tuas irmans como ás minhas. Tenho-vos a todos no mais sagrado dos meus

affectos e ardentes desejos de ser util.

«Os meus haveres, por em quanto, não merecem tal nome; porém a minha

palavra vale muito com os amigos que me deram os Taveiras. É-me facil

possuir alguns contos de reis, e mandal-os a teu pae para ter uma casa e

segura subsistencia de sua familia, até que a minha posição seja mais

solida. Mas como hei de eu, e com que pretexto, remetter-lhe este

dinheiro? Como ha de elle acceital-o? Pensei n'isto muitos dias; e, a

final de desanimados arbitrios, tomei um expediente que tu, minha

Corinna, applaudirás, porque, sobre tudo, és a minha irman. Remetti seis

contos de reis ao nosso Felisberto Taveira, pedindo-lhe que fosse elle

offerecel-os a teu pae como coisa sua. Contrariou-me logo a conjectura

de que teu pae os não acceitaria, por não poder dar abonação; mas tão

cansado estava eu já de ser contrariado, que fechei os olhos, e deixei

ao meu bom amigo o desapressar-se das difficuldades. Aqui tens o que

fiz: Deus fará o resto.

«Pedi ao Taveira que aconselhasse a sahida de teu pae para o Porto ou

Lisboa. A especial situação em que elle se collocou é muito violenta.

Digam-lhe todos que abandone as terras que já não são suas. Em toda a

parte ha sol e arvores e paz. Todas as flores te hão de festejar, minha

filha, e o meu coração te será companhia onde quer que vás............

.....................................................................»

Era bem para lagrimas este singelo dizer e extremo amar do pobre

ausente!

Expiravam nas cristas das serras fronteiras os ultimos raios de sol, que

Corinna contemplava, coroando de escarlate os pinhaes, quando um

barquinho abicou á margem relvada, mesmo no ancoradoiro pertencente á

quinta de Gastão de Noronha.

Corinna viu saltar e subir por entre as aleas das ramosas arvores um

homem, seguido d'um criado com uma mala. Como a fuga, sem ser vista,

seria extemporanea, a menina, escondendo a carta, esperou que o

adventicio chegasse.

A certa distancia descobriu-se o sujeito, e perguntou se estava em casa

o senhor Gastão de Noronha.

--Meu pae está para Vianna--disse Corinna--mas deve chegar ao escurecer:

não tardará.

--Poderei esperar que elle chegue para lhe apresentar uma carta do

senhor visconde da Cruz?

--Sim, senhor: queira subir, que eu dou parte a minha mãe, posto que

ella está recolhida no seu quarto por doença.

Chamou Corinna um criado que encaminhou o hospede á sala.

Pouco depois entrou a menina na sala, desculpando sua mãe em não poder

ir receber um amigo do senhor visconde, e pedindo ao cavalheiro o favor

de esperar seu marido, que voltaria breve.

Corinna retirou-se, ouvidos os termos cortezãos com que o hospede

agradecia a delicadeza da senhora D. Mafalda.

Não se demorou Gastão. Foi logo á sala, e recebeu a seguinte carta:

«Illustrissimo e excellentissimo senhor, e meu respeitavel amigo de

minha maior consideração e respeito. Amigos de meu pae, e muito da nossa

estima, nos recommendam o cavalheiro portador d'esta carta, brazileiro

nato, que anda visitando a Europa, e quer ver o nosso Minho, e mais

ainda o Minho de vossa excellencia, symbolisado na sua formosa quinta.

Confiados na amizade de vossa excellencia, ousamos pedir-lhe o favor de

recebel-o, e indicar-lhe as principaes bellezas que enfeitam as margens

do Minho e Lima. Digne-se vossa excellencia acolhel-o com a sua

costumada delicadeza, e dar-nos a honra de lhe devermos esta nova

consideração. De vossa excellencia etc.==\_Visconde da Cruz.\_

«\_P. S.\_ Passados dias terei o prazer de visitar vossa excellencia e sua

amavel familia, para quem peço respeitos e saudades.»

--Offereço-lhe esta casa como a offereceria ao senhor visconde--disse o

fidalgo com palaciana graça--Queira sentar-se. Temos alguns locaes

bonitos na nossa provincia; mas se vossa senhoria viu a Suissa, a Italia

e alguns departamentos de França, de certo achará encarecida a pintura

que lhe fizeram do Minho. Eu viajei muito com a minha familia antes de

estabelecer casa em Paris, no tempo das nossas guerras intestinas!

Sinceramente lhe digo que lá fóra vi a natureza mais adornada, e por

isso mesmo mais bella: tudo assim é. O artista quer achar a nudez para

enfeital-a com a poesia do pincel ou do buril; mas o mero curioso sente

melhor o bello onde elle realmente é.

Proseguiram em conversação sobre viagens, até horas do chá. Já o

hospede, a esse tempo, sabia que o seu quarto de dormir era contiguo á

sala, e que o seu criado dormia na alcova inferior correspondente ao

pavimento do quarto.

Antes de servir-se o chá, mandou Gastão chamar as cinco meninas, e

apresentou-as a Carlos Zuzarte, que assim disse chamar-se o hospede.

Felismina tocou piano para acompanhar Emma; seguiu-se Elisa a cantar,

acompanhada por Leonor: Corinna estava no quarto de sua mãe. Carlos

sentia-se como encantado entre aquellas meninas, que fallavam um

portuguez feiticeiro em suas incorrecções, como fallariam anjos, se

descessem a tractar com portuguezes, circumstancia de idioma que os

poetas nunca observaram, que me lembre. Em quanto a ellas, o dizer do

hospede, puro brazileiro, era coisa de muita graça, com o que ellas

francamente riam, e de modo o faziam, que o viajante folgava de lhes dar

motivo a rirem. É onde póde chegar a condescendencia com meninas

galantes!

A noite correu ligeira para todos. Ao dia seguinte madrugou Zuzarte, e

desceu ao jardim. Argentava o sol a serra d'Arga, e lá em cima os

montados d'aquella mystica selva dos franciscanos, onde ainda rumorejam

os psalmos das singelas almas que d'alli, tão visinhas do ceo, se alaram

para Deus. Com que pena, leitor, eu acho o meu frei Luiz de Sousa

estranhamente trivial e despoetico na descripção d'aquelle ermo e dos

seus moradores! Elle, o dulcissimo panegyrista das solidões de Bemfica,

passou por entre os cenobitas de mais ignorada vida, nas chronicas

monasticas, e apenas disse: «É convento de religiosos entregues mais á

vida contemplativa, que aos cuidados e trabalhos da activa.» E mais nada

d'aquellas brenhas, e grutas e lageas sem nome que...

Se eu me deixava ir agora á vontade da penna, lá me ficava o romance

enredado nos silveiraes da mata de S. Francisco de Vianna, por onde já

passei um dia, lá muito no alto, d'onde eu avistava a casa acastellada

de Gastão de Noronha, em quanto outro anachoreta me ia contando o

romance d'aquella familia.

O hospede estacou surprezo á entrada d'um pavilhão de olaias. Estava lá

dentro uma como estatua de alabastro, que poderia chamar-se o anjo da

meditação. A estatua, porém, se o era, dos jardins do ceo devia de ser,

porque tinha luz nos olhos e celestial graça no sorriso, quando Zuzarte

a viu. Era Corinna da Soledade.

Cortejou-a o sujeito com certa turvação, e retirou-se. A menina

correspondeu ao cumprimento, e sahiu do jardim logo que o hospede se

distanceou da gruta.

Por alli se deteve contemplativo o brazileiro até horas de almoço. Lá

veio procural-o Gastão de Noronha, e se andaram ambos conversando ainda

sobre coisas que tendiam todas, por parte do fidalgo, a averiguar se o

hospede era rico.

--Tenho trinta e oito annos--disse o brazileiro--e principío agora ainda

a pensar nas delicias que tem o mundo. Até agora cuidei em fazer-me

rico, pensando que bastava sel-o para ser feliz. Como me enganei, cuido

d'hoje ávante em dar nova applicação á fortuna.

--Na sua idade--atalhou Gastão--quando se é rico, acham-se abertas as

portas do mundo para todos os gosos.

--Não é tanto assim--replicou o hospede--A riqueza é muitas vezes um

estorvo á felicidade do coração; e o coração, aos trinta e oito annos, é

quasi sempre enganado pela juventude que o reflexo do oiro lhe dá.

Quando me proponho um programma de vida nova, o meu primeiro pensamento

é casar. A felicidade do celibatario, se elle não fôr monge ou santo, ou

temperamento excepcional, é uma concatenação de deleites viciosos com

muito desconto de amarguras. Para além d'este difficil passo do

casamento rasgam-se-me novos horisontes, encantam-me as alegrias da vida

domestica, vejo os bens que Deus concede na velhice aos que dignamente

consumiram suas forças nos annos em que as forças carecem de ser

subordinadas ao dever...

--Pensa muito acertadamente, senhor Zuzarte--interrompeu o fidalgo.

--O quadro delicioso que vim achar em sua casa, senhor Gastão de

Noronha, redobrou-me o encanto, porque é elle a mais sublime realidade

das minhas imaginações. Que ditosa velhice a do pae que vê em volta de

si cinco filhas, cinco amores de filha a florescerem-lhe a alma com as

suas primaveras! Assim não se deve sentir o pezo dos annos, nem o temor

da morte. O caminho final, a ultima jornada deve ser suave entre os

anjos. Não é muito feliz, senhor Gastão de Noronha?

--Sou infeliz--disse, em boa consciencia, o fidalgo.

--Infeliz?! Com familia tão querida e extremosa, n'este paraizo, é

infeliz!? Então lá se vão as minhas chimeras!...

--Fui ditoso até ao momento em que uma inesperada desventura me bateu á

porta para me dizer que esta casa não era minha, e que as minhas filhas

teriam um futuro de dependencia, obscuridade, e... Deus sabe que

futuro!...

--Pois não é de vossa excellencia esta casa?--perguntou o hospede com um

ar de espanto, que denotava artificio por demasia de naturalidade.

--A herança de minha mulher foi-me disputada por um parente; são

vinculos que as leis concederam a um filho natural do antecessor de

minha mulher. Passados alguns mezes terei de sahir com minha familia. Um

descendente dos marquezes de Villa Real não terá choupana onde se

abrigue com suas filhas e mulher. Aqui tem o senhor Zuzarte a razão da

minha amargura. As filhas, que eram minhas delicias, estão sendo um

constante incentivo de soffrimento. Eduquei-as em França, dei-lhes uma

infancia de rainhas, premeditava casal-as nas primeiras familias d'esta

provincia: muito fidalgas, muito prendadas e muito pobres, quem as quer,

a não serem maridos de quem eu de certo as não fiava assim mesmo

pobres?...

Carlos ouvia Gastão com semblante mais assombrado que compungido:

dir-se-ia que aquelle homem, conscio da indole soberba do fidalgo,

pasmava de ouvil-o abrir-se em palavras tão brandas, francas e humildes.

De si para si dizia Gastão, vendo o aspecto indefinivel do seu hospede,

que, depois da revelação da pobreza, o rico o estava olhando com menos

prestigio, e talvez reflectindo no modo de esquivar-se a alguma petição

de dinheiro. Esta hypothese, beliscando o orgulho do fidalgo, fel-o

proromper n'estas palavras destoantes das ultimas que proferira:

--Ainda assim, as pessoas que se hospedam em casa de Gastão de Noronha,

por em quanto, são recebidas como em todo o tempo. A revelação que lhe

fiz, senhor Zuzarte, não é lastimas de quem acaba pedindo um favor.

Tenha vossa senhoria muita confiança na minha independencia, que eu hei

de morrer Gastão de Noronha. Ha mezes que o nosso amigo visconde da Cruz

depositou um capital de dois contos de reis para evitar um embargo nos

fructos pendentes d'estes bens: quando eu tal sube, vendi as joias de

minhas filhas para embolsar o senhor visconde do seu deposito.

--Vossa excellencia está-me fazendo revelações que me confundem--atalhou

o hospede--e ao mesmo tempo fere-me com suspeitas que eu não mereço! Por

ventura crê-me capaz de o julgar abatido e desmerecido em seu

infortunio? Que disse eu para vossa excellencia passar de uma tão nobre

confissão dos seus desgostos a prevenir-me de que os hospedes em sua

casa são recebidos como nos tempos prosperos?!

--Desculpe-me--acudiu Gastão--é que eu não nasci para estas queixas, e

cuido sempre que a pobreza me abate aos olhos dos estranhos, desde que

me vi desconsiderado dos parentes.

Entraram na casa do almoço, e encontraram D. Mafalda, que os esperava

com as cinco meninas. Carlos foi apresentado á fidalga, e deteve-se

conversando especialmente com ella durante o almoço. A polidez assim o

mandava ao hospede: mas o familiar affecto com que elle a tratava era

por demais. Notaram as meninas que elle não desfitava os olhos de sua

mãe senão quando encontrava os d'ella, já tambem admirada da fixidez

attenta do brazileiro.

Da casa do almoço passaram á sala do piano. Felismina foi cantar

modinhas brazileiras com o requebro e mimo das ardentes e languidas

filhas do Brazil. Felismina era uma formosa morena, com olhos negros,

cabellos curtos e annelados como spiraes de ebano, esbelta de corpo,

alta mais que todas, muito agil e inquieta, relanceando sempre a vista a

todos e a tudo, a mais diserta e chistosa de todas, e a menos dada ás

flores, á poesia, e ás bellezas campezinas que suas irmans encareciam

umas mais que outras, e Emma, a pachorrenta Emma, esta mais que nenhuma.

Felismina estava gracejando com Zuzarte a respeito das damas

brazileiras, cujas graças o hospede, sem favor, elogiava, quando um

criado entrou á sala onde estavam todos, e entregou uma carta ida de

Lisboa para Gastão de Noronha. Era a carta do procurador.

--Teremos golpe?--disse o fidalgo a D. Mafalda.

--Não sei qual possa ser!--respondeu a senhora--As dores mais de temer

estão todas passadas.

Leu Gastão a carta, e disse com alvoroço:

--O Fernando manda suspender a execução, e retirar o processo de

julgamento com desistencia! Que significa isto?

--O quê, papá?--exclamou Felismina, que mal ouvira, de entretida que

estava com o brazileiro.

--É o primo Fernando que desiste da demanda--disse Mafalda.

--Foi elle!--exclamou Corinna.

Voltaram-se todos para a menina que soltara o brado, e viram-a muito

escarlate.

--Elle! quem?--perguntou o pae.

Corinna balbuciou confusas palavras, e não soube como explicar aquelle

disparate, que parecia o despertar subito d'um arrobamento semelhante a

somnambulismo!

Se não existissem os pronomes \_este\_ e \_elle\_, Corinna teria exclamado:

--Foi Antonio d'Azevedo!

E, se ella tal dissesse, ninguem a entenderia, excepto o leitor.

XIV.

Pediu Zuzarte licença para compartir do contentamento da familia. Em

breves e alegres termos, D. Mafalda disse que seu primo Fernando de

Athaide desistia da acção que tinha vencida, quando menos se esperava.

Sem rebuço de vão orgulho, a fidalga enumerou quantas desventuras

estavam eminentes á sua familia, e a ella, pobre mãe e esposa, que, ao

mesmo tempo, se havia de separar de marido e filhas para ir quinhoar o

pão da caridade de parentes, que, muitas vezes, lh'o atirariam á cara

com a cruel censura aos desperdicios da emigração.

O brazileiro mostrava-se jubiloso do successo; e, cada vez que as

meninas bem-diziam seu primo Fernando, era muito de notar-se que o

hospede guardava um silencio indelicado.

Instado por Felismina a dar explicação do seu silencio, e mais ainda

d'um certo tregeito de fria admiração, disse o brazileiro, como

surprendido em mysterioso sentimento, qualquer que fosse:

--Eu não sei de que hei de louvar esse senhor Fernando de Athaide, posto

que o respeito muito por ser tão proximo parente de vossas excellencias.

--Não sabe?!--disse Mafalda com vehemencia.

--Não, minha senhora.

--Pois a desistencia d'uma fortuna, que era já sua...--tornou a fidalga.

--Minha senhora--replicou Zuzarte--eu conheço o primo de vossa

excellencia.

--Conhece!--exclamaram todos.

--Fernando de Athaide desistindo de algumas dezenas de contos, obedeceu

talvez a um sentimento de vaidade, o mais barato de quantos lhe tenho

conhecido. Seu primo, minhas senhoras, é hoje um millionario. A balança

do seu oiro não ergueu duas linhas com o desfalque do valor d'estes

vinculos. Não ha virtude que deva espantar-nos na desistencia d'um

objecto inutil.

--Não quero pensar assim, nem consinto que minhas filhas assim

pensem--tornou Mafalda.

--Pois bem--retorquiu o brazileiro--convenho que em vossas excellencias

a superabundancia de sensibilidade reverta em gratidão; aposto, porém,

que o senhor Gastão de Noronha não pensa assim.

--Penso como minha mulher--disse o fidalgo--Penso que lhe devemos muito

ao generoso Fernando, porque eu fui mau para com elle. Quando estavamos

em Paris, recebi duas cartas suas, muito attenciosas, ás quaes não

respondi. Chamava-me primo, e eu tive a estupida arrogancia de rejeitar

o parentesco de um homem que, por delicados termos, me convidava a

entrar com elle em negociações ácerca dos vinculos, que eu illegalmente

administrava. Depois d'isso, tenho rejeitado todas as conciliações

propostas, e, no arrasoado de minha defeza, fiz que os lettrados

empregassem termos injuriosos contra a sua pretendida filiação de nosso

tio Fernão de Athaide. Era de crer que fosse implacavel o odio do

vencedor, depois que eu, á força d'armas, lhe resisti ainda em ultimo

lance. Ora, senhor Zuzarte, seja embora millionario Fernando, força nos

é confessar que ha sangue muito fidalgo n'aquellas veias! Se eu pudesse

apertal-o ao coração n'este momento, exultaria do nobre orgulho com tal

parente!

Carlos Zuzarte fez um signal de assentimento ás calorosas razões de

Gastão, e derivou a prática a outro assumpto. Felismina, porém, teimou

em fallar de seu primo Fernando, pedindo ao brazileiro que lhe contasse

o que sabia d'elle.

--Que interesse, minha senhora!--disse Zuzarte com ar de maravilhado--O

primo de vossa excellencia é um homem de bigode grisalho, olhos pretos,

alto, debil, muito trigueiro, alegre ás vezes, outras muito triste, com

muitos amigos e muitos inimigos...

--É solteiro?--atalhou Felismina.

--É solteiro, e já agora assim morrerá, porque, se me não engano, deve

ter trinta e oito annos.

--Justamente--disse Mafalda--Meu tio Fernão morreu ha vinte e dois, e

lembra-me elle dizer-me que Fernando teria dezoito. Queria meu tio que

eu casasse com o primo; mas como falleceu quasi repentinamente, não

chegou a mandal-o chamar.

--Se vossa excellencia tem casado com elle--disse Zuzarte--esta scena,

em que todos figuramos, estava na massa dos impossiveis! Ora vejam

vossas excellencias que em bem pouco está o não virem á luz da vida

magnificos espectaculos! Que quer vossa excellencia saber mais de seu

primo, senhora D. Felismina?

--Diga tudo o que souber--respondeu a menina.

--Eu não sei mais nada, minha senhora. A ultima vez que o vi no Rio de

Janeiro foi no escriptorio de um velho jurisconsulto, onde tinha banca

de advogado um moço portuguez chamado Antonio d'Azevedo Barbosa.

Corinna da Soledade estremeceu expansivamente, como se ninguem a visse,

e como por influição magnetica, a cadeira per si mesma se arrastou

algumas pollegadas para mais perto do brazileiro. A leitora de certo não

acredita n'este magnetismo da cadeira.

Gastão de Noronha relanceou os olhos a Corinna, e as irmans tambem.

--Eu não sei que influencia teve este nome no meu auditorio!--disse o

brazileiro, sorrindo.

--Em que consiste a fortuna de Fernando?--interrompeu Gastão com mal

disfarçada zanga.

--Em terras, dinheiro, escravos, navios e predios--respondeu

Zuzarte--Esta grande labutação demanda um bom zelador, que o primo de

vossas excellencias, por natural preguiça, não póde ser. Ouvi-lhe então

dizer, que tendo de sahir para demorada viagem na Europa, deixava seu

advogado no Brazil o honrado Antonio d'Azevedo, com um ordenado bastante

ás suas despezas. Bem escolhido patrono! Em poucos mezes, o doutor

conquistou, no Brazil, um nome que vale muito grande fortuna,

conservando-se lá seis annos. Alguem me disse que Antonio d'Azevedo

amara em Portugal uma menina nobre, e fôra ao Brazil enriquecer-se para

voltar a casar-se com ella. Se isto é verdade, devem dar-se os parabens

á noiva, que o laborioso moço tinha lá uma boa fada á sua espera.

Gastão de Noronha ergueu-se, e disse com impetuosa acrimonia:

--O senhor sabe que está em casa do pae d'essa senhora, que Antonio

d'Azevedo cuida comprar com o dinheiro ganhado no Brazil?

--Como?!--exclamou Carlos com a mais magistral naturalidade--Vossa

excellencia assombra-me! Dar-se-ha caso que seja alguma d'estas senhoras

a menina que... Com effeito! Parece que estamos compondo um romance!

--Romances d'uma minha filha...--tornou o fidalgo--Não fallemos mais

d'isso... que a ferida ainda sangra...

--Eu peço perdão se avivei dores e saudades, sem a menor intenção, nem

suspeita de....--disse Carlos.

--Pois está claro que vossa senhoria ignorava tudo...--replicou o

fidalgo.

E voltando-se a Corinna, soltou um frouxo de mau riso, riso de repreza

cólera, porque lhe vira as lagrimas correrem nas faces a fio.

Carlos não pôde conter esta exclamação:

--Que grande e digno amor!

Gastão fitou-o com certo espanto e azedume, e disse, em occasião

opportuna, ao ouvido de sua mulher:

--Não sei o que hei de pensar d'este homem! O acaso não faz d'estas

coincidencias senão nas novellas...

O incidente passara. O brazileiro encostara-se ao peitoril d'uma janella

com Felismina, e ahi conversaram largo tempo ácerca dos amores de

Corinna e Antonio d'Azevedo. Parece que o apologista do bacharel se

saboreava muito em discorrer de amores alheios, e não perdia azo de

invocar o coração da menina a decidir em theses amorosas, que elle muito

de industria estabelecia. A direcção que levou o dialogo, não a sei eu

cabalmente dizer; é certo, porém, que Felismina, conversando n'aquelle

dia com sua mãe muito á puridade, lhe disse que o brazileiro lhe

perguntara se ella poderia amal-o. N'essa mesma noite Mafalda revelou ao

marido a pergunta. O marido pensou na resposta, e disse que tinha razões

para suppor que Carlos Zuzarte era homem muito rico. A senhora entendeu

as clausulas de tal resposta, e disse a Felismina que o pae ouvira a

noticia com agrado.

--E tu, filha--accrescentou D. Mafalda--gostas do Carlos?

--Não desgosto, maman.

--E querias casar com elle?

--Se o papá quizesse... Mas olhe que elle não me disse que queria casar

comigo, maman!

--Bem sei, filha, bem sei; mas assim é que se principiam os casamentos.

Como o visconde da Cruz cá vem, elle nos dirá quem é o brazileiro, e

depois, se o partido fôr de vantagem e tu quizeres, o que ha de fazer-se

ao tarde, faça-se ao cedo.

Em quanto esta scena, nem edificante, nem rara, se passava no quarto de

Mafalda, Corinna fôra sentar-se na varanda mais solitaria do palacete, e

o proposito levara alli Carlos Zuzarte, acompanhado de Emma e Leonor,

que lhe andavam mostrando a porção antiga do edificio. O brazileiro

approximou-se de Corinna em quanto as duas meninas desceram ao jardim a

colher agua em pequenas bilhas, e disse-lhe:

--Minha senhora! alegre-se que ha de ser feliz! Antonio d'Azevedo ha de

ser seu marido, porque Deus é justo com os corações corajosos sem

deshonra. Espere, e vencerá. Faça de conta que esta revelação lhe vem do

ceo!

--Bem haja!--disse Corinna apertando-lhe a mão.

No dia seguinte chegou o visconde da Cruz, o bem-vindo para todos, e

particularmente para Corinna. Carlos Zuzarte, ao apertar-lhe a mão,

murmurou estas palavras:

--Seja discreto, quanto lhe pedi!

--Pois duvída?!--respondeu o visconde.

Gastão, logo que pôde, apartou-se com o visconde, e teve com elle o

seguinte dialogo:

--Será censuravel pedir eu a vossa excellencia algumas informações

ácerca d'este meu hospede?

--Não é, senhor Gastão--disse o visconde--Direi o que souber.

--Este sujeito parece-me excellente creatura.

--Não sei: recommendaram-m'o como pessoa muito rica. Em materia de

costumes nada me disseram.

--Mas muito rico, sim?

--Já tive a honra de dizer a vossa excellencia que é muito. Viaja em

navio proprio, e podia viajar com estado de quatro navios...

--Oh! é muito!--interrompeu Gastão abrindo os olhos ao tamanho da boca.

--Estou quasi a adivinhar que vossa excellencia observou que elle amava

alguma de suas filhas!...

--Quem lh'o disse?--acudiu alegremente o fidalgo.

--Ninguem m'o disse, meu nobre amigo, nem eu me orgulho de adivinhal-o:

quem quer o faria. Qual é a menina predilecta? Naturalmente a senhora D.

Corinna.

--Ora... Corinna! não sei que distincção é a de minha filha Corinna! Não

são tão formosas como ella as outras?

--São formosissimas todas--respondeu o visconde--mas aquella tem mais

que as outras um cunho de melancolia...

--De tolice, meu amigo, o cunho é de tolice... Não é ella; ainda bem que

não é... Corinna tem de dar má sahida com os taes amores... Deus perdoe

a quem contribuiu para aquella demencia...

--Fui eu?...

--Bem sabe que foi, senhor visconde...

--Pois Deus ha de não só perdoar-me, mas glorificar-me com a satisfação

de ter approximado dois anjos...

--Não sei para quê...

--Para se amarem e darem um exemplo de sacrificio raro, sublime e

invejavel... Não vim a enfadal-o, senhor Gastão... Começa vossa

excellencia a enrugar a testa, e tão bom hospedeiro merece melhor

recompensa. Como estão os seus negocios?

--Acabou a questão com meu primo.

--Sim?! e como acabou?

--Desistiu.

--Bello! mil parabens! Não tem, pois, vossa excellencia nada que o

penalise?

--Estou contentissimo. A minha casa volta a ser, se não invejavel pela

ostentação, ao menos pacifica e bastante ás minhas despezas em agradavel

mediania.

--Precisa vossa excellencia de dinheiro para remir-se de algumas

dividas?

--Mil graças; ainda tenho algum do producto das joias.

--Mas quer vossa excellencia resgatar as joias de suas filhas? Abro-lhe

com franqueza o coração e a bolsa.

--Dispenso o seu obsequio. Minhas filhas enfeitam-se com flores: cá

n'estas montanhas o melhor joalheiro é a natureza. Cada primavera é um

milhar de cofres de pedrarias preciosas abertos por esses montes e

veigas.

--Santa e bella poesia!--disse o visconde--Queria vel-o coherente

comsigo mesmo, meu amigo! Se a natureza lhe dá tantas riquezas em

flores, porque não ha de querer acceitar das mãos d'ella um genro dotado

com quantas virtudes podem adornar o rei da creação?

--Um genro! de quem me falla?--acudiu enleado o fidalgo.

--Fallo-lhe d'um Antonio de Azevedo Barbosa, que sabedor dos infortunios

de vossa excellencia...

O visconde reteve a exuberancia do coração, talvez indignado, e doeu-se

de levar tão longe seu zelo.

Gastão ia pedir-lhe explicações, quando o visconde, turbado de sua

irreflexão, recorreu, ao avisinharem-se duas meninas, a ir ter com

ellas, pedindo-lhes flores dos seus canteiros.

Emma e Leonor desceram ao jardim, e o visconde seguiu-as. Carlos Zuzarte

passeava n'uma rua abobadada de arvoredo, com Felismina; no tôpo d'esta

rua estava Corinna da Soledade corrigindo umas trepadeiras que descahiam

da direcção que a sua cultora lhes dera.

O visconde estugou o passo; quando a viu, approximou-se, e disse-lhe:

--A sua felicidade está a chegar. Exulte, minha amiga. São mais alguns

mezes: doire-os com a esperança, que é um bem quasi egual á mais querida

realidade, quando se tem a certeza.

--A certeza!--exclamou ella.

--Sim, a certeza.

--Ó senhor visconde, meu bom amigo, diz-me uma coisa? Como sabe este

brazileiro que eu vou ser feliz?...

--Sabe-o: tem a quasi certeza, e eu tenho a certeza completa. Deus não

ha de querer desmentir-nos.

Appareceu Gastão ao fundo da rua, e logo o visconde dirigiu em voz alta

perguntas ás meninas que cortavam perto as flores.

Gastão, ao vêl-o perto de Corinna, disse a Mafalda:

--Estes populares são uns pelos outros! Parece que andam conjurados a

darem cabo dos titulos e das raças distinctas!

--Porque dizes isso, Gastão?--perguntou Mafalda.

--Porque o digo?! Pois não vês o interesse que este visconde tem em que

a nossa Corinna case com o homem de Barcellos! É teima que me ha de

fazer chegar a mostarda ao nariz!

Chegaram á curva da rua onde estavam Felismina e Carlos.

Gastão sorriu-se e passou ávante, dizendo a Mafalda:

--Tenho a certeza de que é riquissimo o brazileiro.

--Mas plebeu, não é?

--Não averiguei: ha de ser naturalmente. Mas que pensas tu? Do modo como

por cá está isto, o homem, se quizer, é conde ámanhan. Tem cinco navios!

cinco navios, Mafalda!... Que te parece? as intenções d'elle serão boas?

--Creio que sim. A pequena sympathisa verdadeiramente com elle. Pareciam

dois tolos a brincar á róda do tanque, e assim que o Carlos lhe pede que

cante modinhas brasileiras, ella ahi vai logo ao piano, e elle morre por

ouvil-a. Quando isto é de quatro dias, que fará se elle se demorar?

--Era uma felicidade, Mafalda! Fortuna de milhões! Então é que diziamos

um adeus á aldeia e a estes parvos cá do Minho, que fazem consistir a

sua grandeza nobliarchica em terem dois cyprestes á porta, quatro patos

reaes n'um tanque, e um lacaio com grandes botas... Ainda tenho

esperanças de voltarmos a Paris! Aquillo é que é viver!

--Ai! Paris!--suspirou Mafalda, reclinando a cabeça sobre o hombro do

marido--ai! Paris!

XV.

Decorreram alguns dias de excursões pelo Minho e Lima. O visconde

acompanhou o festivo rancho. As meninas iam felizes: a propria Corinna,

com as suas esperanças, egualava as irmans em contentamento. A espaços,

Zuzarte ou o visconde lhe diziam uma palavra confortadora, de modo que o

desconfiado Gastão não désse fé. No que elle muito reparava era nas

repetidas conversações dos dois hospedes, que se apartavam da caravana

para fallarem com certos visos de mysterio.

--Em quanto a mim--dizia o fidalgo a D.Mafalda--o brazileiro consulta o

visconde a respeito de Felismina. Seria bom prevenil-o.

Chegaram a Ponte do Lima. D. Mafalda quiz visitar o carneiro de seu tio

Fernão de Athaide. Ajoelharam todos a orar por alma do fidalgo. Carlos

Zuzarte com tal devoção o fez, que deu nos olhos de todos.

--Parece que é bom christão!--disse Mafalda a Felismina--Vê tu que o

homem tinha lagrimas nos olhos, e veio perguntar-me se eu ajoelhara por

formalidade, se por sincero sentimento de respeito ás cinzas de meu tio!

Que pergunta!...

Alojaram-se n'um velho palacio das margens do Minho, onde tinham nascido

os avoengos de Mafalda: era a casa onde expirara Fernão. As meninas

riram muito, e andavam a reboque umas das outras nos vastos salões

esburacados. No quarto onde morreu o camarista de D. João VI estava um

retrato d'elle, roido de traça e pó, com as feições quasi apagadas. O

brazileiro disse a Gastão de Noronha que Fernando d'Athaide havia de

apreciar grandemente o mimo d'aquella carunchosa lona. Prometteu Noronha

mandar retocar o retrato, e presentear-lh'o.

Nem Mafalda, nem alguma das meninas quiz pernoitar no quarto, onde

morrera o tio, e estivera inhabitado desde então. Dormiram n'elle o

visconde e o brazileiro.

Dois dias depois proseguiram o passeio desandando para o palacete das

margens do Lima. O visconde recolheu-se ao Porto, e Carlos Zuzarte ficou

ainda sem designar destino.

Abriu-se o theatro lyrico no Porto. O brazileiro convidou a hospedeira

familia a visitarem a galera que elle tinha fundeada no Douro, e a

gosarem-se de algumas noites de theatro. As quatro meninas iam

endoidecendo de alegria com o convite, e mais ainda com a

condescendencia do pae. Corinna entristeceu-se. A felicidade adoçava-lhe

a solidão agora mais que nunca. Os sitios onde nos afizemos a scismar e

soffrer com a nossa saudade dão-nos a sombra do ausente que choramos

sempre que a mágoa lá se vai carpir. Se depois nos afastamos d'aquelles

sitios, a saudade já é dupla: parece que os novos logares, onde imos,

nos não conhecem, nem sabem porque choramos. A nossa dor dera-nos além

um clima nosso; aqui tudo estranhamos, tudo nos parece em dobro

apartado. Esta sensação amarga adivinhava Corinna da Soledade, quando

pediu a sua mãe licença para ficar com o governo da casa. Gastão deu a

licença sem constrangimento; mas Carlos Zuzarte não prescindiu da

companhia de Corinna, e de modo lh'o disse a ella, que a menina não

hesitou.

Esperava-os no Porto uma casa nobre mobilada com riqueza. Pasmou Gastão

das rapidas providencias do seu hospede: este disse que, tencionando

residir alguns mezes no Porto, incumbira o seu amigo visconde da

decoração da casa.

Pediu o brazileiro a D. Mafalda se convidava as suas relações no Porto

para lhe honrarem as salas por occasião d'um baile, que elle queria dar

ao visconde da Cruz. Deu-se um baile explendido, como o fidalgo

portuguez os dava em Paris.

Concorreram as senhoras de primeira sociedade e formosura.

Carlos Zuzarte afigurou-se a muitas meninas um bom marido; todas, porém,

excepto uma, se abstiveram de revelar o seu parecer n'um sorriso ao

brazileiro, por verem que eram cinco, e todas bellas, as filhas do

fidalgo commensal do ricasso; ora a exceptuada não deu pêso a isso, e

distinguiu-se em branduras e cortezias que deram na vista.

Felismina foi quem primeiro as viu. Podera não! O seu amor era

verdadeiro, porque disparatou em ciumes. Sahiu das salas, recolheu-se ao

seu quarto, e, nem com ordem do pae, sahiu de lá. O brazileiro soube

isto, e sorriu-se como a vaidade do coração sorri. Foi elle, em pessoa,

pedir a Felismina que voltasse á sala: estava fechada por dentro, e

disse pela fechadura da porta que não ia servir de escarneo á sua rival.

Carlos sustentou o dialogo á fechadura, foi eloquente quanto se póde ser

por um tal systema de embocadura de suspiros, e conseguiu que Felismina

promettesse voltar á sala.

O brazileiro levou á evidencia de todos que amava a filha de Gastão,

desde que o seu perdoavel orgulho se inflou com os ciumes, acintemente

provocados.

No dia immediato jantaram a bordo da galera, que se chamara \_Aurora\_, e

n'aquelle dia appareceu chrismada em \_Felismina\_. Este successo para

Gastão de Noronha teve o valor do terceiro proclame lido á missa

conventual.

Á noite não sahiram de casa, nem receberam visitas, excepto o visconde

da Cruz, e seu irmão Luiz Taveira, que, desde o baile, scismava muito

com Leonor, filha de Gastão, a mais mimosa de todas em structura, coisa

assim como sonho, sylpho, ou quer que era de imponderavel, que parecia

nas walsas uma borboleta de azas iriadas.

Que esperto era aquelle Gastão de Noronha! Deu logo pela ternura dos

olhares de Luiz, e de si para si disse: «Mudam os ventos, mudam os

tempos!»

Estava, pois, reunida a familia, o dono do palacete, e os dois Taveiras

convidados ao desembarque.

Ao retirarem os taboleiros do chá, o brazileiro convidou Felismina a

jogar o xadrez, sob condição de ficar sujeita á vontade do vencedor a

liberdade do vencido. Felismina annuiu. Todos cercaram os jogadores com

anciosa curiosidade.

--Gósto de ver a attenção que nos prestam--disse Zuzarte--porque não é

brincadeira isto. Esquecia-me, porém, ouvir o senhor Gastão de Noronha,

antes de acceitar a annuencia de sua filha. Vossa excellencia não vem

com embargos, se a sorte fôr funesta á senhora D. Felismina?

--Quaes embargos!--exclamou Gastão rindo estrondosamente--E se ella

vencer? haverá embargos por parte do cavalheiro Zuzarte?

--Ninguem se importa com o meu destino.

--Quem sabe!...--disse Felismina--Tenho medo....

--Que teme, minha senhora?--perguntou Zuzarte com meiguice.

Felismina sorriu e córou.

Jogaram. Os peões, os delfins, o castello, o rei e rainha do brazileiro,

foram todos derrotados e assoprados miseravelmente. Felismina venceu.

--Estou á sua disposição, minha senhora!--disse Zuzarte.

--Está?--acudiu ella com as morenas faces retinctas de escarlate.

--Estou: que determina?

--Que fique sendo o nosso amigo sempre; que não torne para o Brazil.

--Ficarei. Quer-me então como um parente, sim? Irmão, tio, primo... veja

lá: qual parentesco lhe quadra mais?

--Seja primo--disse Felismina.

--Pois, sim, seja primo--disseram todas as meninas.

--Pois então venham dar todas um abraço em seu primo--tornou o

brazileiro erguendo-se--O primeiro abraço ha de ser o de minha prima

Mafalda, sobrinha de meu pae Fernão de Athaide.

Houve um spasmo em todas as senhoras, que pareciam, ao encarar-se

mutuamente, perguntarem umas ás outras se tinham entendido o dizer do

brazileiro.

--Então, prima Mafalda!--tornou Fernando de Athaide--se não acceita o

parentesco que sua filha nos dá, acceite o que nos deu a natureza. Aqui

tem o mau, o perseguidor, o implacavel Fernando de Athaide! Vingue-se

agora, dando-lhe um abraço de abafar-lhe o ruim coração que trasborda de

felicidade!

Mafalda correu aos braços de Fernando; Corinna, Emma, Felismina, Elisa,

Leonor, todas a um tempo, pareciam contentar-se com apertar-lhe os

braços. O proprio Gastão abrindo os seus queria abraçar o grupo d'um

amplexo.

Fernando de Athaide, beijado e abraçado por todas, sentou-se extenuado,

e murmurou:

--Devo esta felicidade a Corinna. Dê-me um outro abraço, minha prima

Corinna: a si devo o que sou agora; a si é que toda esta familia deve a

felicidade que eu posso dar-lhe.

--A mim?!--disse Corinna.

--Como assim, primo Fernando?--acudiu Mafalda--a gente não sabe como é

que Corinna deu causa a isto!...

--Eu lhe digo, prima: se Antonio d'Azevedo não tivesse amado Corinna,

nunca o eu conheceria no Rio de Janeiro; e, se eu não viesse a encontrar

o amigo, o anjo, o honrado amante de Corinna, creia vossa excellencia

que seria hoje o perseguidor d'estas pobres meninas. Foi elle quem me

ensinou, com duas palavras, como o Christo as dizia aos maus, a ser bom,

compassivo e misericordioso. Vi-lhe lagrimas mal abafadas no coração; e

quiz Deus que ellas me cahissem no meu. D'ellas se gerou a felicidade de

todos nós, de todos, menos a d'elle... Adiante... Elle está debaixo da

mão de Deus... A sua hora de premio ha de tambem chegar... Meu primo

Gastão, eu perdi o jogo com minha prima: perdi o direito de me revoltar

contra as suas decisões; mas, ainda assim, o coração põe embargos, e

vossa excellencia será o juiz, e minha prima Mafalda tambem. Eu peço-lhe

para minha esposa sua filha Felismina: antes quero ser irmão que primo

d'estas meninas; hei de sentir alguma vez o prazer de chamar a vossa

excellencia pae. Dá-me sua filha?

--Com orgulho, com soberba, como a não daria ao primeiro sangue de

Portugal!--exclamou Gastão, conduzindo Felismina aos braços de Fernando.

O visconde da Cruz felicitou Gastão, e discorreu com enthusiasmo sobre o

pathetico lance, a respeito do qual tambem eu faria aqui de vontade um

discurso, se o leitor quizesse medir sua paciencia com o meu fôlego

oratorio. A chave de oiro com que o visconde fechou a parlanda foi

apresentar todas as licenças necessarias para os noivos se receberem na

egreja parochial de Cedofeita, com dispensa de proclames e attestados

canonicos do imperio do Brazil. Isto deu realces de alegria á

sobre-excitação em que todos estavam. Mafalda queria manter-se em sua

gravidade dos quarenta annos; mas parecia irman de suas filhas. Gastão

andava a querer levantar toda a gente nos braços, e, a fallar a verdade,

não só levantava, mas apertava as costellas franzinas do noivo com todo

o amor dos seus musculos d'aço, musculos que desmentiam a fidalga

placidez, que é condição das finas raças. N'estas idas e voltas, Luiz

Taveira não perdia Leonor de olho, e a espiritual menina, com quanto mui

angelica, d'esta vez dava semelhanças d'aquelles anjos despenhados por

crime de inveja. O deliquio com que ella o fitava parecia dizer: «A mim

não se me dava de me parecer com os mortaes n'estas alegrias da mana

Felismina!» A pachorrenta Emma é que se movia menos n'aquella geral

vertigem. Sentou-se a conversar com o visconde, e teve o descôco de

dizer que já se não podia ter em pé, e que estava saudosa das suas

almofadas de relva nas margens do Lima.

Seguiu-se, dias depois, o casamento. Não foi fallado, nem estrondoso.

Até os jornaes o ignoraram, ou, se o souberam, vingaram-se da sovinice

dos noivos, deferindo para mais galhardas bodas as quatro phrazes

ramalhudas do costume.

Ao jantar concorreram unicamente o visconde, seu irmão, e o velho pae

dos Taveiras, ancião de muita gravidade e respeito, um dos velhos

modelos do commerciante portuense, coberto de honradas cans, com muita

consciencia em logar de sciencia, e poucas palavras, mas pesadas a oiro,

e authorisadas como se fossem maximas que encerrassem a experiencia

d'uma longa vida.

Terminado o jantar, apagado o afôgo dos brindes, e travada serena

pratica ácerca dos verdadeiros bens da vida, Bernardo Taveira fallou

assim:

--Eu, se tivesse uma filha, havia de procurar-lhe marido dotado com os

verdadeiros bens da vida: que vem a ser saude, honra, trabalho e

religião; religião bastaria dizer, porque ella encerra tudo. No meu

tempo achavam-se moços bons, que não tinham outro dote; e o homem que

acertava com um, dava-se por feliz, se tinha filha a casar, ou grandes

cabedaes a administrar. Eu não sei se ha muitos d'estes moços n'estes

ruins tempos; o que de véras sei é que os poucos que ha, batem ás portas

dos ricos, e estes não lh'as abrem, sem que elles mandem adiante a

certeza de que o seu honrado trabalho está já em bom fructo de acções

bancarias; e, se elles mostram o fructo, sem dar ideia da arvore boa ou

má que os deu, isso tambem não importa... Senhor Gastão de Noronha, eu

hospedei em minha casa um moço chamado Antonio d'Azevedo Barbosa. Era

pobre, e sem occupação. Tinha a sua formatura, a sua habilidade; mas,

apesar de amigos protectores, não tinha que fazer. Muitas vezes eu disse

em mim: «Se eu tivesse uma filha, dava-a a este moço pobre.» O meu

hospede teve razões para sahir de Portugal e ir ao Brazil: dei-lhe lá as

relações dos meus amigos, e a alguns disse eu que o recebessem como

receberiam meu filho. Ia recommendado por sua honra: foi o que mais lhe

valeu lá. Azevedo principiou a trabalhar e logo a ser conhecido como

lettrado. Advoga, e ha de ser rico; e, se não fôr rico, ha de ser sempre

mais do que isso: ha de ser um thesouro de virtudes. Peza-me realmente

não ter uma filha; mas quando vejo que vossa excellencia tem quatro

solteiras, não resisto á vontade de lhe pedir uma em nome de Antonio de

Azevedo.

Gastão de Noronha ficou estupefacto. Fernando de Athaide avisinhou-se

d'elle, e disse-lhe:

--O homem veneravel que lhe falla, tem inspiração do ceo, meu primo.

Acceite a felicidade da nossa Corinna.

--Demora-se a responder, senhor Gastão!--disse o velho com ar triste--Eu

não queria que os rogos dos moços valessem mais com vossa excellencia,

que as minhas singelas palavras. Se alguem aqui pedir mais do que eu, ha

de ser a noiva. Senhora D. Corinna, venha comigo: ha de ajoelhar aos pés

de seu pae.

Ergueu-se o tremulo ancião, e tomou a mão de Corinna, que era toda

purpura e lagrimas.

Gastão, sem balbuciar um monosyllabo, fez signal affirmativo, recebeu a

filha nos braços, e osculou-a na testa.

--Bravo!--exclamou o brazileiro, apertando convulsamente ao peito o

velho Taveira. A esposada e as outras meninas, salvo Emma, foram beijar

soffregamente a irman; Emma, porém, lá da sua cadeira de espaldas, disse

lentamente:

--Ó Corinna, vem cá abraçar-me, que eu não posso bolir comigo de

cansada!

Este milagre de inercia fez rir a todos, e desfranziu o semblante de

Gastão. Voltaram á mesa do \_toast\_ a brindar Antonio de Azevedo. O

fidalgo concordou sem repugnancia nas saudes propostas, e agradeceu a

ultima do negociante, em nome de sua filha, futura esposa de Antonio

d'Azevedo.

Quando Gastão proferiu estas palavras com enthusiasmo, Corinna da

Soledade descahiu sobre o hombro de sua mãe, e desmaiou. Era um deliquio

de felicidade, um arrobamento de bemaventurança como as santas os sentem

em seus extasis de amor divino.

XVI.

Antonio de Azevedo recebeu, ao mesmo tempo, tres cartas, afinadas todas

pelo mesmo tom de felicidade.

Abriu primeiro a de Corinna da Soledade: era uma surpreza desde o

principio. Noticiava o casamento de Felismina com Fernando de Athaide, e

os miudos successos decorridos até ás palavras proferidas por seu pae na

occasião do brinde.

A ultima pagina continha o seguinte:

«Ainda estamos do Porto; mas brevemente vamos para Lisboa. O primo

Fernando quer que te esperemos lá, onde se hão de realisar os nossos

sonhos, mais cedo do que eu e tu suppúnhamos, ó meu querido Antonio!

Vem, vem no primeiro navio que sahir Ás vezes receio morrer antes da tua

chegada. Temo que me acordem d'este sonho. As pessoas infelizes não

podem familiarisar-se com a ideia de já o não serem! Imaginas tu que

terrores me atormentam, agora, que tão ditosa me sinto, e tão grata

levanto as mãos ao Senhor! Lembra-me que já podes amar-me com menos

ardor; lembra-me que estás embevecido na ambição das riquezas... Ó meu

amigo, até me lembra se terás morrido! Vê tu se ha mais cruel

imaginação! Nem agora me deixa o mau destino! Parece que se está assim

vingando por não poder aniquilar-me! Acode aos meus receios, vem sem

demora, sim? Fernando é um anjo de bondade; sobra-lhe riqueza para dar

abundancia e alegria a muita gente. Não será vergonha recebermos tudo de

sua mão. Que lhe diria o visconde a teu respeito, que elle ficou

pensativo?! Perguntei-lhe o que tinha, e respondeu-me que o teu

caracter, por demasia de austeridade, talvez se não dobrasse á vontade

d'elle. Comprehendo estas palavras: suspeitam que tu recusarás favores

de posição, devida a influencia estranha. É porque não sabem quanto me

amas, meu querido amigo! Eu disse a meu primo que ficava pela tua

docilidade: não me deixes ficar mal, não?

....................................................................»

A carta de Fernando de Athaide rezava assim:

«O meu amigo espera que eu de Londres lhe escreva, explicando a surpreza

de uma procuração que lhe deixei, a fim de tomar conta na direcção dos

meus haveres ahi, no caso de eu me demorar na Europa. Escrevo-lhe de

Portugal, onde estou casado com minha prima Felismina. Ja vê que me

compuz com Gastão de Noronha o mais amigavelmente que vossa senhoria

podia desejar. Antonio de Azevedo com duas palavras decidiu do meu

destino; e, se não me engano, abriu uma época de muita ventura para esta

familia, que é hoje a minha, e que deve ser a sua tão brevemente, quanto

depende da sua vinda para Portugal.

«Eu não lhe peço, apenas lhe digo que venha. Se necessario fosse pedir,

Corinna e eu duvidariamos do seu amor. Bem sei que ha uma certa

dignidade humana, que tem a ferrea inflexibilidade dos corações duros.

Essa, Deus permittirá que não seja a sua: se o fosse, a minha gloria

seria imperfeita, e essa nuvem bastaria a toldar esta festiva luz que me

alegra a alma.

«Não discutamos tal ponto. Venha, meu irmão. Os meus negocios deixe-os

entregues ao senhor Valentim da Costa, a quem escrevo.

«Minha mulher offerece uma prenda de noivado a sua futura esposa: quiz,

porém, (caprichos feminis!) que vossa senhoria fosse o portador da

prenda, que ahi lhe ha de ser dada.

«Na proxima semana partimos para Lisboa. Na sua chegada alli

encontrar-me-ha logo.

«Corinna tem as tristezas da duvida. Venha dar-lhe a ventura que a mais

ridente esperança não póde dar-lhe...................................»

A carta do visconde da Cruz incluia a ordem devolvida dos seis contos de

reis, e a historia minudenciosa que Antonio lêra na carta de Corinna.

Como avaliador profundo do caracter do seu amigo, o visconde combatia de

antemão os argumentos de independencia com que esperava ser contrariado;

rematava, porém, a carta censurando-se a si proprio por ter julgado tão

frio amante o homem que, por amor d'um anjo, se expatriara alanceado de

desgostos......

Entendam lá o coração humano!

Antonio de Azevedo lêra as tres cartas surprendido, mas não alegre! Que

nuvem negra lhe cobria o quadro bello a que o chamavam as tres cartas!

Que presagio d'alma lhe antepunha ás delicias convidativas da patria uma

visão triste em que elle parecia cravar os olhos espavoridos!

Valentim da Costa, que raro sahia de casa, entrou n'este momento.

--A alegria dá forças!--exclamou elle--aqui está o velho a dar os

emboras ao mancebo, que foi mais cedo compensado do que ordinariamente

costumam sêl-o os bons!... Que é isso?! vossê está triste, Antonio?! As

suas cartas que lhe dizem?

--Que Fernando de Athaide casara com uma de suas primas.

--E que mais?... Não é chamado para ir casar com a sua Corinna?

--Sou.

--E então? vossê não está ainda louco de alegria? Não cuida em

preparar-se para a ida?

--Não, senhor; cuido em ganhar a minha independencia. Corinna é a filha

de Gastão de Noronha, e eu sou quem era, quando sahi de Portugal. Estou

pobre como vim. A patria para mim é meramente a terra onde nasci; não é

independencia. Quando aqui vim, foi a legitima vaidade de homem

pundonoroso que me aconselhou; o pundonor aconselha-me agora que não vá

acceitar de mãos estranhas a subsistencia de minha mulher e de meus

filhos. A maior alma é sempre insignificante ao pé da pequenissima alma

em cuja dependencia está. Eu não quero dizer a Corinna que lisonjeie seu

cunhado pelos favores que lhe devemos. Ser-me-ia um permanente

infortunio recebel-os de Gastão ou Fernando. Sou homem: devo-me a mim

proprio. E os homens que não podem viver com muito, vão ás inferiores

escaleiras sociaes procurar a mulher que quadra á sua mediania, e não

devem pensar que o amor os desculpa de irem ás altas classes convidar

uma senhora a descer onde elles estão. Não caso pobre com Corinna, e

tambem não a faço quinhoeira da minha dependencia. Quando eu tiver

ganhado pollegada a pollegada o torrão que me sustente na patria, então

irei. Agora, meu bom amigo, vou dar-lhe conta da minha amargura, que é

mais que tristeza. Corinna, ao receber esta resposta, dirá que eu a não

amo. Fernando dirá que sou indigno d'ella. O fidalgo arrancará do

orgulho ferido injurias contra o meu plebeismo. As irmans hão de

dizer-lhe que eu a sacrifico á bruteza das minhas ambições. A final só

terei por mim a minha consciencia pura, se é que me não ha de pungir a

mágoa de ser assim organisado. Aqui tem, senhor Valentim, que a minha

estrella é má!

--Má!?--exclamou o velho--É uma estrella de santificação a sua, meu

Azevedo! Sabe o que eu podia fazer? era argumentar comsigo, e leval-o a

convencer-se de que a dependencia só é vergonhosa quando o dependente

abdica de sua dignidade á força de fazer-se inutil; dir-lhe-ia que vossê

com o seu trabalho de jurisconsulto, embora mal remunerado, havia de

adquirir na patria o torrão mais que abundante á sua subsistencia, e que

sua senhora e seus filhos viveriam todos felizes á sombra da mesma

arvore; mas...

Antonio de Azevedo interrompeu:

--Os seus argumentos não me moveriam: perdôe á minha rebeldia, meu caro

amigo. A mediocridade, e ainda mesmo a pobreza, podem parecer delicias á

mulher que ama contrariada por obstaculos de nascimento ou de fortuna: o

amor faz milagres taes, desfigurando tudo o que está feito e refeito

pelos seculos, e pelo consenso universal. Quando, porém, o amor cede ao

tempo, á intimidade, aos mais serios deveres da maternidade, e aos

preceitos e preconceitos inexoraveis da sociedade--que acham sempre

traça de se insinuarem mesmo através do colmado do trabalhador de

enxada--a mãe, que se vê pobre, é já mulher muito diversa da noiva que

almejava a pobreza do homem amado. As flores da poesia fructificaram já

em filhos que pedem alimento, educação e futuro. As amigas de infancia,

que pareceram baixas almas por se terem victimado voluntariamente ao

oiro d'um velho e aos epigrammas da mocidade, lá estão ricas,

respeitadas e vaidosas de seus filhos; e com quanto já não conheçam a

amiga pobre que se deu de coração ao coração, culpam-na e condemnam-na

do alto da sua severa abundancia. Ora a mulher, na posição de Corinna,

quando se vê pobre, dois annos depois de casada, e vê ricas suas irmans,

lembra ao marido que peça o amparo d'ellas; e se esse marido é Antonio

de Azevedo, a verdadeira desgraça domestica principia para ambos desde

esse momento. Aqui tem o que sou e o que penso. Julgue-me e condemne-me

o mundo como puder e quizer. O meu pensamento era salvar a dignidade de

Gastão sem lhe dar riqueza, por me ser impossivel adquiril-a; depois eu

levaria o meu pouco á familia que vivia de pouco, e seriamos felizes

todos. Não póde já ser assim. Estão ricos, ou vivem á sombra do homem

rico. Não serei eu quem vá pedir um logar entre pessoas que se haviam de

acotovellar com o plebeu. Que levaria eu que me recommendasse? Se eu

fosse nobre, daria como merito a minha inutil e inerte nobreza; assim,

filho do povo e pobre, todos, menos a generosa Corinna, a seu tempo

perguntariam uns aos outros: «De que serve este homem?» Ora um homem

sabe pontualmente quando os outros perguntam o para que elle serve... Em

summa, cá estou no começo da minha tarefa: Deus dá-me este pensar para

que eu o leve a cabo. Outra cousa, meu amigo. O visconde da Cruz

devolve-me a lettra dos seis contos: aqui a tem vossa senhoria para

rehaver os quatro que benignamente me emprestou. Beijo-lhe segunda vez

as mãos.

Valentim ia replicar com razões de muita força, que lhe suggeriu o

talvez injusto juizo que Azevedo expendera a respeito das mulheres

devotadas á pobreza dos maridos, quando o bacharel foi procurado por um

negociante.

Disse o negociante que recebera ordem de entregar trinta contos de reis

fracos a Antonio d'Azevedo, por mandado de Fernando de Athaide,

accrescentando que era tal quantia a prenda de noivado que a senhora D.

Felismina offerecia a sua irman.

O bacharel disse ao negociante que conservasse em sua mão a quantia, até

lhe ser pedida.

Sahiu o depositario dos trinta contos, e o doutor exaltou a bizarria de

Fernando de Athaide, aconselhando Antonio d'Azevedo a não dar á sua

dignidade umas parecenças de soberba.

--É o dote de Corinna, que seu primo lhe dá--disse Azevedo--Quando eu

tiver egual quantia, não me pejarei de ir levantar o deposito. Em

verdade, é grande a alma de Fernando, e por isso mesmo se faz digno de

lidar com almas eguaes á sua.

O velho sahiu captivo do moço; mais extremoso que captivo; sentia-se

amar como pae; ser-lhe-ia doloroso apartar-se d'elle desde aquella hora.

No termo da vida, longa vida em contacto com as pustulas sociaes,

aquella paragem, áquem da eternidade, era-lhe uma como prelibação das

alegrias dos justos. Pensava o ancião em dar um adeus á existencia,

contente d'ella, e de si: parecia-lhe que as palavras do consolador lhe

suavisariam o trance. Era já egoista da amizade do seu Azevedo:

disputal-o-ia á mesma Corinna, se o visse em preparativos de viagem.

--Se eu pudesse dar-lhe desde já a independencia!--dizia entre si o

velho--Oh! se podia!... Mas, a dar-lh'a, eil-o ahi está dependente de

mim, e a rejeitar-m'a, e a fugir-me as instancias, e a ser menos meu

amigo! É preciso respeital-o muito para o prender á minha affeição.

Aqui está a resposta de Antonio d'Azevedo a Corinna:

«Folgo com as venturas de teu pae, e louvo a Deus por me ter dado uma

casual influencia no melhor remedio de seus males. Tudo me faz crer que

tendes em Fernando um bom irmão. Dá um abraço, por mim, na tua

Felismina, e agradece-lhe o valioso deposito que confiou de mim. Em vez

das joias, que vale este dinheiro, pedir-te-ia, minha Corinna, se

estivesses no Lima, que te adornasses de flores; mas, como vives em

Lisboa, os enfeites das flores valem nada ahi, porque o clima as

requeima logo. Esse sol quer reverberar nas facetas dos brilhantes,

senão ninguem dá por elle.

«Não tens amor aos teus campos e ao teu rio? Ó minha amiga, ainda me

doem saudades das minhas arvores, ainda peço a minhas irmans que m'as

guardem e cultivem com amor! Não me culpes, se a minha saudade ainda vai

por esse formoso Portugal fóra, para além do ponto onde estás, em busca

d'outros amores. Amores são, que eram já muito em minha alma, antes que

tu m'a reformasses para olhar a futuros. Tinha de meu, quando te vi, um

passado de innocentes alegrias. A idade, cortada de penas, pôde tudo,

menos despojar-me do que lá está, e está para sempre, nas relvas, nas

arvores, nas serras, e no meu Cávado! Vê tu como a criança ainda se gosa

das lagrimas do homem!

«Que estou eu a devanear, se tu já tens pressa de saber porque vai esta

carta, e não vou eu!

«Não vou, Corinna, porque é cedo para ser feliz. O puro e duradouro

contentamento custa a merecer, e leva tempo. As alegrias improvisadas

vão como vem. Sobre que bases assentam as nossas convenções de coração,

minha amiga? Voltar eu a Portugal com o necessario para a decencia da

posição em que te conheci. Se eu fosse, faltava-te: tu perdoavas-m'o; eu

é que não podia perdoal-o a mim proprio. A decencia da tua posição não a

tenho ainda. Sei que anjo és, que doce conformidade seria a tua: mas o

mau, o intractavel, e irreconciliavel com os \_tremendos nadas\_ da vida

positiva, sou eu. Venho da desgraça, e conheço-a: as minhas relações em

Lisboa foram os desgraçados, e estudei-os. Deus confiou-te de mim como

d'um encaminhador e guarda. É forçoso dizer-te que o bom rosto da

fortuna só está sorrindo aos teus olhos, porque és innocente. Se comigo

não tem sido boa, tambem já se abstem de querer enganar-me. A nossa

riqueza, Corinna, é a esperança: esta, juro-te eu, que vale mais que os

milhões de tua irman. Felismina tem tudo que desejava: Deus sabe o que

ella agora deseja!...

«O que tu queres de mim não é muito amor, e uma casinha além no nosso

Minho, e as serenas alegrias, promettedoras d'um fim de vida socegada?

Lá me tens o coração, e eu cá o espirito a grangear o mais. Não o tenho

ainda: poucos annos bastarão a esta opulencia, que tão pouco vale aqui e

lá. Então, sim, então verás que vai aqui n'este peito a ufania d'um

principe, o santo orgulho d'um operario, que não inveja principes. Hei

de ir procurar-te, não aos bailes de Lisboa, mas sim aos arvoredos do

Lima. De lá irás comigo, sem atravessares pompas de cidades, nem

magnificencias onde te fique prêso um desejo. Lá temos ainda á margem do

meu rio a casa de meus paes: que pobre e formosa vivenda!

Augmental-a-hemos para vivermos todos: plantarás novas arvores, e irás

tomar o teu quinhão das flores de nossas irmans. As tuas arvores virão a

tempo com suas sombras para nossos filhos; e estes, creados nas

asperezas dos montados, e nas asperezas da religião, ir-se-hão fazendo e

formando entre as duas sublimes e unicas poesias: a da fé e a da

natureza.

«A vida, que me tu pedes, é mui diversa, Corinna. Teu cunhado é um

grande em Portugal, quando o quizer ser. Teu pae e tua mãe anhelam muita

luz para serem vistos, e embriagam-se nos perfumes da lisonja. Esse ar a

mim empeçonhava-me a vida, e não sei se o coração. Ahi amava-te menos,

porque perderia o amor de mim proprio, o amor que me extrema do vulgo, o

illustre vulgo, que é o derradeiro plebeismo, sem individualidade, sem

classe, sem mais religião que a das sensações.

«Corinna, não te aviltes em te julgares menos amada. Adoro-te

respeitosamente; porque sei que rejeitas o sacrificio da minha

dignidade.

«Estamos no ponto onde ha quatro mezes estavamos: a mulher corajosa

espera; e o homem, nobilitado por teu amor, quer ennobrecer-se para a

tua mão. Nada mudou, salvo a posição de tua familia. Mas que temos nós

que entender com a riqueza de Fernando de Athaide? A riqueza é d'elle. A

mim era-me egual depender de teu cunhado, ou do visconde da Cruz, ou do

primeiro encontradiço que me offerecesse um obulo. Quando sahi de

Portugal, Felisberto Taveira emprestava-me alguns contos de reis para eu

me estabelecer e casar comtigo. Se então rejeitei um emprestimo sem

desaire, como hei de ir hoje acceitar uma delicada esmola d'um sugeito

que escassamente conheço?

«Isto será amar-me demasiadamente a mim; e não é menos amar a mulher que

está identificada em minha vida e honra.

«Adeus, Corinna. A tua alma ha de conservar-se immaculada ahi em Lisboa,

como lá na solidão das nossas terras. Se o mundo te não respeitar, tu

saberás respeitar-te a ti mesma. Ahi e em toda a parte encontrarei

sempre a minha Corinna, cuja animadora imagem eu vejo em tudo que é

adoravel e santo. Adeus.»

XVII.

As cartas de Antonio de Azevedo a Corinna e Fernando produziram o que

elle até certo ponto vaticinara, fallando com Valentim.

Corinna duvidou do amor, que se desafogava em dissertações mysticas, e

bucolicas saudades d'arvores e de rios.

As irmans de Corinna, com o louvavel intento de a consolarem, abundavam

no parecer d'ella.

Fernando de Athaide dizia a sua mulher que não podia caber amor em

coração tão cheio de orgulho.

D. Mafalda dizia ao marido que era moda a gente baixa fingir philaucia

de fidalgos.

Gastão, acidulado pelo dito da esposa, deu para baixo na peonagem, e

declarou que sempre esperava que sua filha levasse uma boa lição.

Acontecera estar n'este ensejo em Lisboa, e hospede de Fernando, o

visconde da Cruz e seu irmão Luiz. A declamação do fidalgo ferira

acremente a dedicada alma do visconde. Tambem este havia de ter uma

carta explicativa do proceder de Antonio d'Azevedo: esperava-a do Porto,

e, sem a ter lido, não queria arvorar-se defensor do ausente. Tanto,

porém, subiu Gastão em sarcasmos contra o \_homem de Barcellos\_, que o

visconde ergueu-se irado, e exclamou:

--Senhor Gastão de Noronha! o \_homem de Barcellos\_, quando vossa

excellencia estava em risco de extrema pobreza...

Corinna correu contra o visconde, e poz-lhe a mão na boca, supplicando

silencio. A prevista menina sabia que duro vexame o pae ia soffrer com

tal revelação. Calou-se o visconde, e o fidalgo insistiu na continuação

da phrase, com tregeitos iracundos. O visconde ia pegar do chapeo,

quando Emma lhe disse:

--Não saia assim irritado, visconde. Sou eu que lh'o rogo.

Parece que Emma podia muito no animo do visconde.

Fernando travou do braço do cavalheiro, e passou á sala immediata.

--Vossê--disse elle--ha de dizer-me o resto da phrase. Que fez Antonio

d'Azevedo, quando meu primo estava em risco de extrema pobreza?

--Mandou-me seis contos de reis para eu lhe valer, sem declarar a seu

primo que os mandava elle. No mesmo paquete em que recebi tal ordem,

veio vossê. Logo que me revelou quem era e o intento com que vinha,

entendi que a posição de seu primo estava mudada. Ainda assim, fui a

Vianna, e offereci dinheiro a Gastão. Como não precisava, devolvi a

ordem a Antonio d'Azevedo.

--Bem--disse Fernando--é forçoso o segredo?

--É. Corinna valeu-me n'um impeto de cólera; agora confio de vossê que a

minha palavra, dada ao Azevedo, se não quebrante.

--Confia bem, visconde. Que admiraveis virtudes as d'este moço! Sabe

vossê que um homem, conhecedor de taes exemplos de honra, nunca está bem

com a sua consciencia!? Eu não sei o que já hei de fazer a favor de

Antonio d'Azevedo!... Aqui me diz o meu correspondente que elle deixou

ficar o dinheiro em deposito até nova ordem. Está claro que o não

acceita...

--Clarissimo. Se elle não vem, como iria levantar a prenda da

noiva?!--disse o visconde.

--Que se ha de fazer, meu amigo?

--Não sei: é esperar que elle tenha o que julga necessario á sua

independencia.

--Vou dar um passo decisivo!--tornou Fernando, depois de breve

meditação.

--Qual?

--Vossê verá. Vamos á sala. Receio que meu primo diga alguma grosseria a

Corinna.

Quando entraram, a pobre menina estava chorando, e Felismina,

lançando-lhe os braços sobre os hombros, segredava-lhe consolações.

Fernando approximou-se de ambos, e disse a Corinna:

--Está tudo remediado. É questão de alguns dias.

E, voltado a Gastão, disse jovialmente:

--Olé, primo! o incidente passou: torna tudo ao seu curso regular. Aqui

não se falla bem nem mal de Antonio d'Azevedo. Defendel-o seria

ultrajal-o. Accusal-o seria um vilipendio. Ninguem ficou mais nem menos

do que era.

Na noite d'esse dia estava Corinna no seu quarto com Felismina, quando

entrou Gastão de affavel semblante. Sentou-se entre ambas, e disse com

mellica entoação:

--Tu és minha filha, és o meu sangue, tens pundonor de raça, e deves

estar curada, Corinna. Ha muito quem te pretenda; e teu cunhado deixa-te

a administração dos vinculos para tu poderes escolher marido. Tens tres

bons partidos a escolher. O morgado de Villar da Rocha está aqui em

Lisboa, viu-te, e perguntou-me se não estavas promettida. Um filho

segundo do marquez de Travassos, familia mais antiga que a Lusitania,

fez-me egual pergunta. O barão da Teixeira, vindo ha pouco da Bahia, com

mais de quinhentos contos, fallou em ti ao Fernando. Escolhe.

--Não escolho ninguem--disse resolutamente Corinna--O que eu escolhia

era a morte.

--Antes isso que a vergonha da familia!--replicou o pae.

--Que vergonhas dá ella á familia?--perguntou Felismina com os geitos

especiaes de quem tem dois milhões.

Gastão involuntariamente respeitou a interpellação da filha millionaria.

A bem dizer, a pergunta era irrespondivel.

D'ahi a pouco estava febril Corinna, e as ancias e soluços tão

frequentes a opprimiram, que a familia houve medo d'algum accesso de

loucura.

Fernando de Athaide, conscio da brevidade do insulto nervoso, disse ao

primo:

--Não volte a injuriar a pobre menina, que a mata a ella, e perde a

minha estima. Eu hei de necessariamente fazel-a feliz. Se o não

conseguir, maldigo a hora em que a conheci.

Dias depois, Corinna sahira do seu quarto, pallida, desolhada e triste.

O sangue mal lhe acudia ao pulso. As palavras sahiam á força de

caricias. Era preciso fazel-a chorar para que as lastimas subissem do

coração aos labios. Fallavam-lhe em Antonio de Azevedo, e as faces

retingiam-se-lhe; mostravam-lhe o anjo da esperança a voejar para ella,

e o sorriso volitava-lhe em toda a face até se confundir com as lagrimas

de jubilo. Mas este mesmo jubilo era um accesso de febre. Os medicos

tinham-se enganado: aquelle quebranto de forças e feições eram

prenuncios de morte. A gente experimentada facilmente diagnostíca estas

insaneaveis doenças: os medicos é que, do cocuruto da sciencia, o que

ordinariamente palpam n'estes symptomas é uma doença que entende com o

estomago ou com o figado. De coração só conhecem lezões, turgecencias,

hypertrophias, aneurismas, &c. Tem assim, e por conta da sciencia,

morrido muita gente, que se curava com um raio de alegria e um pouco de

compaixão do mundo.

Fernando encerrou-se com Gastão, e disse-lhe:

--Vou liquidar a minha casa ao Rio de Janeiro. Mandei crenar a galera.

Parto na proxima semana. Minha mulher vai comigo; e Corinna irá tambem,

se o primo a ama e me estima a mim. Se ficar, morre; e se morrer,

Felismina não quer voltar a Portugal.

--Vai procurar o noivo minha filha?--disse Gastão ironicamente.

--Vai procurar a vida; e se Antonio d'Azevedo lh'a dér, bem haja o

salvador da nossa Corinna!

--Pois que vá: nós partiremos para o Minho.

--Pedia-lhes que ficassem em Lisboa, e não alterassem os costumes de

minha casa. Tenho relações que desejo conservar. Meu primo honrará os

nossos amigos, recebendo-os. Em seu poder fica a porção da fortuna que

tenho em Portugal. A sua estima por mim ha de chegar ao sacrificio de

esperar em Lisboa a nossa volta do Brazil.

Não se fez rogar o fidalgo. Sujeitou-se plenamente á vontade do genro.

Recebeu Corinna da Soledade a nova da viagem. Alvoroçou-se até recahir

na febre; mas a crise foi leve, e rapida a convalescença.

A galera de Fernando, construida em Inglaterra, era garbosa, linda e

leveira como um cysne. A tolda era um camaranchel de sedas, como o das

antigas gondolas de Veneza. O chrisma para «Felismina» fadou-lhe mais

ricos destinos. O amor lhe inventara os adornos, os perfumes, as graças

e garridices que só o amor desentranha de suas fantasias. A sala de ré

era uma ante-camara de sultana. Ia por esses mares fóra aquella concha

de perolas, namorada das auras que ciciavam no velame, imitando as

branduras de suas irmans derramadas pelas moitas dos gestaes. Que

vontade fazia aquella gentil galera de ir ter um mundo na vastidão do

oceano, e não vêr mais que ella e ceo, e um ente amado, debaixo das

estrellas a espelharem-se nos paramos azues das aguas! Como alli o

coração, golpeado na terra, se iria contente, se cá d'estes abysmos

levasse ainda a salvo o condão da poesia que faz sahir mundos sobre

mundos dos abysmos do mar!

A galharda galera, como ovante da gentil alma que levava, sahiu barra

fóra com todo o panno e prospera monção. A festival menina, por esses

mares fóra, sobre a tolda, a scismar, com os olhos lá no infinito

horisonte, d'onde a chamava o esposo, e os favonios a enfunarem-lhe as

roupas alvissimas... que linda ia! julgareis ver a pomba sobre a arca

fluctuante nas aguas já serenas do diluvio!

Ao vigesimo nono dia de viagem avistaram pharoes das terras de Santa

Cruz.

Corinna, ao repontar da alva, subiu ao tombadilho, e viu a cidade

d'oiro, a rainha do novo mundo, espreguiçando-se do ultimo somno entre

os ceruleos coxins do seu immenso leito com pavilhão de mil flammulas e

bandeiras. Parecia-lhe ver caminhar a terra, mar dentro, a recebel-a;

mas tardio era o avançar da galera a encontral-a.

--D'aqui a meia hora?--disse ella a Fernando.

--Sim, d'aqui a meia hora, minha egoista!--respondeu o primo, e

continuou sorrindo--D'aqui a meia hora já não tens patria, nem irman,

nem cunhado! O Antoninho, que, a estas horas está escrevendo uns

\_provarás\_, com o supremo tedio de que é susceptivel a creatura humana,

vai receber um golpe d'alegria mortal!... Haverá no genero humano um

segundo homem a ponto de experimentar prazer egual?! É impossivel que

elle te não adivinhe, mana Corinna! salvo se o coração de um

jurisconsulto é tapado a toda a casta de inspiração divina!...........

......................................................................

A este tempo, chegava Antonio d'Azevedo Barbosa, ao caes.

Adivinhou, com effeito?--pergunta o leitor.

Nem sombra de presentimento, meu amigo! O que trazia ao caes, e a bordo

de um navio, Antonio d'Azevedo, é successo infausto que tem uma historia

concisa, mas necessaria.

Um dos irmãos do bacharel, Francisco d'Azevedo, era caixeiro, em Lisboa,

n'uma casa de cambio da rua dos Capellistas. Merecera um bom nome, e

cahira em tentação depois de o ter merecido. As desordens da vida, as

demasias de luxo, a ancia de mostrar-se rico aos olhos d'uma mulher que

distinguia os moços ricos, induziram-no a subtrahir, com intenção de os

repor, capitaes, que excediam os seus ordenados de dois annos. Francisco

jogou na esperança de resgatar-se, e cavou mais no abysmo de sua

perdição. Quasi a ponto de ser descoberto, quando o patrão dava o

balanço, o caixeiro desappareceu, e fugiu caminho do Brazil, confiado na

reforma de seus costumes, e na possibilidade de ganhar depressa com que

restituir o furto.

Chegou ao Rio, e procurou o irmão. Deu explicações inventadas da sua

ida, e conseguiu logo, mediante Antonio d'Azevedo, boa casa, bom

ordenado e muita estimação dos patrões.

O bacharel estava contente do expediente de seu irmão. Lembrava-se que

assim mais cedo as irmans teriam bom amparo.

Lia, passados trinta dias, Antonio d'Azevedo o \_Commercio do Rio de

Janeiro\_, e casualmente parou os olhos sobre esta correspondencia,

intitulada: \_Cautela com os ladrões.\_

E seguia d'este theor:

«\_Fugiu de Lisboa, com direcção ao Brazil, um caixeiro do cambista F\*\*\*.

Chama-se Francisco de Azevedo, natural de Barcellos. Desfalcou o patrão

em dois contos de reis. Para que o ladrão não logre o bom resultado das

suas manhas, avisa-se o commercio do Brazil.\_»

Antonio d'Azevedo viu entre si e o jornal um redemoinho de scintillas de

lume, e, ao levar as mãos aos olhos, tinha perdido os sentidos. Este

lance passára-se no escriptorio de Valentim da Costa.

Entrara o velho, e ouvira o soluçar cortante do seu amigo. Interrogou-o

com paternal carinho. Azevedo ergueu-se como atordoado, e, ao sahir,

murmurou estas palavras:

--A infamia está ahi escripta n'esse jornal.

Foi ao armazem onde Francisco era guarda-livros; entrou no gabinete

particular do negociante, e encontrou-o lendo o jornal.

O negociante estava correndo a primeira pagina, e a noticia vinha na

segunda.

--Por cá, doutor!--disse alegremente o patrão de Francisco--Vem saber

como vai o nosso homem? Optimamente. Estou contentissimo. É seu irmão, e

basta!

Eram frechas que varavam o peito de Antonio de Azevedo! A dor rompeu-lhe

em lagrimas. O negociante viu-as, e exclamou:

--Que tem o doutor?! Alguma desgraça de familia lá na terra? Morreu-lhe

algum de seus irmãos?

--Morreu Francisco--balbuciou o bacharel.

--O quê? morreu Francisco! O doutor está a sonhar! Pois não o viu quando

entrou?!

--Morreu para a honra--tornou já serenamente Antonio--Ahi está na

segunda pagina d'esse jornal o ignominioso epitaphio do desgraçado.

--O quê? que diz o doutor de epitaphio?

Azevedo collocou o dedo indicador sobre a correspondencia. O

commerciante leu, e fez-se amarello. Depoz o jornal, levou as mãos aos

raros cabellos brancos, e disse:

--Tem razão, doutor! seu desgraçado irmão está morto!

--Vim para o levar comigo. Queira o senhor dar-lhe ordem de sahir.

Rogo-lhe a generosidade de não lhe dizer a causa por que o despede.

Deteve-se a scismar o negociante, e disse com energia de boa alma:

--Vamos ver se o salvamos.

--Salval-o como?

--Vai com outro nome para o Pará.

--O nome não é o infamado; é elle. Creia o meu amigo que eu não vim

pedir-lhe a sua protecção para salvar o homem indigno d'ella. Vim buscar

meu irmão.

Foi chamado Francisco.

--Dá contas ao senhor Silva, que vaes sahir de sua casa.

O guarda-livros fez-se roixo.

--Não ha explicações previas--tornou Antonio--Apresenta os livros a teu

cargo ao senhor Silva.

--Os livros estão vistos--disse o negociante--Não tenho a menor suspeita

da probidade do senhor Francisco.

--Suspeita?--atalhou este.

--Silencio!--disse imperiosamente Antonio--Vamos.

O commerciante apertou a mão do bacharel, e lançou ao irmão um olhar

compassivo.

Francisco hospedou-se com Antonio. Dois dias depois, recebeu de repente

a noticia da sua volta a Portugal, accrescentada d'estas palavras:

--Entrega esta carta em Lisboa. A pessoa a quem a entregas irá comtigo a

casa do cambista F\*\*\*, teu patrão que foi. Darás ao cambista o dinheiro

em que elle se disser roubado por ti. Cobrarás recibo, que me enviarás.

Feito isto, recolhe-te a Barcellos, e pede a tuas irmans que te dêem um

quinhão da sua subsistencia.

Francisco, lavado em lagrimas, quiz ajoelhar aos pés de seu irmão, e

contar a historia dos seus desatinos.

--Não ha historia que absolva um roubo--disse o bacharel.

E no dia seguinte, quando elle acompanhava ao navio o irmão, é que a

vistosa galera \_Felismina\_ se baloiçava, como odalisca, sobre a camilha

azul das aguas que reverberavam o sol nascente, e se cobriam de

scintillante lhama de oiro.

Olhem a felicidade de Corinna e a felicidade de Antonio de Azevedo!

XVIII.

Antonio de Azevedo foi abrir a reprêsa de lagrimas no seio do ancião que

o esperava com as suas, unico balsamo das supremas afflicções.

--Veja a minha vida!--disse entre soluços o bacharel--Pensar eu que o

muito trabalhar me daria um quieto contentamento, e que, além dos

dissabores do coração, nunca teria outros!... E agora estes! os da

ultima deshonra! uma vergonha irremediavel que me priva de olhar de

frente para os homens que estimaram meu irmão por amor de mim!

O velho, combatendo os escrupulos do moço, teve a admiravel e inspirada

eloquencia da verdade. Declinou a deshonra sobre quem a praticara, e

provou ser aquella desgraça mais uma prova para aquilatar as virtudes do

bacharel. Verdadeiros, mas, ainda assim, inconsolativos argumentos!

Fallaram longo tempo. Valentim não deixara sahir o amigo n'aquella

manhan, receoso de que a solidão lhe amargurasse a mais as apprehensões.

Quando o moço se impunha a si mesmo o preceito da força para o trabalho,

e o velho insistia nos seus dictames insinuativos de coragem, entrou no

escriptorio Fernando de Athaide.

Antonio de Azevedo, como a desentorpecer-se de um glacial spasmo,

estendeu-lhe machinalmente a mão e deixou-se abraçar. Valentim fazia um

alarido de exclamações de espanto, que não deixavam ouvir o adventicio.

--Vejo-o triste e demudado, senhor Azevedo!--disse o primo de Corinna.

--É oiro que está ainda ardendo da ultima prova!--respondeu o velho--A

desgraça cuidou que o fulminava; mas a honra venceu.

Antonio d'Azevedo fez um gesto supplicante de silencio ao doutor, e

disse a Fernando:

--Ninguem o esperava no Rio, senhor Athaide.

--Foi uma partida repentina. Assim é que se fazem as coisas!

--Como ficou Corinna?--perguntou Azevedo; e logo as lagrimas lhe

saltaram a quatro, e uma ancia lhe ressumou á face em suor frio.

Sentou-se quebrantado, e murmurou:

--Desculpem-me: estou-me fazendo mulher... Estas lagrimas, se as não

chorasse, matavam-me.

--São de saudade?--disse Fernando.

--São de desesperança, cuido eu--respondeu Azevedo, escondendo os olhos

com as mãos.

--Anime-se!--exclamou Athaide--Que descorçoamento é esse, improprio

d'uma alma de bronze! Azevedo, saia d'essa lethargia! Olhe que Corinna

ama-o como sempre, e espera-o com a anciedade d'um anjo consolador de

todas as suas mágoas.

--Tardia virá a consolação!--balbuciou o moço--Deus me livre de a

condemnar a soffrer debaixo da minha estrella... Escreveu-me ella?

--Que pergunta! Tenho em casa uma carta sem fim, que o meu amigo ha de

lêr como se ella mesma a estivesse fallando! Venha comigo, e cuidará que

tem entre mãos, não uma carta, mas o proprio coração da sua Corinna!

--Agora consinto que vá!--disse o velho.

--E o doutor vem tambem--acudiu Fernando.

--Vamos lá!--voltou o velho--Vossês os rapazes andam comigo d'aqui

p'r'ali, como se esta gotta não merecesse respeito nenhum á geração

nova! Ora esperem ahi, que eu vou vestir a dalmacia, a casaca

circumspecta! Sua senhora veio?

--Veio, sim.

--Ah!--disse Azevedo--está cá a senhora D. Felismina?!

--Pois eu havia de deixar lá a alma! Então vossê não sabe que marido eu

sou! Minha mulher sou eu--disse com festivo semblante o millionario.

Sahiram.

--Isto veio do ceo!--disse Valentim--Quem distrahiria o meu pobre

Antonio, se lhe não chegassem os bons amigos da patria! Vai ter um dia

cheio, meu amigo! Quem lhe fallaria com mais ternura da sua Corinna que

a irman querida! Felismina se chama ella: hoje é que é \_feliz mina\_ de

consolações para o meu desterrado!

Assim, com estes dizeres affectuosos do alegre ancião, chegaram ao

grandioso predio, que Fernando habitava.

Na primeira sala esperava-os Felismina. O doutor, que subia na

dianteira, ao vêl-a, exclamou:

--Sim, senhores! É muito linda! Ha muito que não vi d'estes fructos da

minha terra! Quero e gosto que as senhoras brazileiras vejam o que lá ha

por Portugal!

Felismina sorriu-se ao galanteio do velho, e abraçou Antonio d'Azevedo.

--Como está abatido!--disse ella.

--Abatido no rosto, mas Sansão na alma!--acudiu Valentim.

--Acha-me velho?--disse Azevedo--N'este paiz acaba-se depressa o homem

que se não exercita muito, e endurece ao fogo do sol. A sua familia,

minha senhora, ficou boa? A senhora D. Corinna?

--Como faz essa pergunta, senhor Azevedo!...--disse Felismina--Que

frialdade! Dar-se-ha caso que vossa senhoria não ame já minha irman?

--Por Deus, minha senhora!--respondeu o moço--Todos os infortunios podem

menos sobre mim que uma injustiça, que deixa de ser injuria por ser dita

por vossa excellencia.

--Se elle ama sua irman!--atalhou o velho--Ó minha senhora, se os meus

cabellos brancos inspiram confiança, creia vossa excellencia que o meu

Azevedo ama tanto sua irman que, por amor d'ella, excede-se a si proprio

na prática das virtudes. Grande e distincto deve ser o amor que faz o

virtuoso! Vicios e crimes é o que eu tenho visto resultar dos amores

vulgares...

--Está o senhor Azevedo ancioso por que lhe entreguem a carta de

Corinna--disse Fernando--Vai tu buscal-a, Felismina.

Abriu-se uma porta, e appareceu Corinna, exclamando:

--Não preciso que me tragam!

E cuidam que ella impallideceu, desmaiou, ou, pelo menos, expediu um ai

de procedencia dramatica?

Não, senhores. Corinna entrou de corrida, leve como um gnomo, a rir e a

chorar, purpureada, com os olhos a saltar-lhe fóra da face, os braços

abertos e convulsos, a respiração como tomada, e os labios crispando

nervosamente, sem poderem proferir o quer que era de que só os

dramaturgos acham sempre uma expressão insipida, incolor e inverosimil.

Antonio de Azevedo é que (sem desaire seja dito) deu uns ares de

idiotismo, que, na scena, seriam lastimaveis! Abraçou Corinna, como a

medo: era a primeira vez que a sentia nos braços. Fitou-a como quem

duvída; remirou-a, como quem teme um engano dos sentidos; estava-se

acordando do sonho; invocava a sua razão; e, quando a razão lhe mostrou

em volta d'elle todas as faces orvalhadas de lagrimas, é que Azevedo

pôde exclamar:

--Bem hajas, anjo de Deus!...

Imagine agora a minha leitora os successos indescriptiveis d'este lance.

Por pouco imaginativa que seja, vossa excellencia ha de avultal-o melhor

em sua fantasia do que eu poderia dar-lh'o n'esta pagina. Uma só poesia

creou a natureza para taes quadros: é a poesia da pintura.

Foram cinco minutos de febre, de delirio, de silencio, de ouvir-se o

bater forte e descompassado de cinco corações. Ora pintem lá isto, a não

ser em expressão de olhos, de labios, de feições que só, em casos

d'estes, se vos deparam em pinturas christans, onde os enlevos são ceo,

bemaventurança e alegria de santos. E haveis de notar que o proprio

pincel profano antes se quer a pintar expressões angustiosas, porque as

visagens da afflicção mais se prestam ao relevo, como em Niobe, em

Laocoonte, em Ugolino. Quer tudo isto dizer que tenho diante dos olhos

aquelle espectaculo de jubilos, e desisto de descrevel-o para de todo em

todo me não capacitar de minha inhabilidade.

Porque hei de eu dizer tão affoitamente «espectaculo de jubilos», se

Antonio d'Azevedo, momentos depois, se deixava senhorear da lembrança do

irmão, banido do numero dos honrados! A candida Corinna encarava n'elle

com olhos aguados, e no lacerante silencio de sua alma perguntava a si

mesma, que fizera ella para ser menos amada! De que outro modo se

explicaria a tristeza do moço n'aquella primeira hora!

Não pôde ter-se que o não chamasse a um ponto mais afastado da sala onde

se tinham ficado Valentim e Fernando, em quanto Felismina sahira a dar

ordens.

--Tu estás melancolico, Antonio!--disse ella, tomando-lhe a mão com

estremecida ternura--Viria eu contrariar a tua vontade? Estaria eu

enganada comtigo?...

--Vejo-me indigno de ti...--respondeu Azevedo.

--Indigno de mim!--tornou ella crescendo no afago da expressão convulsa

de lagrimas--Pois tu não tens sido mais que nobre para seres digno da

mais nobre e pura mulher! Quererás que eu te recorde as tuas virtudes,

meu querido amigo!?

--As minhas virtudes--replicou o moço--tão frageis eram, que talvez a

esta hora tenham sido reputadas hypocrisia.

--Ó filho!--exclamou ella--desconfio da tua razão! Muito deves ter

padecido para te considerares assim, quando em volta de mim os teus

merecimentos são louvados com admiração de todos!...

--Escuta-me para me consolares, Corinna. Deus quiz que tu viesses á hora

em que toda a esperança me ia fugindo...

Antonio d'Azevedo contou a Corinna a ignominia de seu irmão, e levantou

a voz de modo que Valentim, no angulo opposto da sala, ouviu tudo.

Ergueu-se o velho, caminhou para elles, e interrompeu a exposição do

bacharel.

--Senhor Antonio d'Azevedo, antes do infortunio de seu irmão, vossê, no

Rio de Janeiro, gosava nome de intelligente, laborioso e honesto; depois

do infortunio de seu irmão, o nome de Antonio d'Azevedo é proferido com

o acatamento de que homem nenhum de sua idade se tem gosado. Os velhos

honrados da sociedade brazileira querem conhecel-o: os portuguezes citam

o seu glorioso procedimento com orgulho. O facto é de ha tres dias, e

tem corrido de bôca em bôca como raras vezes acontece a uma boa acção.

Ora pois! Eu sei bem o que é dignidade; achei que a sua se manteve

sempre na altura dos mais dignos homens d'outros tempos; admirei-o e

louvei-o pelo que outros chamariam demasias de orgulho sob capa de

independencia; agora, porém, é chegada a hora de eu lhe dizer que, assim

como a suave religião se descaminha até ao fanatismo execravel, assim a

briosa dignidade, se perde o rumo do bom juizo, vai dar comsigo n'uns

excessos rudes, insociaveis e repellentes. A sociedade applaude os

virtuosos, mas desadora os que fazem de sua virtude uma tribuna para lhe

censurar as fraquezas. O excesso do bem é um mal que não me aproveita a

mim, nem a outrem. Eu quero que Antonio d'Azevedo se mostre alegre para

que o mundo não diga que a honra tem uns pavores interiores refractarios

ao contentamento. A boa consciencia é alegre, senhor. E o melhor

beneficio que vossê póde fazer aos homens é convencel-os de que vai indo

seu caminho, arrancando os espinhos dos pés, e sorrindo ás novas

desventuras que o impecem. Fallou o velho. Diga agora o anjo, a nossa

Corinna, o que será preciso fazer-se a esta criança decrepita para a

levantarmos do seu abatimento?

--Se eu pudesse...--balbuciou Corinna.

Antonio d'Azevedo levou aos labios a mão de Corinna, e murmurou:

--Emenda tu os defeitos da minha desgraçada indole... Dá-me paz,

Corinna; dá-me a uncção do teu amor, e eu me salvarei de mim proprio...

--Primeiro passo a dar!--exclamou Valentim da Costa--O primeiro passo a

dar é casarem-se, meus filhos!

N'este momento entrou Felismina, e disse:

--Está o almoço na mesa.

Valentim continuou:

--Visto que está o almoço na mesa, o primeiro passo a dar, meus filhos,

é... almoçar!

No decurso da conversação durante o almoço, disse Fernando de Athaide:

--Ahi vão novidades, meu caro Azevedo. O visconde da Cruz casa

brevemente com Emma, e Luiz Taveira com Leonor. Eliza tem doze annos, e

já é pretendida. Quem de certo nos fica solteira é a nossa Corinna! que

pena!

Riram todos, e Valentim exclamou:

--Solteira! essa é boa! Não consentirei eu que a belleza assim seja

ultrajada! Aqui está a minha mão, senhora D. Corinna! É um sacrificio

que faço da minha isempção; mas faço-o para que suas manas se não riam

de vossa excellencia.

XIX.

Tres mezes depois dos grandes successos froixamente descriptos no

anterior capitulo, Fernando de Athaide e sua mulher vinham caminho de

Portugal; e Corinna da Soledade e seu marido Antonio d'Azevedo

habitavam, nos arrabaldes do Rio de Janeiro, uma chacara de modestas

regalias.

O bacharel era ainda o mesmo laborioso jurisconsulto, associado no

escriptorio de Valentim da Costa. Corinna, simplesmente ajudada d'uma

negra, cuidava do lavor domestico, singelo lavor, que isso mesmo tem de

bom a mediania.

Quizera Fernando que seus cunhados ficassem habitando a casa onde se

hospedaram, e Azevedo, já receoso de desagradar com suas isempções, mal

se atrevia a rejeitar os offerecimentos; porém Corinna, avaliadora dos

secretos desejos de seu marido, simulou vontade de viver no campo, e

assim o desembaraçou do desgosto de acceitar a magnifica vivenda na

melhor praça da capital. Valentim, aconselhando Athaide no melhor modo

de haver-se com seu cunhado, repetia o que no livro divino de frei Luiz

de Sousa se lê, que o cardeal de Lorena dizia, ao embaixador de

Portugal, com referencia ao santo arcebispo bracharense: «.....se o

quereis ter contente, não lhe deis a comer mais que dois ovos duros.»

Corinna recebêra de Felismina a prenda dos trinta contos depositados

ainda em poder do commerciante. Foi-lhe, porém, mister guardal-os como

cofre de joias, sem lhe dar destino conducente a alliviar os encargos do

marido. Era um dinheiro que não existia para o bacharel, nem Corinna

buscava occasião de fallar d'elle.

No tocante a felicidade, alguns periodos de uma carta de Azevedo ao

visconde da Cruz dizem o que basta a convencer-nos de que a possuiam,

quanto ella, n'este desterro, se deixa gosar.

«.............................................................

«Ás seis horas da tarde, quando vou do escriptorio, encontro sempre a

minha Corinna sentada n'um pequenino ressaio, como se lá diz no meu

Barcellos, que tenho á porta da chacara. Alli é a minha primeira

paragem, em que o espirito se desfadiga do pesadello das leis: o coração

toma absoluto imperio sobre as minhas outras faculdades, e todo me deixo

adormecer na quietação d'um bem-estar, que só podem conhecer os

operarios d'um dia inteiro, quando ao cahir da noite, se repousam ao

lado da companheira, por amor da qual se cansam e recobram. Os nossos

frugaes jantares são rapidos, e assazoados dos infantis gracejos da

minha Corinna, que os tem sempre novos para encarecer a profusão das

iguarias. Depois vamos por esses caminhos fóra, admirando tudo que nos

vem ao encontro a sorrir: são as arvores e flores de todas as ricas

vivendas d'este luxoso torrão: tudo é nosso, porque, meu amigo, nada

ambicionamos do que vamos vendo.

«Corinna está-me sempre repetindo a historia dos nossos amores, que eu

acho sempre nova. Os dois bailes do Porto em que a vi; as primeiras

palavras que eu lhe disse, com destemperada lamuria; os seus pensamentos

lá no Lima, dia por dia, e hora por hora. Sinto-me duplicadamente viver

na sua vida passada; parece-me que estou tomando posse d'uma existencia

que devia ser minha desde então.

«Deito-me cedo para me levantar com a aurora. Corinna lê até tarde: lê

alto em quanto vê que eu a escuto; depois, vai diminuindo gradualmente a

voz até me ver adormecido. Rirás tu d'esta miudeza de traços no quadro

da felicidade domestica? Se ris, visconde, mal de ti, que os não has de

saber gosar. Uma coisa magnifica, estrondosa, e apparatosa, que vai pelo

mundo, chamada Felicidade, feitas as contas, sabes o que é? É isto, são

os singellos prazeres, que não valem nada descriptos, e são a

bemaventurança sentidos. E não valem nada, porque a gente que os lê,

pensa que pouco vai de desejal-os a tel-os. Que engano! A mais facil

felicidade é a que requer mais grande coração e pura consciencia. Se

estes bens fossem communs, todos eramos felizes. Nós antes queremos ser

todos ricos......................................»

Valentim da Costa foi, um domingo, jantar com os \_seus filhos\_, termo de

muita amizade com que elle os acarinhava. N'esse dia se completavam os

setenta e nove annos do ancião. Depois do jantar, desceram a sentarem-se

debaixo das quatro palmeiras, que davam o usurpado titulo de chacara á

casinha dos venturosos. Ahi fallou sempre o velho, com a perdoavel

vaidade de quem sabe tudo do passado, e possue a chave dos futuros. Ora!

por onde elle andou! Foi cavar na raiz da revolução franceza, contou a

vida de Napoleão, a fuga de D. João VI, as anecdotas da côrte, a

infancia e juventude do senhor D. Pedro IV, a mocidade estudiosa e as

virtudes civicas do actual imperador do Brazil, e tudo isto para

concluir que o presente era melhor que o passado, e que o futuro será

melhor que o presente. E a tal proposito ajuntou:

--Vossês não façam caso do que eu disser, quando elogiar as coisas e

pessoas do meu tempo. O \_seu tempo\_ é a balda dos velhos, que, ao

verem-se carregados de tempo, não só querem que seja \_seu\_--o que

ninguem lhes contesta--; mas até querem que o tempo d'elles fosse a

melhor quadra dos dezenove seculos que já lá vão. Ora eu, que sou velho

e ao mesmo passo rasoavel, se duvidasse das virtudes d'este tempo,

duvidaria das vossas, meus filhos. Dizem que a velhice é egoista, e

morre devorada de odientos ciumes da geração nova, não só porque é boa

de indole, que tambem por ser inventora das regalias que vieram tarde

para ella. Deus me livre de ir á eternidade com este trambolho agarrado

ás pernas: bem me basta a gotta! Eu cá de mim até folgo de acabar,

quando começa uma transfiguração na face da terra, coisa nem sequer

sonhada ha quarenta annos, quando eu e os meus contemporaneos

motejavamos o desconfortavel viver de nossos paes. Não me dirão o que

nós tinhamos mais do que elles, ha quarenta annos?! Vossês é que podem

rir-se de mim e dos meus; mas nem por isso lhes quero mal de inveja. O

meu amor á gente nova chega a ponto de eu me desejar morrer no meio

d'ella. Querem-me os meus filhos trazer para sua casa? Eu estou por alli

sósinho n'aquella rua do Ouvidor, muito rica, e muito bulhenta. Tenho lá

tres pretos e tres pretas a quem quero dar a liberdade, e os diachos não

a querem! Olhem que é forte mania a dos que dizem que a escravidão é o

antagonismo permanente com a ideia de Jesus! Se os meus pretos fossem

novos, e eu lhes désse liberdade, os pobresinhos, em vez de irem aos

seus sertões respirar ar livre, assoldadavam-se a senhor que os

carregava de trabalho; ora, como os meus escravos são velhos, os

coitados não querem a liberdade, que para os de sua especie é uma

palavra van. Pois se eu me não posso, nem devo desfazer d'elles,

peço-vos que m'os deixeis trazer comigo para a vossa companhia. Verdade

é que esta casa é mui estreita para tanta negraria, e commodidades d'um

hospede octogenario. Aqui é que o meu Azevedo ha de mostrar-se amigo do

seu velho. Está alli abaixo uma boa casa, com muito arvoredo em roda.

Vai o meu filho arrendar aquella casa, e recolher-se a ella com o seu

mestre de leis. Faça de conta que eu sou um pulvereo praxista que vossê

tem na sua livraria... O ingrato não me responde. Vou voltar-me para a

minha filha Corinna. Faz-se o que eu peço?

--Faz--disse Corinna, sorrindo ao esposo.

--Pois então--tornou o velho--já d'aqui não saio. Onde me dais agasalho

esta noite? Quero já saber onde está o meu quarto.

No dia seguinte, Azevedo arrendou a chacara magnifica, mudou para ella

com o ancião, e com os seis velhos escravos e amigos de Valentim. Logo

ao segundo dia, o hospede chamou Azevedo, e disse-lhe:

--Eu tambem tenho a minha dignidade, a minha vaidade e o meu orgulho.

Quero entrar com a minha quota parte para as despezas da casa, minhas e

da minha pretaria. Arrendamento da chacara, a meias; o importante da

cozinha, isso é cá com o anjo dos lares, com a nossa Corinna.

Antonio d'Azevedo ia contrariar o velho, e reteve-se ante um gesto de

desagrado, e logo esta risonha exclamação:

--Vossê cuida que tem mais pundonor que eu!

Este viver continuou assim seis mezes. Corinna tinha ouvinte certo ás

suas leituras em quanto o marido dormia. Valentim repousava tres horas

em cada noite, e velava as outras, folheando papeis, e dando expediente

a negocios attinentes aos seus haveres. Algumas vezes ia á cidade em

carruagem que comprara n'este ultimo praso da vida, não tanto para elle,

como para os passeios de Corinna. Valera-lhe a gotta para colorir o

presente aos seus queridos commensaes.

N'este tempo as cartas vindas de Portugal davam a noticia confirmada dos

casamentos de Emma e Leonor. As duas noivas tinham ido para o Porto com

seus maridos, e Felismina com seu marido e o primogenito estavam nas

margens do Lima, ou no palacio reconstruido de Fernão de Athaide, onde o

filho natural mandara acastellar os telhados. Fernando era já visconde

do Ameixial, e estava pasmado da barateza da coisa, em comparação do

muito que dera por uma commenda cinco annos antes. Tinha sido logrado

pelo procurador.

Gastão de Noronha, D. Mafalda e a menina mais nova tinham ido a Paris

comprar mobilia para renovar a decoração do palacio de Lisboa. Esta era

a razão ostensiva que o publico deve acceitar por ser melhor, se não a

mais ajuizada; mas os indiscretos portuguezes que então estavam em

França, disseram que o ainda robusto Gastão de Noronha fôra espairecer

saudades de uma duqueza, ou duas duquezas, ou mais seriam, que, pelos

modos, em Paris, isto de amar quatro duquezas é coisa mais que frequente

a quantos portuguezes lá vão, como eu tenho visto nos apontamentos de

pessoas que lá estiveram quinze dias. D. Mafalda é que ha de saber a

verdade de tudo.

Com estas noticias chegou outra concernente a Francisco d'Azevedo. O

caixeiro chegou a Lisboa, pagou a sua divida, mandou o recibo ao irmão,

foi a Barcellos, vendeu a pequena legitima, abraçou suas irmans, e

tornou a Lisboa, d'onde partiu para a Africa.

As quatro meninas das margens do Cávado viviam abundantemente. Seu irmão

Joaquim, já estabelecido e coadjuvado pelos Taveiras, occorria-lhes a

todas as necessidades, dava-lhes tudo, menos o prazer de leval-as ao

Porto, porque o irmão do Brazil, em todas as cartas recommendava

instantemente, que as deixasse estar em Barcellos com as arvores e

flores da casa paterna. Outros dois irmãos de Azevedo, sem importancia

n'esta chronica de familia, exerciam probamente a profissão do

commercio.

--Todos felizes!--exclamou o velho, que ouvira attentamente lêr as

cartas, como se fossem de familia sua--Todos felizes! Só o meu pobre

Azevedo ainda a trafegar para o pão de cada dia! Os dois contos de reis,

ganhados nos primeiros mezes, lá se foram na restituição do Francisco.

Desde então para cá as economias são impossiveis! Esta Corinna é uma

grande avára! Tem alli na gaveta trinta contos, que ella chama os seus

alfinetes de noiva, e não os quer arriscar nas despezas da cozinha! Ora

deixa-te estar, minha sovina, que te não hei de deixar em testamento as

minhas tres pretas velhas!

--O Antoninho não quer o dinheiro...--disse ella, afagando o cabello do

marido, que ria muito do sainete comico do velho--Ha que

tempos--continuou ella--eu não vi o meu thesouro! Vou-lhe desafiar a

inveja, doutor, a mostrar-lhe as minhas notas! ora espere...

Foi Corinna a uma gaveta de sua commoda, e voltou pallida, exclamando:

--Ó Antoninho! mudaste o dinheiro da gavetinha do meio?

--Eu nunca soube onde tinhas o teu dinheiro--respondeu placidamente o

marido.

--Não está lá... roubaram-m'o--bradou ella.

Dias antes tinha fugido uma negra, alugada para a cozinha.

--Seria a preta?--perguntou tranquillamente o bacharel--Póde

proclamar-se rainha nas suas senzalas a negrinha!

Corinna mostrava-se afflicta. O marido chamou-a a si, encostou-a ao

seio, e disse-lhe com muita meiguice:

--A tua grande alma, minha filha? Então! ha ahi dinheiro que valha uma

lagrima tua, Corinna? Imagina que Deus te experimentava, privando teu

marido da saude de tres dias! Que farias então, minha amada?... Quantas

vezes darias os teus trinta contos por uma tisana que me restaurasse?!

Quero só ver-te lagrimas, quando eu as chorar.

--Tens razão!--exclamou ella--Estou alegre! perdoa á minha fraqueza de

mulher, sim? Quem me visse chorar, julgaria que eu amava aquelle

dinheiro inutil!

--Pois sim; tudo isso é muito admiravel--exclamou o velho--mas é

necessario annunciar a fuga da ladra, agarral-a e despedaçal-a com o

azorrague!

Antonio de Azevedo ergueu os hombros e sorriu. Corinna fitou os seus

humidos e negros olhos em Valentim, e murmurou:

--Despedaçal-a! Coitada da infeliz!

--Essa agora é que não é piedade irreprehensivel, menina!--redarguiu o

velho--Chama \_coitada infeliz\_ á negra que lhe rouba uma quantia que em

Portugal se chama \_uma fortuna\_!... Eu tomo a negra á minha conta! Ha de

ser cortada pelo azorrague!

--Não deixes, Antoninho!--clamou Corinna, tomando-lhe o rosto entre as

mãos.

--Não deixo, não, filha. O doutor está feroz; mas aquillo passa-lhe.

--Ora, senhores--tornou o velho tregeitando espanto--O nome, que isso

tem em boa hermeneutica, é \_fomentar o crime\_! A sociedade não se serve

assim! É preciso que cada qual contribua com o cauterio para lhe

extirpar os cancros que a corroem.

--Parece que está no tribunal, doutor!--disse Azevedo--A velha

eloquencia é ainda brilhante; mas a lei nova, a lei do justo que os

fariseus azorragaram, manda cahir o azorrague das mãos do offendido, e

castigar moralmente o culpado.

--Moralmente!--retorquiu o doutor--Com que então vossê crê no moral dos

negros?!

--Creio na alma dos negros.

--Isso é uma impiedade!

Azevedo riu-se, e, por momentos, duvidou do concerto intellectual do

velho.

Mas, a esta injuriosa duvida, ergueu-se o velho, e caminhando para

elles, com os braços abertos, exclamou:

--Não calumniemos a negra, meus filhos! Abraçai-me, anjos! Eu quiz

experimentar a vossa caridade! Abraçai-me, santos da honra e da

misericordia, que os vossos trinta contos quem os furtou fui eu!

XX.

Em uma tarde de maio de 1849, ao oitavo mez de ceo sem nuvens n'aquella

chacara, onde á competencia os tres ditosos moradores se davam alegrias,

chegou o anjo pallido da morte, e sentou-se no limiar d'aquelle éden,

como para vedar o accesso ao anjo do contentamento.

A um lado do leito de Valentim da Costa estava Corinna da Soledade, com

o cotovello apoiado no travesseiro e a face na palma da mão esquerda,

orvalhada de lagrimas.

Do outro lado Antonio de Azevedo, com as mãos entrelaçadas debaixo do

rosto que encostava á borda do leito, erguia a espaços os olhos

lagrimosos, e cravava-os nas faces emaciadas e lividas do ancião.

Aos pés do leito estavam sentadas duas velhas negras soluçantes, com os

rostos escondidos entre os joelhos.

Na ante-camara moviam-se pé ante pé os restantes dos antigos servos de

Valentim, e cada um por sua vez, de instante em instante, vinha, por

entre os cortinados de cassa, espreitar o enfermo, e retirava com as

mãos postas e o coração em ancias e suspiros.

Valentim da Costa tinha sido confessado e ungido n'aquella tarde. A

sciencia retirara ante a irremediavel decomposição dos oitenta annos.

Mas Corinna e Azevedo não podiam convencer-se de que o seu amigo havia

de morrer assim, quando, a intervallos, o ouviam discorrer com o socego

e energia moral dos mais saudaveis dias. Era a alma imperecedoira

allumiada já pela claridade do empyreo: era a prova suprema que ella

estava dando de sua immortalidade. A cryzalida desfazia-se, e a

borboleta do ceo, n'aquelles assomos de intelligencia, ensaiava seu

voejar para o alto.

O moribundo descerrara as palpebras, e dissera:

--Não devia eu esperar tão suave morrer. Homem que viveu sósinho os

annos da juventude e força, morrera sósinho. Não quiz o Altissimo que eu

pagasse amargosamente a minha incuria. Eis-me com filhos e amigos em

volta do meu leito. Bemdito seja o Senhor!

Falleceram-lhe forças, e descahiram as palpebras transparentes, flacidas

e azulejadas.

D'ahi a pouco reabriu os olhos, fez signal a Antonio d'Azevedo, e

indicou-lhe o travesseiro, que forcejou por levantar.

Azevedo correu a mão por debaixo do travesseiro e tirou papeis, que

offereceu ao ancião. Este não pôde erguer os braços quebrantados, e

disse:

--Um é o meu testamento; o outro papel é a minha despedida de vós. Está

escripto ha quinze dias: escrevi-o quando conheci o fim. Lêde-o vós,

filhos; quero ouvil-o; o coração quer ainda o goso de se escutar.

Antonio d'Azevedo abriu vagarosamente a folha dobrada em oitavo, e leu

com tremor de suspiros:

«Um secreto aviso me manda preparar. Não posso dizer como o santo:--O

meu coração está prompto--; mas vejo o termo da viagem sem susto. A face

do Juiz transluz misericordia. O meu Creador foi para si que me creou.

«É dôr deixar-vos, filhos; porém saudades haverá mais pungentes entre os

vivos que se apartam. A providencia divina permitte que o aspeito da

morte seja menos afflictivo, quando em verdade ella está comnosco. Ai de

nós, se este desapego da terra, onde se é feliz ou se espera sel-o, não

existisse! O morrer custa ruins quebrantos da materia; mas a alma como

que se está despenando e alegrando para ir ao seu destino.

«Vou deixar-vos, meus amigos. Chorai-me, porque vos quiz muito, e vos

fui grato ás doces horas que me déstes. Chorai-me, porque ao moribundo é

consolador o pranto dos que lhe deram os risos da ventura.

«Ficaes novos e ricos. Pela vida além haveis de encontrar muita gente

affligida: sêde valedores de todos, e associai sempre o meu nome á vossa

beneficencia. Assim viverá comvosco uma faisca d'esta chamma, que não

póde ser toda vossa, por ser de Deus.

«Dai-me sepultura, e ide depois para a patria e para os vossos. Empregai

lá a vossa actividade menos em accumular, que em repartir a sobejidão de

vossa riqueza. Quando houverdes filhos não lhes ensineis a honra do

rico, que essa é facil: ensinai-lhes a honra do pobre, a honra de

Antonio d'Azevedo e a abnegação de Corinna. Vivei de modo que a vossa

descendencia se glorifique do exemplo, quando vossos nomes estiverem já

esquecidos.

«Estou a dar-vos conselhos, como se carecesseis d'elles: desculpai ao

velho este fraco da muita idade. É uma missão paternal que cumpro. Se eu

tivesse dois filhos, exemplares em virtudes, havia de fallar-lhes assim.

Deixai-me acabar n'esta abençoada illusão. Admoesto-vos, meu Antonio

d'Azevedo, a que deis de mão ao grande pezo do trabalho. O que hontem

era precisão, será ámanhan sêde sobre sêde de riquezas inuteis. O

bastante é muito pouco. Da riqueza de vossa alma é que deveis ser grande

dissipador: derramai-a em preceitos, conselhos, allivios e censuras. O

solitario virtuoso é um egoista do ceo. Ide ao meio do povo e fallai. O

homem sósinho póde ter muito de que alegrar-se; mas não alegra os

milhares de infelizes que gemem, e a gemer se vão despedaçando.

«Sabei que eu, á custa de sessenta annos de trabalho, cheguei a esta

hora podendo dizer que não tenho um ceitil. Tudo dei a uns, e perdoei a

outros. Os bens de fortuna, que vos lego, deu-m'os uma herança, no

ultimo quartel da vida. Ahi vol-a transmitto. Foi sempre meu intento

deixal-a a pobres: sei que fica sendo vossa e d'elles.

«Agora abraçai-me, e dai-me o vosso adeus.»

Antonio d'Azevedo fôra algumas vezes embargado pelas lagrimas, e

Corinna, com os labios postos na mão do moribundo, soluçava mui anciada.

No final da leitura, Valentim fez um vão esforço de levantar os braços

para receber os dois filhos que se achegaram ao seio d'elle. Os escravos

tinham entrado todos de roldão, e beijavam-lhe os pés por cima da

coberta. O agonisante relanceou os olhos de sobre elles para a face

d'Azevedo, e murmurou:

--Serão vossos amigos tambem... Levai-os... Os pobrezinhos morreriam de

saudade... e miseria.

Os negros ajoelharam de mãos postas, e oraram. Corinna insensivelmente

ajoelhou tambem, conservando entre as suas a mão do moribundo.

CONCLUSÃO.

Passados seis mezes, á porta do quinteiro de uma pequena granja, visinha

de Barcellos, parou uma liteira, d'onde apearam Antonio d'Azevedo e

Corinna da Soledade. Logo em seguida, chegaram algumas cargas,

acompanhadas por negros, em volta dos quaes o rapazio de Barcellinhos

fizera grande alarido de apupos e espirros. Das tres escravas, uma só

resistira á saudade do senhor; os pretos viviam todos, amparados pelo

bom tracto dos novos amos.

As irmans do bacharel vestiam as suas mais vistosas e secias galas. Eram

quatro frescas moças, robustas, côr escarlate de quem vende saude,

alegria a desbordar do coração aos olhos, e um rir franco e aberto de

innocencia, e felicidade expansiva.

Corinna abraçou-se n'ellas, que a levaram em andor para o primeiro

sobrado. N'este sobrado, algum tanto escuro, rescendia um acre de

rosmaninho e alecrim, como em festividade de presbyterio. Por cima de

mesas, commodas, e banzos das janellas, tudo eram jarras de louça

ordinaria com grandes feixes de dhalias, rozas e folhudos gira-soes. O

oratorio estava aberto, e allumiado o crucifixo com a lampada usual, e

mais duas vellas de cera de meio arratel, voto da mais nova das meninas.

Os frizos do sanctuario eram grinaldas de flores, atadas pelas hastes

umas n'outras, enfeite de menos engenho que apparato.

Antonio d'Azevedo entrou depois de sua mulher; sentou-se em um tamborete

de coiro; descobriu-se, quando deu pela imagem do Christo, e murmurou:

--Finalmente!

Corinna da Soledade sentou-se á sua beira, e disse-lhe:

--Que celestial graça tem isto tudo, ó filho!

--Aqui tens a pobre casa onde nasci. Corinna!...--disse Azevedo,

relanceando em redor os olhos humidos--Isto póde explicar a estreiteza

das minhas ambições. Moldou-se-me a alma nas dimensões acanhadas d'esta

casinha. Olha as flores de que eu tinha tantas saudades! Alli tens a

minha banca de estudo... Lá estão ao lado do oratorio os meus primeiros

livros... Mas como isto é pequeno! Como caberemos aqui!

--Perfeitamente, Antoninho!--disse Corinna.

Entrou, n'este ensejo, Joaquim d'Azevedo, o negociante do Porto, que

ficara arrumando n'outro sobrado os bahus.

--Não sei, não sei como hão de caber aqui, meus irmãos--disse elle,

rindo--Tu já sabes, Antonio, que, além d'esta saleta, e dois quartos,

segue-se um casarão velho, e umas oito alcovas, de que os ratos estão de

posse immemorial. Ora vem ver! Estou certo que a nossa Corinna vai ficar

espavorida!

Abriu Joaquim de Azevedo a porta que abria para o casarão. Antonio fez

pé atraz de maravilhado. Tinha diante de si uma sala luxuosamente

trastejada, com janellas lateraes rasgadas em arco, e envidraçadas a

cores. A jardineira central estava cogulada de flores raras, e ricas

encadernações de albuns. A um lado o piano. A outro a othomana e as

cadeiras de respaldo em setim amarello. No centro, o lustre pendente do

estuque primorosamente lavrado da mais engenhosa filagrana. Ao fundo

d'esta sala estava um quarto com recamara, espaçoso, alegre, com alfaias

de muito valor e gosto.

--É o vosso quarto, meus irmãos--disse Joaquim--Ao lado tendes outro:

será o do vosso primeiro filho. Quando os filhos augmentarem, iremos

rompendo com o edificio pelo campo, ou daremos á casa a largura que

precisa para corresponder ao comprimento. O defeito não foi do mestre

architecto: foi meu por tua causa. Era preciso, cá para o meu plano um

pouco de peça magica, que tu visses a frontaria da velha casa, e não

podesses ver o fundo. O que era de nossos paes, está em pé; tens que

farte onde ver o teu passado; tudo se conservou por amor de ti, que tens

lá essa poesia das casas velhas. Mas has de perdoar que eu tenha

destruido o casarão, antes que os ratos devorassem as nossas irmans.

Antonio abraçou Joaquim de Azevedo com fervorosa alegria, e este, com o

outro braço, apertou Corinna ao peito.

Seguiu-se um dia e muitos dias de contentamento incessante. A cada hora

em que se encontravam juntos, á mesa, no jardim, nos campos, ou á margem

do Cávado, era uma festa, uma alegria de crianças!

Gastão de Noronha estava já em Lisboa, de volta de França, onde se

deteve um anno a comprar a mobilia. Aquellas duquezas eram os seus

peccados!

Fernando de Athaide desceu do alto-Minho a receber seus cunhados na

quinta do Lima. Tambem Corinna queria ir reconhecer os arvoredos de sua

infancia, e mostrar ao marido os logares onde chorara mais lagrimas de

saudade. N'esta quinta se reuniram as quatro irmans casadas.

Emma, viscondessa da Cruz, tinha nutrido muito; e, com quanto o jubilo

lhe désse azas, não cessava de queixar-se dos incommodos de tamanha

viagem, desde o Porto alli! Leonor, casada com Luiz Taveira, ria muito

da irman gorda, chamava-lhe o ideal da preguiça, e saltava muito,

pendurada no braço do marido, que era doido por ella. O velho Bernardo

Taveira seguiu os filhos, e fazia discursos, que ninguem lhe ouvia,

excepto Antonio d'Azevedo, que via n'elle um dos classicos velhos

talhados a molde das virtudes de Valentim da Costa. Dias depois, chegou

Gastão de Noronha, Mafalda e Elisa, a mais nova, e ainda solteira das

meninas. Gastão, com todo o aprumo de sua fidalga altivez, approximou-se

do genro Azevedo, abraçou-o cordialmente, e disse-lhe:

--Meu caro commendador!

--Vossa excellencia está enganado!--disse o attonito Azevedo--Eu sou,

salvo a pequena differença de alguns cabellos brancos, o Antonio de

Azevedo de 1844.

Gastão tirou da algibeira uma chapa refulgente da ordem de Christo, e

disse:

--Aqui tem! É o meu presente de noivado.

--Muito agradecido a vossa excellencia--disse Antonio

d'Azevedo--Qualquer dadiva de vossa excellencia me alegra; e esta, que

tanto luz, deve ser muito agradavel entre os brinquedos de meu primeiro

filho.

--Mas eu quero que a use--tornou o sogro.

--Na minha aldeia?--perguntou o genro.

--Em Lisboa, para onde eu quero que o senhor vá gosar a vida e a riqueza

que tem. A minha Corinna não se fez para o mato de Barcellos. Não é

assim menina?

--Respeito muito a vontade de meu pae--disse Corinna com submissão--mas

a nossa casa é em Barcellos, e as minhas flores estão lá por aquelles

matos. Tenho lá uma segunda familia que me chama, e á qual eu tenho

escrupulos de roubar por mais dias o seu irmão querido. Ámanhan

partiremos.

Antonio de Azevedo, sem temer reparos, cedeu á alma reconhecida, e deu

um beijo na face de sua mulher.

EPILOGO.

Lá vão quatorze annos.

Não me consta que tenha morrido algum dos personagens que ha instantes

vimos tão alegres nas margens do Lima.

Conhecem romance em que tenha morrido tão pouca gente? Eu não! Se

aquelle santo do Rio de Janeiro não vergasse debaixo dos oitenta annos,

ainda agora podia estar no seio da patriarchal familia de Barcellos,

onde elle tencionava acabar seus dias.

As irmans de Antonio de Azevedo estão todas casadas, e senhoras de boas

casas de lavoira e numerosa descendencia.

Está ainda solteira Eliza, a irman mais nova de Corinna. Tem hoje trinta

e um annos. É ainda formosa. Se o leitor é solteiro e rico... (não será

mau que seja rico, para maior segurança) póde dar a este romance um

supplemento, casando com aquella senhora, que está aqui em Lisboa. Eu de

muito boa vontade, na segunda edição d'este romance, darei a possivel

immortalidade ao acto.

Pude tambem saber que o menino mais velho de Antonio d'Azevedo amolgou a

commenda na borda de um tanque, e acabou por atirar com ella a um poço.

Que grande democrata se está alli criando!

FIM.

Notas:

[1] O \_Snr. Antonio Pereira da Cunha\_.

[2] O \_Snr. José Barbosa e Silva\_, author do romance==Viver para

soffrer.

Lista de erros corrigidos

Aqui encontram-se listados todos os erros encontrados e corrigidos:

+----------+-------------------------+----------------------+

| | Original | Correcção |

+----------+-------------------------+----------------------+

|#pág. 65| Ningnem | Ninguem |

|#pág. 164| pimas | primas |

|#pág. 178| ao labios | aos labios |

|#pág. 184| nogociante | negociante |

+----------+-------------------------+----------------------+

Foram mantidas as variações de nomes próprios.

End of the Project Gutenberg EBook of Estrellas Propícias, by

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK ESTRELLAS PROPÍCIAS \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 33788-8.txt or 33788-8.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:

http://www.gutenberg.org/3/3/7/8/33788/

Produced by Rita Farinha, Alberto Manuel Brandão Simões

and the Online Distributed Proofreading Team at

http://www.pgdp.net (This book was produced from scanned

images of public domain material from the Google Print

project.)

Updated editions will replace the previous one--the old editions

will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no

one owns a United States copyright in these works, so the Foundation

(and you!) can copy and distribute it in the United States without

permission and without paying copyright royalties. Special rules,

set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to

copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to

protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project

Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you

charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you

do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose

such as creation of derivative works, reports, performances and

research. They may be modified and printed and given away--you may do

practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is

subject to the trademark license, especially commercial

redistribution.

\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\*

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free

distribution of electronic works, by using or distributing this work

(or any other work associated in any way with the phrase "Project

Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project

Gutenberg-tm License (available with this file or online at

http://gutenberg.org/license).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm

electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm

electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to

and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all

the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy

all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.

If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project

Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the

terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or

entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be

used on or associated in any way with an electronic work by people who

agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few

things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works

even without complying with the full terms of this agreement. See

paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project

Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement

and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic

works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project

Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the

collection are in the public domain in the United States. If an

individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from

copying, distributing, performing, displaying or creating derivative

works based on the work as long as all references to Project Gutenberg

are removed. Of course, we hope that you will support the Project

Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by

freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of

this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with

the work. You can easily comply with the terms of this agreement by

keeping this work in the same format with its attached full Project

Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern

what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check

the laws of your country in addition to the terms of this agreement

before downloading, copying, displaying, performing, distributing or

creating derivative works based on this work or any other Project

Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning

the copyright status of any work in any country outside the United

States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate

access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently

whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the

phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project

Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed,

copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.org

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived

from the public domain (does not contain a notice indicating that it is

posted with permission of the copyright holder), the work can be copied

and distributed to anyone in the United States without paying any fees

or charges. If you are redistributing or providing access to a work

with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the

work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1

through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the

Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or

1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution

must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional

terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked

to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the

permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm

License terms from this work, or any files containing a part of this

work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this

electronic work, or any part of this electronic work, without

prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project

Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary,

compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any

word processing or hypertext form. However, if you provide access to or

distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than

"Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version

posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.org),

you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a

copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon

request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other

form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm

License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying,

performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing

access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided

that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from

the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method

you already use to calculate your applicable taxes. The fee is

owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he

has agreed to donate royalties under this paragraph to the

Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you

prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax

returns. Royalty payments should be clearly marked as such and

sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the

address specified in Section 4, "Information about donations to

the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies

you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he

does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm

License. You must require such a user to return or

destroy all copies of the works possessed in a physical medium

and discontinue all use of and all access to other copies of

Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the

electronic work is discovered and reported to you within 90 days

of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free

distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm

electronic work or group of works on different terms than are set

forth in this agreement, you must obtain permission in writing from

both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael

Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the

Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable

effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread

public domain works in creating the Project Gutenberg-tm

collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic

works, and the medium on which they may be stored, may contain

"Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or

corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual

property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a

computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by

your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right

of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project

Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project

Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all

liability to you for damages, costs and expenses, including legal

fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT

LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE

PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH

DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a

defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can

receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a

written explanation to the person you received the work from. If you

received the work on a physical medium, you must return the medium with

your written explanation. The person or entity that provided you with

the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a

refund. If you received the work electronically, the person or entity

providing it to you may choose to give you a second opportunity to

receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy

is also defective, you may demand a refund in writing without further

opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth

in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO

WARRANTIES OF MERCHANTIBILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied

warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages.

If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the

law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be

interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by

the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any

provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the

trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone

providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production,

promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works,

harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees,

that arise directly or indirectly from any of the following which you do

or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm

work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any

Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of

electronic works in formats readable by the widest variety of computers

including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists

because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from

people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the

assistance they need, are critical to reaching Project Gutenberg-tm's

goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure

and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations.

To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4

and the Foundation web page at http://www.pglaf.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive

Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit

501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the

state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal

Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification

number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at

http://pglaf.org/fundraising. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent

permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S.

Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered

throughout numerous locations. Its business office is located at

809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email

business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact

information can be found at the Foundation's web site and official

page at http://pglaf.org

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby

Chief Executive and Director

gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide

spread public support and donations to carry out its mission of

increasing the number of public domain and licensed works that can be

freely distributed in machine readable form accessible by the widest

array of equipment including outdated equipment. Many small donations

($1 to $5,000) are particularly important to maintaining tax exempt

status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating

charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a

considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up

with these requirements. We do not solicit donations in locations

where we have not received written confirmation of compliance. To

SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any

particular state visit http://pglaf.org

While we cannot and do not solicit contributions from states where we

have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition

against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make

any statements concerning tax treatment of donations received from

outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation

methods and addresses. Donations are accepted in a number of other

ways including checks, online payments and credit card donations.

To donate, please visit: http://pglaf.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic

works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm

concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project

Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed

editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S.

unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily

keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

http://www.gutenberg.org

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm,

including how to make donations to the Project Gutenberg Literary

Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to

subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.